



Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DA APÓCOPE DE /R/, /S/
E /N/ EM CONTEXTO BRASILIENSE-GOIANO**

JESSÉ DA SILVA LIMA

BRASÍLIA

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

**ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA DA APÓCOPE DE
/R/, /S/ E /N/ EM CONTEXTO BRASILIENSE-GOIANO**

Jessé da Silva Lima

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADOR: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2016

que essa melodia me recorde destes dias

em que mesmo sem sentir Sua presença

eu sei que estava aqui

(Outono, de Os Arrais)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por sempre me fazer olhar para os montes e lembrar que Ele tem providenciado o socorro.

Faço menção também:

À minha família, por ser o meu porto seguro, apesar da distância dos últimos dias. Que o nosso amor seja tão espesso quanto o sangue que nos une;

À minha querida orientadora, professora Ulisdete, que desde o segundo ano de faculdade tem-me ensinado muito mais que teorias linguísticas. Obrigado pela compreensão e companheirismo tão marcantes em minha vida pessoal e acadêmica.

Ao Núcleo de Vida Cristã (NVC) e a ABU (Aliança Bíblica Universitária), dois grupos que me proporcionaram grandes amigos e momentos que me acompanharão por toda a vida;

E aos parceiros de graduação, que choraram e riram comigo nessa jornada. Ela está terminando, mas a nossa amizade permanecerá.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sociolinguístico da apócope de /R/, /S/ e /N/ em codas finais, tendo como *corpus* algumas produções de indivíduos moradores de Goiás, Brasília e a região que fica em seu entorno. O objetivo é verificar o funcionamento desses três fenômenos de variação em textos orais e escritos, para auxiliar na interpretação do que favorece ou não a sua realização. Os dados foram colhidos através de entrevista pessoal e também de textos autorais dos informantes, para, em seguida, serem analisados e quantificados segundo a Teoria da Variação, da Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov. Como base teórica, utilizo textos de Mollica (2003), Monteiro (2000), Mattoso Câmara (1999) e Bisol (1997), além das gramáticas de Bechara (2009), Coutinho (1975) e Bagno (2011). A conclusão encontrada é a de que as apóopes de /R/, /S/ e /N/ estão interligadas a fatores sociais e linguísticos dentro da sociedade e apresentam resultados diferentes, mas todas operam segundo o princípio da economia linguística, que visa facilitar a produção de vocábulos e expressões na língua.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Variação Linguística, Apócope, Consoante /R/, Consoante /S/, Consoante /N/, Brasília, Goiás e Entorno de Brasília.

SUMÁRIO

- 1. APRESENTAÇÃO, 7**
- 2. METODOLOGIA, 9**
- 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, 14**
- 4. ANÁLISE DE DADOS, 25**
- 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 80**

APÊNDICES, 81

1. Informante 1 – TG, 81
2. Informante 2 – CO, 94
3. Informante 3 – MK, 101
4. Informante 4 – RT, 115
5. Informante 5 – JS, 126
6. Informante 6 – WY, 133

ANEXOS, 144

1. Roteiro da entrevista, 144

BIBLIOGRAFIA, 146

1. APRESENTAÇÃO

A ideia desse trabalho surgiu enquanto eu participava do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), espaço que me deu a oportunidade de ministrar aulas de redação para turmas de 1º ano do Ensino Médio. Vivenciando e construindo um relacionamento de ensino-aprendizagem com os adolescentes que foram meus alunos, pude notar que, algumas vezes, eles escreviam de forma parecida com que falavam.

Partindo dessa impressão, fui observando e escolhendo o fenômeno que figurasse como mais interessante para mim. Todavia, quando olhamos para a linguagem deparamo-nos com uma imensidão de possibilidades. É fato que as línguas naturais são sistemas dinâmicos e mutáveis e que nenhuma delas encontra-se livre de variação, o que não é diferente com o Português Brasileiro (PB). Essas variações acontecem tanto na fala quanto na escrita, e é interessante perceber como esses níveis relacionam-se e interferem-se mutuamente.

Desse modo, vários fenômenos de variação e mudança podem ser vistos quando olhamos para o PB atual e, dentro desse grande mar de realizações, acabei chegando ao processo metaplasmático da apócope, a famosa queda de consoantes finais que caracteriza o Português Brasileiro. Em termos teóricos, metaplasmos são processos fonético-fonológicos de queda, aumento ou permuta de elementos constituintes das sílabas e palavras, sendo a apócope aquele relacionado aos processos de queda em finais de sílabas.

Assim, nesse trabalho, focalizarei a queda do /R/, do /S/ e do /N/ em final de palavra e analisarei dados retirados da oralidade e da escrita. Ocorrências desse fenômeno não são difíceis de serem encontrados, como, por exemplo: ‘Está’ em vez de ‘estar’, ‘as casa’ quando a regra de concordância nominal pede ‘as casas’ e ‘eles fizero’, quando a gramática normativa exige ‘eles fizeram’.

Essas realizações acontecem na oralidade e já fazem parte, inclusive, da variedade culta do PB. O /R/ em final de palavras é frequentemente apagado, o que, muitas vezes, causa confusão entre os falantes, pois o verbo no infinitivo (amar) é pronunciado de forma parecida com o verbo conjugado na 3ª pessoa singular no presente do indicativo (ama), mudando apenas a tonicidade. Isso afeta a morfossintaxe e atinge o quadro de conjugações dos verbos no PB.

A queda do /S/ em nomes, também, é comum na fala dos brasileiros, independentemente de posição social ou região geográfica, e acontece quase sempre quando precedida de um artigo flexionado no plural (exemplo: os menino). Esse processo afeta, igualmente, a morfossintaxe da nossa língua e traz mudanças ao quadro flexional, mudando os parâmetros de concordância nominal até então conhecidos.

Por fim, a queda do /N/, especialmente em verbos conjugados na terceira pessoa do plural (exemplo: elas saíro), vem acompanhado de outros processos, como a queda da nasalidade e o alteamento da vogal [a], que cede lugar ao [o] ou [u], e quebra o padrão de concordância dos verbos.

O estudo desses fenômenos justifica-se pela importância de entendermos como a língua se realiza em suas interfaces sociais e estruturais. Quanto mais pudermos descrever e interpretar as causas extralinguísticas e linguísticas que movem a língua, mais perto estaremos de entender o ser humano como um agente cultural e multiforme, que, essencialmente, (inter)age no mundo por meio da palavra.

Partindo, então, da observação desses três processos, analisarei textos orais de indivíduos diversos, divididos por escolaridade (com ou sem ensino superior) e lugar geográfico (Goiás, Entorno do Distrito Federal e Brasília), além de levar em consideração o nível de monitoramento dos indivíduos enquanto falam. Isoladamente, também observarei textos escritos dos mesmos indivíduos.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender a realização desses fenômenos (as variações pelas quais perpassam os diversos níveis da língua), destacando os fatores que os condicionam no nível social e estrutural, ou seja, os condicionamentos sociolinguísticos que os desencadeiam e sustentam.

Estruturalmente, esse trabalho organiza-se em cinco partes: Apresentação, onde um apanhado geral do tema, dos objetivos e das questões a serem abordadas são explanados de forma resumida; Metodologia, onde veremos a contextualização teórica e um breve histórico das áreas envolvidas com esse trabalho, além da descrição do ambiente de pesquisa, dos informantes e das variáveis a serem trabalhadas; Pressupostos Teóricos, onde observaremos os estudos já realizados que se aproximam desse trabalho, como também alguns conceitos fundamentais das áreas envolvidas; Análise, onde estudaremos, detalhadamente, os dados

obtidos e proporemos explicações pertinentes e, por fim, as Considerações Finais, espaço destinado a conclusão do trabalho.

O problema central a ser debatido é o porquê de a apócope estar presente na escrita e na fala dos brasileiros. Partirei da hipótese de ser um fator causado por um processo de simplificação silábica, em que o falante busca tornar mais fácil a realização de algumas palavras e sintagmas e acaba seguindo o princípio da Economia Linguística, tendência universal dos falantes a preferirem as formas mais simples e que exigem menos esforço, vide item 3.2.1. O decorrer da pesquisa mostrará a validade ou não dessa suposição e indicará qual caminho é mais seguro para ser percorrido neste estudo.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste na contextualização do trabalho, tanto teoricamente quanto das variáveis sociais e linguísticas que nortearão a pesquisa.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho baseia-se no método de pesquisa de campo, onde os fatos do mundo são observados e coletados para, depois, serem aferidos com base em uma teoria científica. Assim, o pesquisador pode interpretar as causas do problema e oferecer uma interpretação e, até mesmo, soluções. Aqui, seguirei os preceitos da área de estudo que convencionou-se chamar de Sociolinguística.

Surgida nos Estados Unidos da América em meados de 1960, essa linha de pesquisa visa estudar a Linguagem através de um ponto de vista social. Ela foi proposta pelo americano William Labov, que enxergou as línguas do mundo como sistemas complexos e heterogêneos, e por isso sugeriu mudanças na forma e na relevância que as teorias linguísticas da época davam ao contexto e a variabilidade social. Para ele (*apud* MONTEIRO, 2000), ignorar tal aspecto da linguagem é ignorar a própria linguagem, pois, em sua opinião, a linguagem é um fato eminentemente social, o que tornaria incompletas as pesquisa linguísticas que restringem-se à estrutura interna e não interagem com o meio.

Partindo desse viés, ele pesquisou o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard com o intuito de entender como acontecia a variação entre duas formas de ditongo nessa variedade oral. O seu método foi induzir os indivíduos a falarem uma palavra com esse ditongo específico para analisar como tal fenômeno variacional se distribuía através das classes

sociais, dos diferentes gêneros, idades e outros fatores que poderiam ser relevantes para o caso, além das variáveis linguísticas que já eram consideradas em seus estudos anteriores.

Dessa forma ele obteve o primeiro trabalho baseado no aporte teórico a qual propunha. A partir dele, toda a área estruturou-se e, hoje, temos uma linha de pesquisa sólida e bem estabelecida. No entanto, é importante ressaltar que, dentro da Sociolinguística, há várias correntes e que o presente estudo foi produzido a partir da que chamamos de “Teoria da Variação” ou “Sociolinguística Variacionista”. Essa linha afirma que o trabalho com a língua “deve partir do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente” (Monteiro, 2000), além de trabalhar com dados coletados da fala e escrita real dos indivíduos. O foco é a variação linguística e as suas formas de concorrência, ou seja, quando duas variantes disputam entre si, e coconcorrência, quando ambas são usadas ao mesmo tempo, como afirmam Lucchesi e Araújo (2016). É comum o uso de porcentagens, tabelas e outros recursos quantitativos na composição dos estudos.

2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

O ambiente deste estudo será a região Centro-Oeste do Brasil ou, mais precisamente, o estado de Goiás, com foco no município de Luziânia, o Distrito Federal e a região do Entorno do Distrito Federal.

Goiás é uma Unidade Federativa do Brasil que possui, estimativamente, 6.686.034 habitantes (segundo projeção do IBGE) e agrega uma área total de 340.111,783 km². É o maior Estado de sua região e destaca-se por seu desenvolvimento no agronegócio, principalmente na área da plantação de soja. A sua história remonta ao século XVII, quando os bandeirantes desbravavam o país em busca de índios, com o intuito de utilizá-los como mão de obra escrava, e ouro. Tal minério foi encontrado no local que viria a ser Goiás, e, desde então, iniciou-se, ali, uma ocupação.

O município de Luziânia fica localizado no leste goiano. Conta com uma população estimada de 194.039 (IBGE) e possui 3.961,099 km² de área total. É a maior cidade do chamado Entorno do Distrito Federal, composto por municípios goianos que circundam a área do DF. No entanto, é válido ressaltar que possui uma cultura, extremamente, regional e tipicamente goiana, o que pode ser explicado pela sua história. Fundada em 1736 sob o nome de Santa Luzia, tinha como principal atividade econômica a extração de ouro do Rio Vermelho. Assim, por ser uma cidade histórica que possui uma cultura viva da ruralidade e da

religião católica (marcas presentes em todo o estado de Goiás), considerei-a como uma boa representante do falar goiano, mesmo com as possíveis interferências de Brasília nas realizações linguísticas de seus habitantes.

Figura 1 – Centro de Luziânia



Fonte: <http://fgm-go.org.br/wp-content/uploads/2013/12/luzianiapormarcosantoniin3.jpg>

A micro-região denominada Entorno de Brasília é composta por vinte municípios goianos localizados ao redor do Distrito Federal. Algumas dessas cidades sofrem com problemas de infra-estrutura seríssimos, apesar de estarem localizadas entre duas unidades federativas bastante abastadas do país. Além disso, é possível notar certa crise identitária generalizada, principalmente nos municípios mais próximos do Distrito Federal e com uma distância maior da capital de Goiás, a respeito de como os habitantes desses locais se enxergam e constroem a própria identidade: se brasilienses ou goianos. Isso gera um quadro interessantíssimo que afeta a maneira desses indivíduos se expressarem e atuarem no meio social, o que engloba, também, a língua.

Como citado anteriormente, a cidade de Luziânia mantém-se com a sua cultura goiana resguardada por causa de fatores já narrados, assim como alguns outros municípios que se localizam um pouco mais distantes da capital federal, como por exemplo Padre Bernardo, Pirinópolis, Alexânia, Água Fria de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Mimoso de Goiás, Cabeceiras etc. Já naquelas cidades que ficam muito próximas ao Distrito Federal, a identificação com o estado de Goiás sofre uma fusão com as práticas e costumes do DF. São elas: Cidade Ocidental, Valparaíso de Goiás, Planaltina, Águas Lindas de Goiás, Novo Gama e Santo Antônio do Descoberto. Torna-se muito importante ressaltar, também, que, nesses municípios, há um grande número de nordestinos e filhos de nordestinos que vieram para o

local a fim de tentar uma vida mais próspera e com empregos melhores em Brasília. Assim, a cultura do Nordeste também é, igualmente, muito forte nesses municípios e amplia, ainda mais, o quadro de multiculturalismo e plurindentidade presentes.

Por fim, para fechar a descrição geográfica dos ambientes que serão alvos de minha pesquisa, irei deter-me ao Distrito Federal. A sua criação remonta ao século passado, em meados da década de 60, com o presidente Juscelino Kubitschek que resgatou um projeto antigo da década de 20 e autorizou a construção da nova capital do Brasil. É a Unidade Federativa mais jovem do Brasil, com apenas 56 anos de história. A sua capital é Brasília, projetada por Oscar Niemeyer em forma de avião e uma icônica obra da arquitetura moderna, mas também conta com 31 regiões administrativas que são geridas pelo Governo do Distrito Federal. É uma das cidades com a melhor infra-estrutura do Brasil, que se destaca pela grande qualidade de vida e o capital humano oferecido e difundido pelas suas ruas.

Figura 2: Vista aérea de Brasília



Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/dc/26/d0/dc26d085b81fd62294f94c6f66e1c876.jpg>

Para a realização do estudo em foco, seis pessoas foram entrevistadas, sendo duas do município de Luziânia, representando o estado de Goiás, duas da Região do Entorno do Distrito Federal e duas de Brasília. Todos possuem entre 20 e 28 anos. A análise considerará como variáveis sociais o nível de escolaridade (com ou sem ensino superior), a procedência e o nível de monitoramento da produção. A modalidade, que tratará dos textos escritos, será

isolada e analisada a parte. Para fins de citação, farei uso de legenda para referir-me aos indivíduos entrevistados e ressaltar as variáveis presentes na sentença analisada:

Procedência	Escolaridade	Monitoramento	Modalidade
A - Luziânia	1 - Sem ensino superior	S - Menos monitorado	E - Escrito
B - Brasília	2 - Com ensino superior	M - Mais monitorado	F - Oral
C - Entorno			

A escolaridade é um fator muito importante para a análise de variações linguísticas, pois sabemos que quanto maior o acesso à informação, menor será a realização de variantes estigmatizadas ou assim espera-se. Por isso, focamos a nossa análise entre pessoas formadas ou não no Ensino Superior, por esse ser um grande diferencial na vida social das pessoas do Brasil atual. Dentro desse paradigma, há uma grande influência de classe social, pois, no nosso País, o acesso à universidade pelas camadas mais pobres da sociedade é um fenômeno recente e ainda muito pequeno, logo, ao delimitarmos tal variável, trabalhamos também com o fator de renda e valor socioeconômico.

A procedência também pode mostrar-se relevante para o nosso estudo, vide todo o histórico cultural e dados geográficos supracitados. Assim, sabe-se que a base cultural de cada região pode interferir no modo como os falantes utilizam o português brasileiro, incluindo aspectos como sotaques, gírias locais, jargões etc.

A análise dos dados escritos também é muito importante para esse estudo, porém eles serão observados de forma isolada, para que suas características e especificidades sejam tratadas de modo separado.

E, por último, o grau de monitoramento a que os entrevistados são expostos pode nos ajudar a entender o estágio dessas variantes e qual delas está mais próxima ou mais distante da norma padrão atual, além de dar pistas sobre como cada falante avalia essas formas na língua.

Desse modo, temos o seguinte quadro:

		PROCEDÊNCIA		
ESCOLARIDADE		Luziânia	Brasília	Entorno
Com ensino superior		Entrevistado 1: CO	Entrevistado 1: RT	Entrevistado 1: WY
Sem ensino superior		Entrevistado 2: TG	Entrevistado 2: MK	Entrevistado 2: JS

Essas serão as siglas utilizadas para denominar cada um dos entrevistados de acordo com as suas características sociais.

Assim, espero fazer um trabalho útil e que ajude a entender um pouco mais da expressão oral e escrita do povo que constrói Goiás, Brasília e a intersecção entre ambos, contemplando-os como cidadãos e sujeitos agentes da cultura e da língua.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os pressupostos teóricos compreendem estudos realizados e ideias desenvolvidas no campo acadêmico que darão suporte a esse trabalho. Compõe-se de literaturas consultadas, gramáticas e estudos importantes já concluídos na área, além de conceitos que serão utilizados em análise posterior dos dados.

3.1. REVISÃO DA LITERATURA

Existem alguns trabalhos acadêmicos que versam sobre o assunto tratado nesse trabalho, o que me leva a fazer uma revisão daqueles que mais se aproximam do meu objeto de estudo, como também dos principais estudos feitos na área. Conjuntamente, apresentarei como esses fenômenos são tratados nas Gramáticas e discutirei a forma que os gramáticos apresentam cada um deles.

3.1.1 SOCIOLINGUÍSTICA

Existem alguns trabalhos na área da Linguística e, mais especificamente, da Sociolinguística que apontam alguns dados sobre as apócorpes de /R/, /S/ e /N. Mollica (2010), em seu estudo sobre o destravamento silábico, analisou textos de alunos do Ensino Fundamental II e constatou que a queda do /R/ em final de sílaba é muito comum na escrita das crianças e adolescentes. Outro dado que chama a atenção é que a ocorrência de queda é muito maior quando o /R/ está em final de palavras, o que, segundo a autora (MOLLICA,

2003, p.34), é explicado com base na fala dos brasileiros, onde as palavras que possuem /R/ final são pronunciadas cotidianamente sem a sua realização:

Observa-se então que há uma equiparação muito grande entre fala e escrita nas vibrantes. É por esse motivo que o problema ortográfico maior na escola vai concentrar-se nos casos de posição final, pois é nesse contexto que a mudança na fala apresenta-se avançada.

No mesmo estudo, Mollica discorre sobre a apócope de /S/ e [m] e aponta a importância desse fenômeno para o quadro de concordância nominal e verbal do PB. Ela defende como principais indicadores a saliência fônica, a extensão do vocábulo e a ordem dos elementos dentro do sintagma, resgatando Scherre (1993) que vê no português uma tendência de marcar sempre à esquerda.

Monteiro (2009) também pesquisou sobre a relação entre a oralidade e a escrita em respostas de questões discursivas feitas na Escola. Ela (MONTEIRO in: MOLLICA, 2009) analisou o quanto algumas marcas da oralidade migram para o discurso escrito dos estudantes:

O aluno dá as respostas como se estivesse conversando com o interlocutor, como se estivesse partilhando informações com ele; como se a escrita estivesse fluindo simultaneamente com o pensamento, assim como, em geral, o texto produzido oralmente é processado [...]

Moura e Ferreira (2003) pesquisaram sobre o metaplasmo de /R/ na fala dos moradores da cidade de São Luís dos Montes Belos, em Goiás, e chegaram a conclusão de que esse é um processo que já não é mais estigmatizado, pois é possível encontrá-lo em produções orais de indivíduos incluídos em todas as classes sociais, faixas etárias e escolaridades. Elas também indicaram que há uma maior incidência de casos dessa apócope quando a palavra é um verbo no infinitivo e que os dados apontam para uma mudança em curso, ou seja, os cidadãos da cidade estão preferindo uma forma em relação à outra.

Coelho & Teixeira (2011) também estudaram a apócope do /R/ em final de vocábulo, porém no espectro da oralidade, mas sem se restringir ao ambiente escolar. As autoras fizeram uma pesquisa com falantes de Luanda e constataram que lá vemos o mesmo fenômeno acontecendo, o que as fazem considerá-la uma variante estável. Ela aproxima o Português de

Angola (PA) do PB do século XIX e do atual falado em cidades do interior. Uma das hipóteses levantadas é que a queda do /R/ no final de palavras do PB é uma decorrência da influência africana sobre a nossa língua.

Scherre & Naro (1993), no artigo *Sobre as Origens do Português Popular do Brasil*, discorrem minuciosamente sobre a queda do /R/ em codas finais do PB, assim como da variabilidade dos processos de concordância nominal e verbal de nossa língua, o que inclui a apócope de /S/ e de /N/. Os autores (SCHERRE & NARO, 1993, p. 32) discutem as duas correntes que tentam explicar esse fenômeno tão presente no PB¹.

Um dos fenômenos mais freqüentemente citados como sendo de origem crioula no português do Brasil é a variabilidade dos sistemas de concordância nominal (Coelho, 1967) e verbal (Guy, 1989). As línguas crioulas típicas, bem como certas línguas da África ocidental, costumam apresentar uma única forma lexical que não admite qualquer modificação para indicação de noções subsidiárias do tipo pessoa, gênero, número, tempo, aspecto etc. Segundo esse ponto de vista, a perda (parcial ou total) dos mecanismos de concordância no Brasil, em especial a nominal, segundo Coelho (1967) e Guy (1989), seria o resultado da "africanização" do português, em outras palavras, de reestruturação gramatical do português, de acordo com algum modelo africano, em terras brasileiras.

É perfeitamente possível, entretanto, que a língua portuguesa já possuísse o embrião do novo sistema mais analítico, antes mesmo de sair da Europa. Tal estado de coisas se torna bastante plausível dada a deriva secular das línguas românicas, e indo-européias de maneira geral, em direção à uniformização morfológica, com a sobrevivência apenas das formas 'irregulares' mais salientes.

Assim, arrematam (SCHERRE & NARO, 1993, p.46):

Concluimos, sugerindo uma descrição geral de nosso modelo de desenvolvimento do português popular do Brasil.

- 1) A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento.
- 2) No Brasil, este vetor se encontrou com outras forças que reforçavam e expandiam a direção original.

¹ Veremos a frente que esse debate é muito antigo, vide argumentos usados pelo gramático histórico Ismael de Lima Coutinho.

3) No início, uma dessas forças era a pidginização, que exercia uma influência sobre o português através da língua geral tupi e da "língua de preto" européia, revivificada no Brasil originalmente para uso com os ameríndios.

4) Ao longo de toda a história do Brasil, o processo de aprendizado do português como segunda língua teve seus efeitos documentados parcialmente.

5) Se existiu uma verdadeira língua crioula, caracterizada como sendo de "léxico português e gramática africana", ela cedo se evaporou sem deixar rastros na documentação. Sua possível influência no desenvolvimento do português do Brasil seria indistinguível da de outros eventuais pidgins ou crioulos de base não-européia.

3.1.2. GRAMÁTICAS

As gramáticas também tratam do tema a qual venho debruçando-me nesse trabalho, porém com visões particulares e a partir de conceitos próprios ao gênero, seja ela pedagógica, descritiva, histórica ou linguística.

Em seus grandiosos *Pontos de Gramática Histórica*, Ismael Lima Coutinho afirma que a tendência de apagamento nos sons finais das palavras já existia no Latim Vulgar, variedade que deu origem ao nosso Português. Ele chama esse processo de “obscurecimento dos sons finais” (1976). Vale ressaltar que aqui o autor não se refere apenas ao /S/, /R/ e /N/, principalmente porque tratam-se de arquinofemas do sistema fonológico português, e aqui ele está tratando de uma das variedades do Latim, porém não podemos ignorar esse fato, que pode até mesmo configurar uma tendência em nossa língua desde antes de sua criação, como já vimos em Scherre e Naro (1993).

Mais a frente, tratando agora das especificidades do Português Brasileiro, Coutinho (1976) discorre sobre a influência das línguas indígenas e africanas no processo de formação do PB e, segundo o gramático (COUTINHO, 1976, p. 326), foram essas duas que contribuíram para o que ele chama de ‘linguagem caipira’:

Com efeito, essas formas profundamente alteradas, esse vocabulário comum e rústico, essa construção viciadíssima, que caracterizam o falar do nosso roceiro, estão a atestar, em grande parte, a sua procedência *africana, indiana* ou *afro-indiana*.

Mencionemos de passagem alguns exemplos: amô (amor), jorná (jornal), papé (papel), fio (filho), mió (melhor), muié (mulher), fulô (flor), manginá (imaginar), gibêra (algibeira), quano (quando), andano (andando), caino (caindo), tomém (também),

istambo (estômago), cunzinhá (cozinhar), vancê, vamicê, mecê, ocê (você), sinhô, nhnhô, ioiô, inhô, nhô (senhor), sinhá, nhanhá, iaiá, inhá, nhá (senhora), etc.

Torna-se necessário explicar que a referência de Coutinho para a ‘boa língua portuguesa’ era a falada e escrita pelos lusitanos, por isso a sua visão soa tão preconceituosa aos nossos olhos e ouvidos do século XXI. Em todo o livro é possível encontrar o esforço do autor para aproximar o PB do Português Europeu (PE), pois isso garantiria *status* e uma maior valorização para a língua do Brasil. Os ‘ruídos’ trazidos pelos indígenas e africanos seriam uma forma de corrupção desse ideal linguístico, por isso são combatidos veemente e taxados de ‘rústicos’ e ‘construções viciadíssimas’.

Ademais, quando observamos os exemplos dos ‘barbarismos’ indicados por Coutinho, encontramos vários processos fonológicos, inclusive palavras que sofreram apócope final do /R/ (amô, mió, manginá, etc). Não vemos a queda de /S/ e /N/, mas fica registrado que a apócope era presente no PB interiorano e que sofria bastante estigmatização.

Bechara (2009) não cita nada que possa relacionar-se à queda do /R/ em sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Entretanto, tece um comentário que nos norteia à sua posição ante a apócope de /S/ e /N/ quando essas acarretam em quebra de concordância nominal e verbal. Ele (BECHARA, 2009, p.598) chama esse processo de Solecismo e o define:

1) Solecismo - É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazemos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Faz-se necessário lembrar que a proposta de Bechara é a de nos apresentar uma gramática descritiva-normativa, por isso são esperados nela conceitos e definições voltados à Tradição Gramatical. Ainda assim, é importante perceber que o autor faz referência às outras variedades disponíveis na língua, como a popular e a coloquial, trazendo a ideia de

situcionalidade da linguagem. Aqui, Bechara está preocupado em descrever como o indivíduo deve escrever em Português, por isso não é estranho encontrar tal excerto em sua obra.

Já Bagno (2011, p.643) nos traz uma proposta diferente em sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. Ao discorrer sobre Concordância Nominal, o autor aponta a redundância do processo previsto nas gramáticas tradicionais e exemplifica alguns casos em que o falante só marca o plural do primeiro elemento, o determinante. Um dos exemplos usados é: *Eles ainda não chegou*.

A pergunta que, inconscientemente, nos fazemos, impelidos por nossa intuição linguística é: para quê? Para que marcar redundantemente a pessoa e o número tanto nos índices de pessoa e na não-pessoa quanto na terminação do verbo? Por que não ficar com só um desses conjuntos de marcas?

3.2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS DAS ÁREAS ENVOLVIDAS

Para uma melhor fundamentação teórica desse trabalho, torna-se necessário que eu apresente alguns conceitos que perpassarão toda a obra, servindo de base para análise que, aqui, será desenvolvida.

3.2.1. SOCIOLINGUÍSTICA

Já foi dito que a Sociolinguística é uma linha de pesquisa da Linguística que integra os estudos da linguagem com os estudos da sociedade, ou seja, através dela olhamos para a linguagem como um construto social que recebe influências dos indivíduos e das estruturas presentes na sociedade. Além disso, foca-se nas variações presentes na língua e conclui-se que “toda língua é variada, multifacetada, heterogênea, não monolítica nem uniforme.” (DIONÍSIO, 2005, p. 74 *apud* MOURA & Ferreira, 2008, p. 208).

Dessa forma, é importante que eu saliente alguns conceitos específicos da área. Um deles é o que chamamos de **estigmatização**, que é o processo de vincular um estigma social de determinado grupo social à variante linguística usada por seus membros. Ele geralmente relaciona-se à classe social, o que condiciona os indivíduos com menos poder econômico a uma espécie de segregação, mas também pode agir entre gêneros, diferentes idades, espaços geográficos etc.

Outro conceito pertinente, e que está intrinsicamente ligado ao primeiro, é o **preconceito linguístico**. Ele o resultado da estigmatização e revela-se quando alguém sofre represália velada ou explícita por utilizar uma variante linguística estigmatizada. Segundo alguns autores, essa prática é incentivado pela Escola e pela nossa estrutura social desigual e excludente. Bagno (2011, p. 96) faz as seguintes considerações:

Como já repeti várias vezes, esse preconceito foi e (infelizmente) continua sendo transmitido e preservado pela pedagogia tradicional de língua. Muitas e muitas pessoas abandonam os estudos porque ficam traumatizadas ao entrar na escola e, logo em seus primeiros contatos com o mundo escolar, ser alvo de discriminação, de deboche, de piada por causa do seu jeito de falar - discriminação praticada não só pelos colegas, mas também por muitas professoras e professores.

Também é mister diferenciar duas terminologias que não raramente são confundidas: **Variação e mudança**. A primeira é um fenômeno geral em que duas formas homônimas de realizar o mesmo enunciado coexistem na língua. Um exemplo de variação é a concordância nominal, onde as palavras que seguirem o determinante podem ou não ser preenchidas pelo arquifonema /S/ ou variantes. Já a mudança acontece quando duas variações disputam um mesmo espaço na estrutura gramatical de uma língua, levando obrigatoriamente uma delas a vencer e a outra a ser eliminada. Um exemplo foi o processo diacrônico da alteração de casos morfológicos do Latim para o sistema pronominal atual das línguas neo-latinas.

Igualmente é comum confundir variante com variável, porém esses dois termos possuem significados diferentes. Basicamente, a **variante** é aquilo que compõe a variação, ou seja, são as formas que coexistem e fazem a variação acontecer. Para continuar com o exemplo dado acima, a variante /S/ é uma das que encontramos quando olhamos para o quadro de concordância nominal do PB, assim como também o é o espaço vazio []. Por outro lado as **variáveis** são os traços que acompanham cada uma das e podem ser linguísticos ou extra-linguísticos. São exemplos de variáveis: Sexo, idade, classe social, classe gramatical, posição na sílaba, extensão do vocábulo etc.

Também torna-se bastante necessária a conceituação de **Economia Linguística** que é uma das leis linguísticas universais. Por ela, postula-se que todos os falantes tendem a procurar inconscientemente por formas mais simples e menos onerosas de produzir

linguisticamente. Bagno (2011, p.147) também descreve que essa lei é um fator sociocognitivo:

Economia Linguística é um termo que recobre uma variada gama de processos que se caracterizam por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: a) poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes;

b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa.

3.2.2. FONÉTICA-FONOLOGIA

A Fonética é a área que estuda a realização dos sons emitidos pelo nosso aparelho fonador. Cristóforo (2013, p.23) descreve-a da seguinte maneira: “ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”.

Já a Fonologia, área muito próxima da Fonética, porém com um enfoque diferente, pesquisa a significação desses sons nos sistemas de cada língua, como nos explica Matzenauer (2005):

A fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, de sua de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe.

Essas duas áreas possuem unidades mínimas que são as bases de seus estudos. Na fonética, temos os **fonos**. Eles representam os sons que o aparelho fonador humano é capaz de produzir e possuem um alfabeto internacional (Internacional Alphabetic Phonetic - IPA), onde cada som possui um símbolo específico. Tradicionalmente, é transcrito entre colchetes. Exemplo: Uva [uva]. Cristofaro (2013, p. 127) os descreve da seguinte maneira: “são fonos todos aqueles segmentos consonantais e vocálicos que identificados na transcrição fonética do corpus. Em outras palavras, fonos são os segmentos encontrados no quadro fonético”.

Na Fonologia, a unidade mínima é o **fonema**, ou seja, um som significativo dentro do sistema linguístico. Ele não é apenas uma realização sonora feita pelo ser humano, mas um

som capaz de distinguir significado. Tradicionalmente, é transcrito entre barras, por exemplo casa /kaza/.

Matzenauer (2005) expressa as semelhanças e diferenças dessas áreas e conceitos:

Por essa caracterização, pode-se ver que a fonética se dedica ao estudo de todo som produzido pelo aparelho fonador e utilizado na fala; a fonologia, diferentemente, detém-se nos sons capazes de distinguir significados - tradicionalmente designados *fonemas* - e na forma como se organizam e se combinam para formar unidades.

Existem também algumas abstrações teóricas nos campos da Fonética e da Fonologia, como, por exemplo, o **alofone**, que é uma unidade formada quando, em um mesmo contexto, dois sons ou mais possuem o mesmo valor fonêmico em um sistema linguístico. Um exemplo é o [t] e [ts] que, quando pronunciados antes da vogal [i], possuem o mesmo valor fonêmico e o falante do PB não percebe distinção. Cristófaró (2016, p.135) resume assim: Unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos.

É importante não confundir o conceito de alofone com o de **arquifonema**. Esse segundo aparece quando há uma neutralização de fonemas e, convencionalmente, são representados por uma letra em maiúsculo e entre barras oblíquas / /. Dessa forma, tal abstração é de extrema importância para o presente trabalho, já que os três fenômenos estudados estão diretamente relacionados a arquifonemas. Para isso, baseio-me em Mattoso Câmara que, além dos já aceitos /R/ e /S/, apresenta o /N/ como um traço de nasalidade a parte das vogais, ou seja, ele (CÂMARA Jr., 1999, p. 47) nos orienta “[...] que se deve procurar esse traço distintivo na constituição da sílaba. Em outros termos: vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba — vogal e elemento nasal.”

Portanto, um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja a neutralização - de um ou mais fonemas em um contexto específico. (CRISTÓFARO, 2013, p. 158).

Outro conceito importante para esse trabalho é a ideia de **sílaba** proposta por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969 *apud* Bisol, 2005, p.102): “uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia”.

A sílaba no PB é material de estudo para muitos pesquisadores. Sem desmerecer outros trabalhos, decidi seguir a descrição de Mattoso Câmara (1999), também posteriormente defendida por Cristófaró (2013), que postula ser a estrutura máxima da nossa sílaba CCVCC, onde C representa *consoante* e V *vogal*. O primeiro espaço pode ser ocupado por qualquer fone presente no PB, menos por /nh/ e /lh/, já o segundo apenas por consoantes líquidas, ou seja, /l/ e /r/. A vogal pode ser ocupada por qualquer um dos sete segmentos fônicos disponíveis no português /a, e, ε, i, o, ɔ, u/. As consoantes pós vocálicas possuem características diferentes. A que ocupa a posição de terceira consoante pode ser /R/, /S/, /N/ ou /l/. Já a da quarta, apenas /S/.

O quadro da estrutura silábica do PB nos mostra que /R/, /S/ e /N/ aparecem em finais de sílabas e/ou palavras, logo, esse é mais um apontamento da possível realização de apócope nas produções orais e escritas.

Também faz-se necessário nos debruçarmos sobre os **metaplasmos**, que é o nome técnico para as mudanças fonético-fonológicas pelas quais as línguas passam. Elas podem acontecer por supressão de fonemas, por adição, por justaposição, entre outros. Cada especificidade recebe uma nomenclatura própria, como nos ensina Sá (2016).

Dentro desse grande universo de metaplasmos, existe a **apócope**, que é um processo de redução em que um fonema é suprimido em finais de sílabas, na posição de coda. Aqui, estudaremos apenas as apócopes que ocorrem em final de palavras, por uma questão de delimitação de campo de trabalho. Esse processo metaplasmató é muito frutífero no PB, como já vimos indicações nos excertos de Coutinho e Naro & Scherre (vide itens 3.1.1 e 3.1.2).

2.2.3. MORFOSSINTAXE

A Morfossintaxe é uma área de intersecção entre a Morfologia (estudo do vocábulo) e a Sintaxe (estudo do sintagma).

Um conceito muito importante para a morfologia é o **morfema**, que se trata de sua unidade mínima e indivisível. Segundo Zanotto (2006, p. 29) “ele é obrigatoriamente portador de alguma significação ou função gramatical”. Pode ser lexical ou gramatical. Por exemplo, a palavra *mares* é composta por dois morfemas: *mar* e *es*. O primeiro é lexical, pois refere-se a uma palavra e a sua significação no mundo real; o segundo é gramatical pois concede à palavra a função gramatical de número plural. É fundamental não confundí-lo com a sílaba ou com o fonema.

A partir do morfema, temos o **alomorfe**. Semelhante ao alofone, ele acontece quando temos duas formas de realizar um mesmo morfema. Zanotto (2006, p. 45) aponta: “alomorfia significa forma diferente para o mesmo morfema”. Assim em, por exemplo, *chuva* e *pluvial*, temos o mesmo semantema com duas formas: *chuv-* e *pluv-*. São formas diferentes do mesmo radical.

Também é primaz que se conceitue **concordância**: ela pode ser **nominal** ou **verbal**. A primeira relaciona-se com os nomes (sujeito e adjetivo) e a segunda com os verbos, como se pode inferir. Mattoso Câmara (1999) as descreve da seguinte forma:

Dá-se em gramática o nome de concordância à circunstância de um adjetivo variar em gênero e número de acordo com o substantivo a que se refere (concordância nominal) e à de um verbo variar em número e pessoa de acordo com o seu sujeito (concordância verbal). Há, não obstante, casos especiais que se prestam a dúvidas.

Bagno (2011), acusa o sistema de concordância do PB de ser redundante e tautológico, por marcar todos os itens do sintagma nominal. Por isso, há uma variante não-padrão que marca apenas o **determinante**, ou seja, o vocábulo que acompanha o nome, em se tratando de concordância nominal. Ele pode ser realizado através de várias classes, mas, no PB, ele costuma ser um artigo.

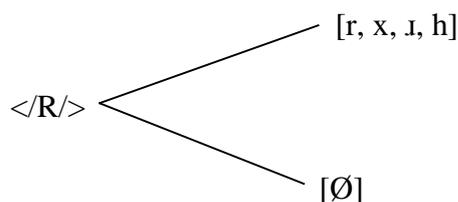
4. ANÁLISE DAS APÓCOPE DE /R/, /S/, E /N/ EM CODAS FINAIS

Nesse trabalho, procuro investigar como as apóopes finais de /R/, /S/ e /N/ acontecem na fala e na escrita de goianos, brasilienses e também de moradores do entorno do Distrito Federal. Pretendo investigar como essa variação fonético-fonológica chega aos outros níveis linguísticos, como a morfologia e a sua interface com a sintaxe, chamada de morfossintaxe, buscando entender as razões desse fenômeno e aferir como o paradigma linguístico reage a ele.

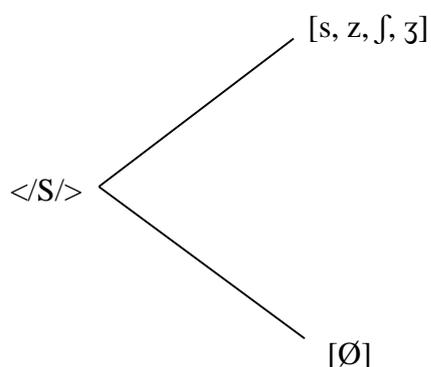
4.1. ENVELOPE DA VARIAÇÃO

Esses três fenômenos de apócope que eu agrupei nesse estudo apresentam aspectos semelhantes na realização de suas variantes. São eles:

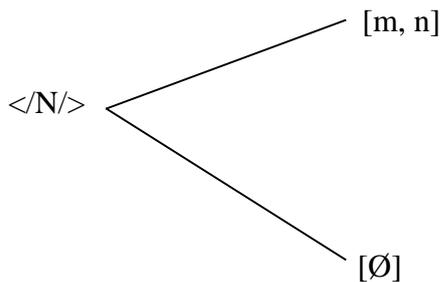
No caso de /R/:



Quando nos debruçamos sobre o /S/:



E, por último, temos o /N/:



Os três fenômenos em destaque operam em um sistema semelhante no sentido de que a realização e a não-realização dos segmentos fonéticos neutralizados opõem-se na língua e as variantes [Ø] tendem sempre a ser mais estigmatizadas. Várias dessas possibilidades apareceram em abundância nas entrevistas (vide Apêndices) que apliquei. Vamos olhar com cuidado para cada uma delas:

4.1.1. APÓCOPE DE /R/

Veja esse exemplo retirado de uma entrevista:

“Ela vai demorá [...]” (A1SF – TG)

Enquanto falava, a entrevistada não realizou o /R/ ao final do verbo ‘demorar’, produzindo a variante [Ø]. Esse fenômeno vem acontecendo com muita frequência no PB e tem criado uma certa confusão entre os modos indicativo presente e infinitivo dos verbos. Quando eu tratar especificamente dos textos escritos que foram recolhidos enquanto pesquisava, retomarei a esse ponto para uma análise mais abrangente. Por ora, apresento outro trecho:

“E aí meu brother!” (C2SF – WY)

Diferente do antecessor, esse outro entrevistado optou por realizar o /R/ ao final do substantivo “brother”. É importante ressaltar que esse vocábulo é um neologismo importado da língua inglesa e é usado consideravelmente entre os jovens brasileiros, principalmente em situações informais e entre indivíduos que partilham de intimidade.

4.1.2. APÓCOPE DE /S/:

Observe o excerto de uma das entrevistas a seguir:

“Só alguns pontos meu [...]” (C1SF – JS)

Essa produção chama bastante a atenção: A entrevistada marca o plural em todos os termos antecedentes, menos no último vocábulo do sintagma, o pronome pessoal ‘meu’. Ele é marcado com a variante [Ø], o que o caracteriza como destoante da norma padrão do PB, pois ocasiona uma quebra na concordância de número e gênero dos nomes. Segue outro trecho:

“[...] eles deram uma circulada assim.” (B2MF – RT)

Já nessa outra amostragem, uma entrevistada escolhe marcar o pronome de terceira pessoa do plural com o [s] que lhe é previsto, seguindo assim as considerações das gramáticas de língua portuguesa. Também é interessante notar que o verbo ‘dar’ que sucede o pronome está flexionado em tempo, modo, número e pessoa condizente com o termo antecedente.

4.1.3. APÓCOPE DE /N/

Esse excerto, produção de um dos entrevistados, é útil para analisarmos o fenômeno:

“Não. Porque é semi-presencial, mas é assim [...]” (C1SF – JS)

Nessa sentença, o [m] do advérbio ‘assim’ foi preservado. É interessante notar a relação que essa classe gramatical estabelece com os outros termos da oração e se ele permite a queda do fone em posição final.

“Eu falei não véi, é um personage.” (B1SF – MK)

Aqui já é possível ver a realização da outra variante, [Ø]. O substantivo ‘personagem’ tem o [m] apagado, o que demonstra, além da apócope, um processo de desnasalização, que é a passagem de uma vogal nasal para uma vogal oral. Esse fenômeno, também, tem-se mostrado comum na oralidade brasileira.

Todos esses exemplos são pontuais e foram utilizados agora para a introdução do estudo. Abaixo, detalharei com mais profundidade as variáveis que reforçam ou não o uso de cada uma dessas variantes.

4.2. VARIÁVEIS OU CONDICIONANTES EXTRALINGUÍSTICOS E SOCIAIS

É possível encontrar algumas variáveis ou condicionantes que nos ajudam a entender o que motiva ou não certas ocorrências da língua. Entre eles, podem-se destacar aqueles que se encontram em um espectro externo às questões gramaticais (fonológicas, morfológicas e sintáticas) e se aproximam da sociedade em si, sendo expressas através das relações estabelecidas na estrutura social. Aqui, eu destaco quatro delas que, nesse estudo, despontam como principais:

4.2.1. PROCEDÊNCIA

Cada sujeito se constitui através de vários elementos e processos sociais e um dos que mais se mostram relevantes nessa construção é o local em que se nasceu e se vive. No seio familiar aprendemos o básico das relações humanas e, na medida em que vamos crescendo, frequentamos a escola e estabelecemos laços com pessoas diferentes de nós e dos nossos. A partir desse momento, afirmamos a nossa identidade pessoal e nos reconhecemos como indivíduos.

Assim, os estados, cidades, bairros e distritos possuem características próprias que são cultivadas em coletivo, mas expressas, individualmente, pelas pessoas que moram e constroem esses locais. Um exemplo desse acontecimento é a fala, ou seja, a realização oral da língua. Todos nós conhecemos os sotaques espalhados pelas regiões do Brasil, mas, diferentemente do que reza o senso comum, essas distinções não acontecem apenas no nível do fonema, mas também na sintaxe e na forma em que os constituintes são alocados nas orações. Por isso é fundamental que uma análise dessa variável esteja presente nesse trabalho, já que me proponho a fazer uma análise transversal pelas áreas da Linguística.

Como já citado na Metodologia (vide item 2.2.), entrevistei indivíduos procedentes da Região Centro Oeste e escolhi três locais distintos para, em síntese, representar culturas e processos formativos diferentes. São eles: Luziânia, uma cidade histórica goiana que, apesar da proximidade com Brasília, manteve e mantém as suas peculiaridades regionais, inclusive na fala; Cidades e bairros goianos que se desenvolveram no Entorno do Distrito Federal logo após a construção de Brasília, com grande presença nordestina e Brasília (DF), capital do Brasil e uma das cidades com o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do País.

É importante ressaltar que as diferenças encontradas, quando contrastamos os locais descritos acima, ultrapassam o nível da cultura e da identidade. Brasília, por exemplo, se destaca por ser uma cidade modelo para todo o país e por possuir um bom sistema de

educação, transporte e segurança pública, além de contar com a maior renda *per capita* do Brasil, tendo um valor de R\$ 62.859,43 por pessoa. Também destaca-se por oferecer uma gama gigantesca de opções de lazer, esporte e cultura aos seus habitantes.

Essa realidade não se repete nos outros dois locais pesquisados. Em Luziânia, encontramos uma cidade em desenvolvimento, com grande influência da cultura rural, mas que, ao mesmo tempo, instala-se em um espaço urbano. Enfrenta problemas nas áreas da segurança e educação públicas, o que sustenta uma flagrante desigualdade social no município.

A situação é ainda mais agravante nas cidades do Entorno do DF, que sofrem com infra-estrutura precária, pouco investimento em educação e saúde e altos índices de violência urbana. Esses pontos são aferíveis através das entrevistas realizadas (vide Apêndices) em que os participantes moradores de Brasília apontam problemas que posso chamar, até mesmo, de artificiais, quando os indivíduos de Luziânia e Entorno solicitam pelos direitos básicos previstos a todos os cidadãos, mas que, infelizmente, não são assegurados pelo estado. Vamos aos dados:

4.2.1.1. APÓCOPE DE /R/

Abaixo, o primeiro fragmento para análise nesse subitem:

“Í pra igreja e dormí. É... Fica um no sofá e o outro no chão... Todo mundo dorme.” (CS1F – JS).

Nessa sentença proferida por uma informante procedente do Entorno do DF, nota-se a presença da variante [Ø] em duas palavras. Em uma primeira análise, seria possível associar esse fenômeno ao fato de nossa entrevistada morar no local menos privilegiado e com mais desigualdade social entre os três pesquisados, porém, antes de fazermos tal afirmação, precisamos verificar os dados dos sujeitos habitantes de Brasília e Luziânia.

Observe o trecho abaixo:

“Isso aqui é, sei lá, preciso tê uns anos de caminhada aí pra pensá em mestrado porque eu num tenho muita capacidade acadêmica não, sério mesmo.” (B2SF – RT)

Ele é de uma entrevista feita com RT, moradora de Brasília. Igualmente, podemos ver a presença da variante [Ø] em dois vocábulos.

Nesse excerto abaixo, retirado de uma das entrevistas realizadas com CO, habitante de Luziânia, também notamos a variante [Ø]:

“O meu pai veio porque o meu vô ia trabalhá em Brasília, uma coisa assim.”
(A2MF – CO)

Isso indica que, por mais que a variante /R/ seja a contemplada pelas gramáticas normativas e possua prestígio, encontramos [Ø] em produções de todos indivíduos, independente do local onde moram. No entanto, isso não significa que /R/ não apareça em alguns momentos, como nos provam os dados abaixo:

“Dá uma por mês. Gente, eu tava fazendo os cálculo da faculdade de medicina, assim, se for durante todo o tempo [...]” (A1SF – TG)

“Prática, eu, por hobbie, tenho o futebol.” (B1MF – MK)

“O pior que eu marquei pra sete e meia, o pessoal chegano praí orano...” (C2SF – WY)

Em um quadro geral, temos os seguintes números:

VARIANTE	PROCEDÊNCIA			TOTAL
	Luziânia	Brasília	Entorno	
/R/	6 (5.83%)	30 (17.44%)	9 (9%)	45 (12%)
[Ø]	97 (94.17%)	142 (82.56%)	91 (91%)	330 (88%)
TOTAL	103 (27.47%)	172 (45.87%)	100 (26.66%)	375 (100%)

A variante [Ø] apareceu em 88% de todas as ocorrências desse fenômeno de variação, ou seja, todos os entrevistados preferiram-na a despeito de sua concorrente /R/. Isso revela que tal variante, historicamente estigmatizada e alvo de discriminação, praticamente perdeu a

avaliação negativa que sofria e, atualmente, é a preferida pela maioria dos falantes. Ainda assim, é importante notar que enquanto em Luziânia e Entorno o [Ø] quase se equipara (94.17% e 91%, respectivamente), em Brasília ele sofre um decréscimo (2.56%), o que resulta, obviamente, em um aumento de /R/ (17.44%).

Logo, a cidade que abriga pessoas de classe social mais elevada é a que mais apresenta /R/, ou seja, ainda existe um traço de prestígio, mesmo que pequeno, relacionado a esse processo de variação.

4.2.1.2. APÓCOPE DE /S/

É válido lembrar que em /S/ consideramos todos os fones neutralizados, segundo apontado nos Envelope de Variação (vide item 4.1.). Isto posto, quando o analisamos é possível encontrar resultados interessantes, mas antes vamos passear por alguns trechos significativos para que uma boa avaliação seja feita:

“Gente... Dá po cê subestimá as pessoa não.” (A1SF – TG)

É bastante interessante notar que a nossa entrevistada de Luziânia marca um termo com /S/, mas o próximo, que o segue imediatamente, recebe [Ø]. Esse é um que será abordado quando eu tratar das variáveis linguísticas, mas por hora pode-se indicar que tal estrutura é comum na fala luzianiense. Já no trecho abaixo, o falante marca todos os termos possíveis com /S/, seguindo o que orienta a norma padrão:

“E aí acaba que vai tipo no boca a boca, e como os nossos jovens são muito poucos, aí a gente sempre precisa de reforço [...]” (C2SF – WY)

Observe o quadro geral abaixo:

VARIANTE	PROCEDÊNCIA			TOTAL
	Luziânia	Brasília	Entorno	
/S/	199 (86.15%)	302 (92.35%)	205 (90.30%)	706 (89.94%)
[Ø]	32 (13.85%)	25 (7.65%)	22 (9.70%)	79 (10.06%)
TOTAL	231 (29.42%)	327 (41.65%)	227 (28.93%)	785 (100%)

A variante /S/ é a preferida pela maioria dos entrevistados, o que evidencia o estigma dispensado a [Ø]. É interessante perceber que [Ø] apareceu mais nas falas dos indivíduos de Luziânia (13.85%), o que pode ser explicado pelo sotaque goiano que, por ter um ritmo mais acelerado, favorece a sua realização. Por outro lado, temos em Brasília a menor realização de mais uma variante estigmatizada (7.65%), o que reafirma a sua posição de prestígio social ante a cidade de Luziânia e a região do Entorno.

4.2.1.3. APÓCOPE DE /N/

Conforme explanação apresentada nos Pressupostos Teóricos, /N/ refere-se à nasalização das vogais orais, portanto é importante não confundi-lo simplesmente com [m] ou [n]. Desta forma, vejamos alguns exemplos de realizações relevantes para o estudo desse fenômeno:

“Homi, pausa aí.” (B2SF – RT)

A entrevistada RT, moradora de Brasília, apaga a nasalidade da palavra ‘homem’, representada por [m]. É importante ressaltar que essa realização apareceu em um momento de extrema descontração, quando a mesma encontrou um amigo que passava perto do local onde a entrevista estava acontecendo e pediu para que déssemos uma pausa na gravação.

Já nesse excerto abaixo, ocorre um processo diferente:

“E minha mãe já morava aqui tamém.” (A1SF – TG)

A entrevistada TG realiza a variante /N/, mas é válido perceber a marca regional na queda de [b], que deveria vir no início da segunda sílaba.

Ao olharmos a tabela geral, nos deparamos com um resultado curioso:

PROCEDÊNCIA				
VARIANTE	Luziânia	Brasília	Entorno	TOTAL
/N/	184 (97.35%)	318 (98.45%)	166 (98.80%)	668 (98.24%)
[Ø]	5 (2.65%)	5 (1.55%)	2 (1.20%)	12 (1.76%)
TOTAL	189 (27.80%)	323 (47.5%)	168 (24.70%)	680 (100%)

A variante [Ø], em contraponto a /N/, é a mais estigmatizada de todas as que estão sendo analisadas neste trabalho, assim, é compreensível a sua presença ínfima nas falas dos entrevistados. Nos três locais, [Ø] não passou de 2%, enquanto /N/ varia entre 97% e 98%, ou seja, uma expressiva maioria. Isso revela que mesmo na fala de indivíduos pertencentes às classes mais baixas, o [Ø] é evitado e dá lugar à variante que encontra-se conforme a norma padrão.

4.2.2. ESCOLARIDADE

A variável Escolaridade revela muitos traços sociais que são importantes para entendermos quem ganha e quem perde no jogo da variação linguística e o que motiva a vitória ou a derrota em cada contexto.

Nas últimas décadas, o número de cidadãos cursando ou diplomados no ensino superior aumentou bastante, como mostra o Censo 2010 (IBGE). Esse nível de escolaridade mostra-se interessante por não fazer parte da educação básica, ou seja, está além dele, e por ser direcionado a um conhecimento específico, além de ter como foco a reflexão teórica sobre o(s) objeto(s) estudado(s). Assim, crê-se que aqueles que foram expostos a esse sistema de ensino realizam menos formas linguísticas estigmatizadas, pois adquirem mais *status* social e, algumas vezes, econômico.

Dentro dessa perspectiva, separei os indivíduos entre aqueles que possuem ensino superior completo e aqueles que se formaram apenas no ensino médio. Devo destacar que, em ambos os grupos, os indivíduos foram expostos a um ciclo de educação completo. Assim, a hipótese levantada é a de que quanto mais a pessoa é exposta a uma educação formal, mais ela reproduz as normas previstas nas gramáticas. Com a análise dos dados veremos se tal previsão confirma-se ou não:

4.2.2.1. APÓCOPE DE /R/

VARIANTE	ESCOLARIDADE		TOTAL
	Com Ensino Superior	Sem Ensino Superior	
/R/	28 (13.46%)	17 (10.18%)	45 (12%)
[Ø]	180 (86.54%)	150 (89.82%)	330 (88%)
TOTAL	208 (55.46%)	167 (44.54%)	375 (100%)

Como a tabela indica, não há grande diferença entre a realização linguística dos indivíduos com ensino superior e daqueles com apenas o ensino médio. Percentualmente, o primeiro grupo realizou mais a variante /R/ (13.46%) do que o segundo (10.18%), ou seja, a hipótese inicial de que as pessoas portadoras de diploma de educação superior seguiriam com mais afinco as prescrições da gramática normativa foi atestada, porém uma diferença de mais ou menos 3% não é suficiente para fazer uma separação tão rígida entre esses dois tipos de falantes.

Ademais, vale a pena lembrar que o apagamento de /R/, ou seja, [Ø], já não é mais estigmatizado socialmente, portanto, por mais que ela não esteja prevista pela norma padrão, o fato de não sofrer reprimenda social aumenta o seu uso entre os indivíduos e grupos pertencentes às classes sociais mais altas. No entanto, fazendo um paralelo entre essa análise e a de /R/ sob o viés da procedência, é certo dizer que o local onde se mora é mais relevante para determinar a classe social do que o nível de escolaridade, embora essas sejam variáveis interrelacionadas no meio extralinguístico.

Alguns dados de entrevistados dos dois grupos podem atestar a tendência ao uso de [Ø]:

“Cara. É, pode sê.” (B2SF – RT)

“É igual o louvô 1ob. O pessoal chega no momento do louvô, ou depois, porque pensa que o louvô é só pra passá o tempo.”(C2SF – WY)

4.2.2.2. APÓCOPE DE /S/

Diferentemente de /R/, a apócope de /S/ já apresenta um traço maior de estigmatização social. Alguns dados mostram que mesmo os entrevistados sem ensino superior completo buscam evitá-la, como é nítido nos exemplos:

“Eu to bem, vou fazê bem lento que é pra durá os cinco minutos.” (B1SF – MK)

“Prefiro a do Enem mil vezes do que a dela.” (C1SF – RT)

“Algumas sim, por algumas pessoas, tem outras que não. Cê já olha, já faz cara de nojo.” (A1MF – TG)

Os entrevistados com ensino superior completo, também, demonstraram preferência pela variante /S/:

“Seis anos de idade.” (C2MF – WY)

A seguir, a tabela com os dados gerais:

ESCOLARIDADE			
VARIANTE	Com Ensino Superior	Sem Ensino Superior	TOTAL
/S/	410 (92.13%)	296 (87.05%)	706 (89.94%)
[Ø]	35 (7.87%)	44 (12.95%)	79 (10.06%)
TOTAL	445 (56.68%)	340 (43.32%)	785 (100%)

A preferência maciça por /S/ é explícita em seus 89.94% contra apenas 10.06% de [Ø]. O estigma social que [Ø] carrega é grande, mas se mostra ainda maior entre os entrevistados que possuem ensino superior completo, já que aqueles que concluíram apenas o ensino médio realizaram o [Ø] numa taxa 4% maior.

4.2.2.3. APÓCOPE DE /N/

Como já citado anteriormente, a apócope de /N/ é mais estigmatizada entre as que estão sendo analisadas nesse estudo. A tabela pode confirmar essa afirmação:

ESCOLARIDADE			
VARIANTE	Com Ensino Superior	Sem Ensino Superior	TOTAL
/N/	376 (98.42%)	292 (97.98%)	668 (98.24%)
[Ø]	6 (1.58%)	6 (2.02%)	12 (1.76%)
TOTAL	382 (56.17%)	298 (43.83%)	680 (100%)

A diferença da realização de [Ø] entre os entrevistados que possuem ensino superior completo e os que não possuem é ínfima: apenas 0.44%. Assim, podemos afirmar que o nível de escolaridade não é relevante para esse fenômeno de variação, pois fica claro que os falantes rejeitam a segunda variante, possivelmente por causa do estigma, e esforçam-se em produzir /N/ em finais de palavras. Os trechos abaixo exemplificam:

“É, ultimamente tem sido algo difícil.” (B2MF – RT)

“Agora não sei mais pra frente né, com certeza deve tê.” (B2MF – RT)

4.2.3. MONITORAMENTO

Ao produzirmos linguisticamente, somos expostos a níveis maiores ou menores de monitoramento. Isso varia de acordo com a nossa avaliação da situação e do local em que estamos inseridos. Por exemplo, quando um palestrante está dicursando para uma plateia volumosa e atenta, ele irá monitorar a sua fala para cometer o mínimo possível de desvios gramaticais, porém essa mesma pessoa falará de forma mais livre quando estiver passeando com o seu filho no parque.

Essa característica da linguagem que subjaz à organização textual dentro de determinado contexto pode ser denominada Situcionalidade, como nos lembra Marcuschi (2002, In:DIONÍSIO, Ângela Paiva), ou seja, cada gênero textual possui características próprias, e isso também inclui as variações e variantes permitidas a cada um, seja ele escrito ou oral.

Dessa forma, dividi as entrevistas em dois momentos. No primeiro, eu conversei livremente com a pessoa e não a informei que estava gravando o diálogo, o que valorizou uma fala mais espontânea. Em seguida, avisei que a partir daquele momento iríamos iniciar uma entrevista roteirizada (vide anexo 1) e falei que iria gravá-la. Nesse cenário, o falante torna-se um pouco mais retraído e, naturalmente, tem tendência a monitorar mais a sua produção linguística.

Vejamos como cada fenômeno apareceu sob o viés do monitoramento.

4.2.3.1 APÓCOPE DE /R/

Recapitulando o que já foi dito, a apócope de /R/ é o fenômeno aqui estudado que sofre menos estigmatização. Por isso, não é difícil encontrarmos produções com [Ø], até mesmo, em falas mais monitoradas:

“ [...] ninguém qué sabê da história da cidade.” (A1MF – TG)

“Qué dizê eu era não, eu sô.” (B1MF – MK)

Ainda assim, a tabela com os dados gerais nos indica aspectos interessantes:

MONITORAMENTO			
VARIANTE	Mais monitorado	Menos monitorado	TOTAL
/R/	32 (13.91%)	13 (8.96%)	45 (12%)
[Ø]	198 (86.09%)	132 (91.04%)	330 (88%)
TOTAL	230 (61.33%)	145 (38.67%)	375 (100%)

A variante [Ø] é a preferida em ambos (86.09% e 91.04%), mas /R/ aparece 5% a mais nas produções mais monitoradas. Assim, podemos concluir que essa variável mostra-se relevante, pois até mesmo a apócope de /R/, que já é amplamente aceita pelas diversas camadas e classes da sociedade, sofre diminuição quando o falante está mais consciente de sua produção linguística.

4.2.3.2. APÓCOPE DE /S/

MONITORAMENTO			
VARIANTE	Mais monitorado	Menos monitorado	TOTAL
/S/	529 (92.64%)	177 (82.71%)	706 (89.94%)
[Ø]	42 (7.36%)	37 (17.29%)	79 (10.06%)
TOTAL	571 (72.74%)	214 (27.26%)	785 (100%)

Reafirmando mais uma vez o que as outras variáveis já apontaram, a apócope de /S/ é mal avaliada pelos próprios falantes e, quando esses indivíduos são expostos a um nível maior de monitoramento, ela cai em média 8%. É importante ressaltar que até mesmo em níveis menos monitorados, /S/ ganha de [Ø] (82.71% contra 17.29%, respectivamente). O que o nível de maior de monitoramento faz é aumentar essa tendência em realizar /S/, por uma questão de *status* social

4.2.3.3. APÓCOPE DE /N/

Como a apócope de /N/ é o fenômeno mais estigmatizado socialmente, é natural que ele seja o mais evitado, principalmente em uma situação de maior monitoramento da fala.

VARIANTE	MONITORAMENTO		TOTAL
	Mais monitorado	Menos monitorado	
/N/	490 (98.59%)	178 (97.26%)	668 (98.24%)
[Ø]	7 (1.41%)	5 (2.74%)	12 (1.76%)
TOTAL	497 (73.09%)	183 (26.91%)	680 (100%)

A tabela deixa claro que, apesar de mínimo, tanto em uma situação mais monitorada quanto em outra menos monitorada, /N/ reina absoluto e sempre é o mais realizado (98.59% e 97.26%). Mais uma vez nós temos uma indicação do extremo estigma negativo que está sobre a apócope de /N/, assim como também do processo duplo que esse fenômeno gera: queda e desnasalização do vocábulo. Por isso, pode-se dizer que ele é mais sentido, e por isso, mais rechaçado.

4.2.4. MODALIDADE: TEXTOS ESCRITOS

Essa variável precisou ser isolada por motivos que escapou a mim, como a extrema dificuldade em colher os textos escritos de alguns dos indivíduos que aceitaram participar dessa pesquisa. Creio que isso não afetará o trabalho como um todo e ainda contribuirá para o entendimento da diferença entre escrita e oralidade, pois os textos escritos em ambos serão analisados de forma diferente.

Com esse fato explicado, posso falar um pouco mais sobre como aconteceu a escrita dos textos: após o término das entrevistas orais, solicitei a cada um dos entrevistados que escrevessem um texto narrando os mesmos temas que tinham sido assunto na nossa conversa (relação com a família, relação com a cidade etc). Todos preferiram escrever depois e me enviar por e-mail, e foi o que de fato aconteceu, logo todas as produções possuem a característica de serem mais monitoradas, além de estarem submetidas aos mecanismos de correção automática dos celulares e computadores.

Como de costume, separarei os fenômenos de variação entre /S/, /R/ e /N/, para que cada um receba a atenção e o cuidado que merecem.

4.2.4.1. APÓCOPE DE /R/

Abaixo, a tabela geral das ocorrências em /R/:

VARIANTE	TEXTO ESCRITO
/R/	100 (99.01%)
[Ø]	1 (0.99%)
TOTAL	101 (100%)

Em uma primeira observação, esse resultado pode parecer contraditório ao que as variáveis sociais tem indicado no dados orais dos entrevistados, porém deve-se levar em consideração algumas especificidades que podem ajudar a desvendar o comportamento desse fenômeno.

O primeiro é o fato de todas as produções serem mais monitoradas, enquanto os dados orais contam com realizações mais e menos monitoradas. Apesar de até mesmo nos mais monitoradas a variante [Ø] vencer, vale ressaltar que o monitoramento na escrita é mais intenso, pois a própria produção escrita já pressupõe maior consciência (não que a oralidade seja inconsciente ou ‘mais fácil’). Também vale ressaltar que os programas de correção automática presentes nos celulares, tablets e computadores favorecem o uso da variante preenchida, pois completa as palavras de acordo com a sua inteligência artificial.

Isto posto, temos 99.01% de ocorrências em /R/ e apenas 0.89% em [Ø]. Esses números apontam que os entrevistados estão conseguindo diferenciar bem a oralidade da escrita, pois está registrado que, oralmente, a variante [Ø] é de longe a preferida.

Vejamos alguns exemplos retirados dos textos escritos por esses indivíduos:

“O maior ponto turístico da cidade [...]” (B1ME – MK)

“Morar ao lado da capital [...]” (A1ME – TG)

“[...] atividades de lazer para os idosos e aposentados [...]”
(A2ME – CO)

Os nomes *maior* e *lazer*, assim como o verbo *morar*, foram escritos com a variante /R/. É interessante perceber que essas mesmas palavras apareceram com [Ø] nas produções orais dos mesmos indivíduos.

O exemplo abaixo é importante observe:

“Arrumas escolas, investir em bons professores [...]” (A1ME – TG)

Esse é o único caso de apócope de /R/ encontrado, com o verbo *arrumas*, que eu julgo ser fruto de um erro de digitação, em que a entrevistada digita *S* quando quer escrever *R*. É de fato muito interessante perceber que, para esses falantes, a escolarização, seja ela em nível médio ou superior, teve papel preponderante na forma com que eles escrevem. As recomendações da GT foram seguidas praticamente 100% a risca.

4.2.4.2. APÓCOPE DE /S/

O fato de /S/ ser morfema de flexão de número no PB faz com que ele apareça abundantemente. Veja:

VARIANTE	TEXTO ESCRITO
/S/	334 (99.11%)
[Ø]	3 (0.89%)
TOTAL	337 (100%)

São muitas as ocorrências de /S/, que representam 99.11% do total, enquanto [Ø] amarga apenas 0.89%. É válido lembrar que /S/ também vence nos dados da oralidade, mas não com essa vantagem tão alargada.

Destaco os seguintes exemplos:

“Éramos meus pais e eu, mas a família cresceu [...] (C2ME – WY)

“[...] programas de incentivo ao mercado de trabalho deveria ser empregado em escolas [...]”(A2ME – CO)

No primeiro, os vocábulos *éramos*, *meus*, *pais* e *mas* recebem /S/, e todos, menos o derradeiro, fazem uso dele como morfema flexional, seja de número ou integrado a uma desinência verbal.

No segundo, *empregado*, que se relaciona com o sujeito *programas de incentivo*, deveria estar flexionado no plural também, mas a entrevistada, provavelmente, não recuperou o traço plural do vocábulo, por causa da tendência do PB de marcar sempre a esquerda, que será explicada mais detalhadamente no item 4.2.2, quando o foco for as classes de palavras.

4.2.4.3. APÓCOPE DE /N/

Já foi relatado que a apócope de /N/ é a que sofre mais estigma social negativo, mas o quadro de sua variação nos textos escritos revela traços importantes:

VARIANTE	TEXTO ESCRITO
/N/	156 (97.5%)
[Ø]	4 (2.5%)
TOTAL	160 (100%)

A variante /N/ foi realizada 97.5% das vezes, enquanto [Ø] figurou em apenas 2.5% das ocorrências. Apesar de muito baixo, é a maior quantidade percentual da variante [Ø], se compararmos entre os três fenômenos.

Os exemplos abaixo darão pistas sobre o funcionamento das variantes:

“Começaram a construir uma UPA [...]” (C1ME – JS)

O verbo *começaram* tem em /N/ parte de sua desinência verbal. Nesse caso, a entrevistada realiza a variante preenchida em seu texto escrito. Na verdade, [Ø] poderia ser realizado tranquilamente nessa posição, mas pela tradição gramatical repassada na escola e toda a pressão social pelo cancelamento dessa variante não-padrão, a entrevistada opta por /N/.

Nesse outro excerto, temos um exemplo de [Ø]:

“Falta pessoas qualificadas [...]” (A2ME – CO)

O indivíduo escreve *faltaØ*, apagando o /N/ que funcionaria como desinência verbal e manteria a concordância. Essa construção, com o sujeito posposto, favorece a não-concordância verbal no PB.

Dessa forma, no geral, os dados escritos apontam que todos os indivíduos preferiram as variantes preenchidas. Até mesmo /R/, que na oralidade perde com vantagem para [Ø], é majoritariamente realizado com a variante preenchida. Isso revela o papel predominante da escola na manutenção das normas da GT, pois, apesar de alguns entrevistados não possuírem Ensino Superior Completo, todos foram diplomados no Ensino Médio. Revela também que oralidade e escrita tem sido tratadas de forma diferente, como no caso de /N/, por causa de fatores sociais e linguísticos que foram e ainda serão estudados neste trabalho.

4.3. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Além das variáveis sociais, também é possível encontrar condicionantes que estão no nível da estrutura da língua, ou seja, aqueles aspectos específicos que contribuem para a realização ou não de uma variante. No presente trabalho, trabalharei com três deles: classe de palavra, extensão do vocábulo e tonicidade da sílaba.

4.3.1. CLASSES DE PALAVRAS

Segundo a Norma Gramatical Brasileira (NGB), existem dez classes de palavras no Português Brasileiro (PB), são elas: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, numeral, preposição, conjunção e interjeição. Cada classe apresenta características próprias

nos níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos, por isso é relevante que essa variável seja contemplada no presente estudo.

Para fins de objetividade e direcionamento, elenquei as classes que seriam produtivas para a análise que desenvolvo, assim, não farei uso da interjeição, além de unir substantivo e adjetivo dentro de uma classe maior: o nome.

Dessa forma, as classes trabalhadas nesse trabalho serão: nome, artigo, pronome, verbo, advérbio, numeral e preposição. Creio que, com esse prisma, o estudo se desenvolverá de forma mais fluida e completa.

4.3.1.1. APÓCOPE DE /R/

Sob o prisma da variação entre /R/ e [Ø], obtivemos a seguinte tabela:

CLASSE	VARIANTE		TOTAL
	/R/	[Ø]	
Nome	14 (31.11%)	43 (13.04%)	57 (15.2%)
Verbo	10 (22.22%)	280 (84.85%)	290 (77.33%)
Pronome	0	3 (0.90%)	3 (0.8%)
Preposição	21 (46.67%)	4 (1.21%)	25 (6.67%)
TOTAL	45 (12%)	330 (88%)	375 (100%)

Antes de analisarmos o quadro, torna-se necessário ressaltar que as classes advérbio, numeral, artigo e conjunção não constam na tabela, porque não apresentaram ocorrências.

4.3.1.1.1. VERBO

A volumosa ocorrência desse processo de variação nos verbos (77.33% do total) é o que primeiro chama a atenção. Isso pode ser explicado por ele ser a classe gramatical mais produtiva, juntamente com o nome, e também pela própria estrutura dos verbos, que, quando estão no infinitivo, recebem -ar, -er ou -ir depois do radical. Ora, se a apócope trata-se de queda de fonema em final de palavras, quando nos debruçamos sobre a apócope do /R/,

espera-se que aconteçam muitas ocorrências com vocábulos dessa classe. Vejamos alguns exemplos:

“[...] em Brasília a gente não tem perna pra sustentá isso.” (B2MF – RT)

“[...] ninguém qué sabê da história da cidade.” (A1MF – TG)

“[...] aqui é tipo, como que cê vai conversar com a pessoa.” (A1MF – TG)

No primeiro e no segundo exemplos, os verbos foram realizados com a variante [Ø] (*sustentá, qué e sabê*). Como a tabela indica, essa variante foi a que mais ocorreu nos verbos (280 de um total de 290), o que pode revelar aspectos interessantes desse processo de variação. No terceiro exemplo, destaca-se o /R/ expresso, porém, como já indicado no quadro, só aparecem 10 ocorrências assim.

O *r* final dos verbos no infinitivo é uma marca morfológica que concede muito peso à sílaba em que se encontra e, segundo o quadro conjuncional do PB, ele só pode aparecer nas oxítonas. O que acontece é que, mesmo quando o /R/ desses verbos cai, o peso dele é transferido para a vogal que o antecede, matendo a força que antes possuía. Quando analisei as variáveis sociais já ficou claro que [Ø] perdeu o histórico estigma social (ou grande parte dele), e todos os tipos de indivíduos, de todas as classes sociais e localidades, produziram-no em maior número do que /R/.

Pela sua estrutura morfológica, especialmente quando está no modo infinitivo, o verbo favorece a realização de /R/ e [Ø], por isso é a classe que se apresenta como carro-chefe dessa dinâmica variacional e mostra que o apagamento da vibrante é mais comum do que se imagina.

4.3.1.1.2. NOME

Os nomes (aqui, substantivos e adjetivos) foi a classe vice-campeã de ocorrências. De forma, até certo ponto, análoga ao que acontece com os verbos, [Ø] vence /R/ com uma vantagem considerável. Alguns exemplos podem ajudar a ilustrar essa situação:

“[...] Super legais.” (B2MF – RT)

“[...] a gente ta meio que carente na questão assim do lazer.” (C2MF – WY)

Acima temos dois exemplos de nomes que foram realizados com /R/. O primeiro, *super*, possui a peculiaridade de ser um neologismo importado da língua inglesa, ou seja, esse vocábulo não é próprio do PB, assim é natural que ele sempre preserve o /R/ final e não encontremos [Ø] nesses casos. O segundo é um substantivo comum, próprio do PB, que admite a variante [Ø], porém o entrevistado preferiu /R/, possivelmente por outras variáveis, inclusive sociais, como o monitoramento.

“Auxiliá administrativo.” (A2MF – CO)

“Eu não sô o líde de jovens [...]” (C2SF – WY)

Nesses dois outros exemplos, a variante [Ø] foi a executada. Em *auxiliá*, temos um verbo substantivado, ou seja, um verbo ganha status de substantivo, porém continua com as características morfológicas de sua classe de origem, o que lhe confere tudo o que já foi apresentado anteriormente sobre os verbos. Diferentemente, *lídeØ* é um vocábulo essencialmente substantivo que teve o /R/ apagado, provavelmente, por interferência de variáveis sociais.

4.3.1.1.3. PREPOSIÇÃO

Logo em seguida, com menos ocorrências, temos as preposições. É curioso notar que, em um total de 25, 21 foram realizadas com /R/ e apenas 4 com [Ø]. É mister revelar que todos essas ocorrências apareceram em apenas uma preposição: *por*. Alguns exemplos podem ilustrar o que temos:

“Pu nada.” (A1MF – TG)

“Esse rapaz que ele ensina futebol é por ele mesmo.” (B1MF – MK)

No primeiro caso, a preposição *por* sofre apócope do /R/ e um processo de alteamento da vogal [o] para [u]. O que pode explicar essas mudanças é o fato de a expressão *por nada* ter sofrido um processo de formação de compostos transformando-se em algo análogo a uma *lexia*, ou seja, os falantes a interpretam, praticamente, como uma palavra só, como um composto cristalizado.

Já no segundo, o *por* não está dentro de uma expressão, mas funciona isoladamente (claro que estabelecendo relações com os outros termos da oração, porém de maneira diferente, se comparada ao primeiro exemplo).

Outros fatores explicam essas realizações, como o fonema posterior e as variáveis sociais, porém ambas foram e serão tratadas em seu devido tempo.

4.3.1.1.4. PRONOME

Apenas um pronome com /R/ final apareceu durante as entrevistas: *qualquer*. Porém, em suas três aparições ele foi realizado com a variante [Ø]. A sentença abaixo exemplifica:

“ [...] qualquer coisa assim tem mais tipo de emprego né.” (A2MF – CO)

O pronome *qualqué* também está dentro de uma expressão, assim como no caso de *por nada*. Nesse caso, a expressão é *qualquer coisa* e a motivação é a mesma da anterior: os dois termos sofreram uma espécie de lexicalização da forma com a ausência do /R/. Também é possível indicar o contexto seguinte como favorável à queda de /R/: depois de *qualqué*, temos o vocábulo *coisa*, iniciado por consoante. Esse processo será melhor analisado no item 4.3.3, quando eu falo sobre a tonicidade da sílaba.

4.3.1.2 APÓCOPE DE /S/

A análise de /S/ foi a que rendeu mais dados e, além disso, apresentou ocorrências em todas as classes de palavras, menos na preposição. Veja a tabela:

CLASSE	VARIANTE		TOTAL
	/S/	[Ø]	
Verbo	39 (5.52%)	10 (12.66%)	49 (6.25%)
Nome	236 (33.42%)	64 (81.02%)	300 (38.22%)
Artigo	108 (15.30%)	1 (1.26%)	109 (13.88%)
Pronome	113 (16.00%)	4 (5.06%)	117 (14.90%)
Conjunção	82 (11.62%)	0	82 (10.44%)
Advérbio	95 (13.46%)	0	95 (12.11%)
Numeral	33 (4.68%)	0	33 (4.20%)
TOTAL	706 (89.94%)	79 (10.06%)	785 (100%)

4.3.1.2.1 VERBO

Os verbos apareceram bem menos em /S/ do que em /R/, se formos comparar. Isso é explicado pela própria estrutura morfológica da classe, como foi falado anteriormente. Os poucos verbos que terminam em /S/ são, em sua maioria, aqueles conjugados na segunda pessoa do singular (tu) ou na primeira pessoa do plural, uma vez que a segunda pessoa do plural com a forma flexionada como previsto na gramática está praticamente extinta das situações de comunicação dos brasileiros. Também existem os verbos com radical final em *z* e *que*, ao serem conjugados na terceira pessoa do singular ou pelos pronomes de segunda pessoa do singular e de primeira pessoa do plural não reconhecidos pela Gramática Tradicional (você e agente, respectivamente), recebem /S/, como trazer (traz), fazer (faz, fez) etc.

Assim, os entrevistados apresentaram 39 ocorrências de /S/ e 10 de [Ø], o que soma um total de 49 aparições de verbos dentro desse processo de variação. Vejamos alguns detalhes dessas ocorrências de /S/:

“[...] e a sensação que eu tenho é que eu e a minha geração estamos participando avidamente desse processo de construção da cultura de Brasília.” (B2MF – RT)

“Só somos eu e meus irmãos.” (C2MF – WY)

“ [...] aí ela fez frente e versu aí eu falei não.” (A1SF – TG)

“Ah, faz isso meu. Faz isso.” (B2SF – RT)

No primeiro e segundo exemplo, *estamos* e *somos* estão conjugados na primeira pessoa do plural, por isso receberam /S/, como prevê a GT. No terceiro, o verbo *fez* também foi flexionado com /S/, mas na primeira pessoa do singular, como está previsto em seu quadro conjugacional. O quarto exemplo, no entanto, apresenta uma peculiaridade interessante: *faz*, que segundo a GT deveria ser a forma de conjugação da terceira pessoa do singular no modo indicativo, é realizado como verbo imperativo de segunda pessoa do singular. Essa ocorrência é bastante produtiva e acontece costumeiramente em textos menos monitorados do PB.

Destacadas essas características de /S/ nos verbos, podemos analisar [Ø]:

“Jóia. Vamo?” (A2SF – CO)

Nesse exemplo, a entrevistada apaga o /S/ do verbo conjugado na primeira pessoa do plural e realiza *vamoØ*. Essa ocorrência é muito comum no PB falado e serve para demonstrar, mais uma vez, o princípio da economia linguística. Repare nos dois excertos abaixo:

“Aprende, tu vai aprendê hoje.” (A1SF – TG)

“Nossa vei, tu é [...]” (B1SF – MK)

Vemos verbos conjugados na segunda pessoa do singular e regidas pelo pronome *tu*, porém o verbo está obedecendo ao paradigma conjugacional de terceira pessoa do singular, como acontece popularmente com o pronome *você*. Assim, os verbos *éØ* e *vaiØ*, nesse caso e segundo a GT, deveriam ser realizados como *és* e *vais*, mas é sabido que a forma inovadora com [Ø] é amplamente mais usada, o que reestrutura o paradigma de conjugação dos verbos no PB.

4.3.1.2.2. NOME

Nesse fenômeno, o nome mostrou-se a classe mais produtiva e, em um total de 300 ocorrências, 64 aconteceram com a variante [Ø], o que resulta em 21.33%. É fato que a variante /S/ foi majoritariamente preferida (79.64%), porém [Ø] obteve expressão significativa e faz-se necessário levantarmos hipóteses que expliquem esse processo, por isso veremos alguns exemplos:

“Os próprios governantes mancham a história do Brasil [...]” (C2MF – WY)

Na frase acima, o falante marcou *Os*, *próprios* e *governantes* com /S/, que no PB é marca de plural. Sabemos que o Português Brasileiro possui um sistema de marcação de plural redundante, e, segundo a GT, todos os termos envolvidos devem ser marcados, inclusive o verbo, que recebe /N/ para concordar com o sujeito plural. No entanto, sabemos que existe uma outra forma de expressar plural no PB, como o trecho seguinte nos mostra:

“Muitas pessoa, já vou na normal mermo.” (A1SF – TG)

Diferentemente do exemplo anterior, só *muitas* foi marcado com /S/ no sintagma nominal, enquanto *pessoa* recebeu [Ø]. Scherre & Naro (1993) explicam essa tendência do PB contemporâneo, como explicitado nos pressupostos teóricos (item 3.1.1.), em marcar o plural apenas no termo à esquerda, ou seja, no determinante. Essa análise será detalhada quando eu

me debruçar sobre os artigos, na próxima seção, mas por ora já podemos ter um vislumbre do grande processo de inovação no quadro de concordância nominal do PB ocasionado pela acópole de /S/.

Também é interessante nos atentarmos às palavras momomorfêmicas e bimorfêmicas, pois às vezes nos depararemos com [s], que não é marca de plural, como na citação abaixo:

“[...] porque ônibus é difícil.” (A1SF – TG)

Aqui, *ônibus* não está no plural, ou seja, o [s] ao fim do vocábulo é apenas mais uma letra de seu radical, e não o arqúfonema /S/. Nesses casos, nenhuma ocorrência de apócope foi registrada, pois trata-se de parte integrante da palavra e não de um morfema adicionado através de um processo de flexão.

Portanto, as 64 ocorrências de [Ø] aconteceram em nomes bimorfêmicos e que não estavam em posição de determinantes. Outros exemplos retirados das entrevistas podem demonstrar o que está sendo dito:

“Porque as veze [...]” (B2MF – RT)

“Metade das pessoa [...]” (A1SF – TG)

“Gente eu tava fazendo os cálculo [...]” (A1SF – TG)

“[...] puque mei que começô uns assalto” (A2SF – CO)

Nesses quatro exemplos, temos o determinante marcado com /S/, enquanto o nome recebe [Ø], porém a primeira frase se destaca, pois *as* recebe /S/, mas *veze*Ø não, porém o *e*, do alomorfe {*es*}, ainda é pronunciado. Esse é um grande indicador do princípio da Economia Linguística. Dessa maneira, com todas as peculiaridades explicitadas, é possível ter uma visão mais abrangente da variação entre /S/ e [Ø] nos nomes, entendendo um pouco melhor as artimanhas e idiosincrasias desse processo.

4.3.1.2.3 ARTIGO

O artigo é uma classe gramatical que tem muito a nos dizer para entendermos a variação entre /S/ e [Ø] nas codas finais do PB. A tabela nos mostrou que, das 109 ocorrências, apenas uma delas não foi preenchida com /S/.

Os exemplos abaixo podem demonstrar:

“[...] as estrada tão ruins[...]” (A1MF – TG)

“Os quatro.”(A1MF – TG)

“[...] que é um espaço que as pessoas se colocam [...]”(B2MF – RT)

Os artigos *os*, no primeiro exemplo, e *as*, no segundo e no terceiro, funcionam como determinantes e, por isso, não podem ser marcados com [Ø], pois, no PB atual, a tendência é marcar a flexão de gênero no item à esquerda, que é o determinante.

A única ocorrência de artigo com [Ø] foi:

“[...] é dos parente do meus pais.” (2MSF – CO)

Nesse caso, o artigo *o* (que está aglutinado à preposição *de*) não é determinante, mas sim o pronome *meus*, e esse sim recebe /S/. Dessa forma, torna-se compreensível o fato de os artigos serem tão marcados com /S/ e o entendimento da função importantíssima que essa classe exerce no padrão de concordância nominal que o PB vem desenvolvendo.

4.3.1.2.4 PRONOME

Das 117 ocorrências de pronome nas entrevistas, apenas 4 foram com a variante [Ø]. Isso torna-se mais fácil de ser explicado quando analisamos os dados e vemos que, muitas vezes, os pronomes ocorrem como determinantes e, por isso, são marcados com /S/. Note:

“E essas construtoras [...]” (B1SF – MK)

“Esses dois eu que morava [...]” (A1SF – TG)

“[...] na verdade a alguns anos [...]” (B2MF – RT)

Os três exemplos acima mostram os pronomes exercendo função de determinante e aparecendo à esquerda, por isso ele não pode receber [Ø], conforme a explanação teórica apresentada no item anterior.

As 4 ocorrências de pronomes com [Ø] aconteceram quando eles não eram determinantes, como no exemplo abaixo:

“As minha ta aqui [...]” (A2MF – CO)

O pronome *minha* não é determinante, mas sim o artigo *as*, por isso em alguns poucos casos vemos pronomes recebendo a variante [Ø].

4.3.1.2.5 CONJUNÇÃO

As conjunções integram a classe de palavras que une e liga orações, diferentemente das preposições, que unem termos dentro de uma mesma oração. Na variação entre /S/ e [Ø], 82 ocorrências foram obtidas, e todas preenchidas com /S/. Veja os dois exemplos abaixo:

“Puque eu num tenho, mas num adianta, num adianta [...]” (A1SF – TG)

“[...] acho que eu não cheguei a conhecê lov ela não, mas eu já vi [...]” (B1SF – MK)

A conjunção *mas* cumpre o seu papel de unir orações. Ela não é realizada com [Ø] porque é monomorfêmica e tem /S/ como parte integrante de sua raiz. Das 82 conjunções que apareceram no corpus de análise, *mas* lidera com folga, seguida de sua única concorrente, *pois*, que aparece apenas 2 vezes.

4.3.1.2.6 ADVÉRBIO

Os advérbios, classe responsável por alterar o sentido anterior de um verbo, obteve um número considerado expressivo nas entrevistas realizadas: 95 ocorrências, o que significa 12.11%. De forma análoga ao que aconteceu com as conjunções, todos os casos foram preenchidos com /S/:

“ [...] então eu fazia capoeira como era mais acessível.” (C2MF – WY)

“Uma área que eu jamais quero mexê é coisa com [...]” (A1MF – TG)

Nos exemplos acima, os advérbios *mais* e *jamais* são preenchidos com /S/ por também serem vocábulos monomorfêmicos. Assim como nas conjunções, a variante [Ø] não é realizada porque esse /S/ não é redundante, mas parte integrante da palavra.

Os demais advérbios que figuraram nas entrevistas, como *menos*, *atrás*, *depois*, *antes* etc, também são todos monomorfêmicos e partilham da mesma explicação já citada.

4.3.1.2.6. NUMERAL

O numeral é uma classe gramatical que exprime número, seja de ordem, múltiplo ou fracionário. Essa classe é bastante interessante, pois apesar de, em sua maioria, expressar plural, é monomorfêmica, o que explica a sua total realização com /S/.

Observe:

“Ta com três mese.” (A2MF – CO)

“Cada unidade, são seis unidades [...]” (C1MF – JS)

“Da Bahia a gente morou em Ceilândia uns dois anos.” (C2MF – WY)

Esses três exemplos demonstram a monomorfia dos numerais, porém, no primeiro e no segundo exemplo, fica claro outra característica que reforça o preenchimento de /S/ nos numerais, que é a possibilidade de exercer o papel de determinante.

No terceiro exemplo, é importante não confundir *uns* e interpretá-lo como numeral, pois nesse caso a sua função é de artigo indefinido, além de determinante. O vocábulo *dois*, sim, é um numeral de fato.

4.3.1.3. ACÓPODE DE /N/

Veja a tabela geral da variação entre /N/ e [Ø]:

CLASSE	VARIANTE		TOTAL
	/N/	[Ø]	
Verbo	197 (29.50%)	5 (41.67%)	202 (29.69%)
Nome	34 (5.09%)	3 (25%)	37 (5.44%)
Artigo	52 (7.78%)	0	52 (7.68%)
Pronome	27 (4.04%)	0	27 (3.97%)
Preposição	117 (17.51%)	4 (33.33%)	121 (17.79%)
Advérbio	230 (34.43%)	0	230 (33.82%)
Numeral	11 (1.65%)	0	11 (1.61%)
TOTAL	668 (98.24%)	12 (1.76%)	680 (100%)

4.3.1.3.1. VERBO

Os verbos que recebem /N/ ao final são aqueles conjugados em terceira pessoa do plural no modo indicativo, tanto no presente quanto no pretérito simples e no futuro do pretérito, além daqueles em segunda pessoa do plural no modo imperativo.

Como o quadro aponta, foram muitas as ocorrências de /N/ (197), em oposição às poucas de [Ø] (5). São muitos os exemplos retirados das entrevistas que comprovam essa afirmação:

“Porque tem convalidação, aí tem que tá no sábado, são seis unidades [...]”

(C2SF – WY)

“[...] p’que a maioria dos moradores não conhecem a história da cidade.” (C2SF – WY)

Os verbos *tem* e *conhecem* recebem /N/ e mantém o padrão redundante de concordância do PB, onde todos os constituintes do sintagma nominal e o verbo recebem flexão de número e, nessa classe específica, de pessoa. O que mantém /N/ é o grande estigma social destinado a [Ø], e não um fator puramente linguístico. No entanto, isso apresenta questões importantíssimas para a gramática da língua, pois rejeita a variante inovadora e mantém a indicada pela GT.

Para entendermos um pouco melhor como funciona a variante [Ø] nos verbos, podemos observar duas das cinco aparições que figuraram nas entrevistas:

“Minha avó conheceu o meu avô no Rio aí eles casaru.” (C2SF – WY)

O verbo *casaru*Ø apresenta, além da apócope de /N/ e sua inevitável desnazalização, um processo de monotongação, onde o ditongo [aw] passa a apenas [w]. Essa realização é bastante comum em falantes menos escolarizados e que são marginalizados pela sociedade, porém o grupo de entrevistados mostrou pouca familiarização com essa variante.

4.3.1.3.2 NOME

Na classe dos nomes, /N/ também venceu [Ø] : 34 a 3. Um fato interessante sobre essa classe é que os adjetivos obtiveram mais ocorrências que os substantivos. Os exemplos ajudarão a entender o que ocorreu:

“Ah, não... Foi ontem né.” (B2SF – RT)

“Cê passá na particulá é facim [...]” (A1SF – TG)

“Assim, pode se vê pelo lado bom, mas também pelo lado ruim[...]” (C2MF – WY)

No primeiro exemplo, o substantivo *ontem*, monomorfêmico, recebeu /N/ e, semelhante a alguns nomes analisados em /S/, não tem /N/ como morfema de flexão em gênero e número, mas sim como parte integrante de seu radical. Assim, a sua queda ou não depende de variáveis sociais e, como os entrevistados rejeitaram majoritariamente a variante [Ø], é compreensível que a maioria dos vocábulos análogos à *ontem* apareçam acompanhados da variante /S/.

O segundo exemplo apresenta um caso curioso, bastante comum nas ocorrências do PB: o adjetivo *facinho*, diminutivo de *fácil*, foi realizado como *facim*, apresentando apócope de [o], mas a manutenção da nasalidade. É possível enxergar nessa ocorrência um indicativo do princípio da economia linguística, a fim de deixar a fala mais rápida e corriqueira.

Por fim, o terceiro excerto apresenta dois nomes com /N/: os adjetivos *bom* e *ruim*. Ambos são monomorfêmicos, por isso apresentam manutenção da variante padrão. Além disso, outro fato atrai a atenção, que é a manutenção do contraste fonêmico. Isso significa que, se *ruim* for realizado como *ruio*, haverá proximidade desse vocábulo com o substantivo próprio Rui, e as línguas tendem a não aceitar esse tipo de problema, preservando sempre os traços distintivos entre os vocábulos para manter a sua estrutura.

3.3.1.3.3 ARTIGO

Com 53 ocorrências, todos os artigos foram realizados com a variante /N/, mas o mais interessante é que o único vocábulo dessa possível de aparecer é *um*, já que esse é o único artigo terminado em /N/ (sem levar em consideração a sua contração com preposições, como *num* e *dum*).

“Fica um no sofá o outro no chão [...]” (C1MF – JS)

“[...] essa parada de você tá num outro ritmo [...]” (B2MF – RT)

O primeiro exemplo mostra o artigo indefinido *um*, marcado com /N/. Ele não pode receber [Ø], pois, semelhante ao que aconteceria com o adjetivo *ruim*, ele perderia a distinção

fonêmica que possui com o artigo *o*, pois na oralidade ele é realizado como [u]. Por esse motivo, acredito que não houve ocorrência de artigos com a variante [Ø].

4.3.1.3.4. PRONOME

Com 27 ocorrências, os pronomes que figuraram nas entrevistas foram todos marcados com /N/. Não poderia ser diferente, pois são vocábulos monormofêmicos e, também, não podem abrir mão de /N/ por causa do contraste fonêmico. Veja:

“[...] tê um hospital pra mim.” (A1SF – TG)

“Não sei mesmo quem é o administradô de Brasília.” (B1MF – RT)

Nesses dois exemplos, os pronomes *mim* e *quem* não podem ser realizados com [Ø], pois perderiam o contraste fonêmico com *me* e *que*, respectivamente. Assim, /N/ é fundamental para a constituição desses vocábulos.

4.3.1.3.5. PREPOSIÇÃO

A preposições apresentaram variação entre /N/ e [Ø], porém com ampla vantagem para a primeira variante: 117 a 4. É interessante observar o que motiva a realização de cada uma dessas variantes, pois assim entendemos um pouco mais de todo o processo:

“Pra ele investí em hospital, em asfalto, em segurança, em escola.” (A1MF – TG)

“Tem que falá ne áudio?” (A2SF – CO)

Nos dois exemplos acima, temos ocorrências da preposição *em*: Na primeira, um caso com a variante /N/; Na segunda, a variante [Ø].

Como alguns outros vocábulos analisados anteriormente, a preposição *em* não pode perder a nasalidade por causa do contrastes fonêmico que estabelece com a conjunção *e*, por isso, no segundo exemplo, apesar de vermos a apócope de /N/, um [n] é acrescentado antes do vocábulo. Assim, o contraste fonêmico é mantido.

O processo de variação do pronome *com* acontece de forma diferente da que está descrita acima. Observe:

“Ah é ela falô pra gente não comentá com ninguém.” (B1SF – MK)

“[...] mas é assim é o telão c’as video-aula.” (C1SF – JS)

No primeiro exemplo, *com* está preenchido com a variante /N/, mas no segundo vemos a apócope e, conseqüentemente, a variante [Ø]. Além disso, há um apagamento de *o* e uma aglutinação com o vocábulo seguinte, o artigo *as*. Essa construção é comum em dados orais poucos monitorados do PB contemporâneo.

Assim, estão descritas as duas ocorrências de variante [Ø] nos pronomes e as suas causas, além da motivação que leva a maioria dos vocábulos dessa classe serem realizados com /N/.

4.3.1.3.6. ADVÉRBIO

A maior parte das ocorrências desse fenômeno aconteceram em advérbios. Foram 230 realizações, e todas com a variante /N/.

Seguem abaixo alguns dados:

“[...] costume e aos poucos assim o costume de Brasília ta sendo montado.” (B2MF – RT)

“[...] vou fazê bem lento que é pra durá os cinco minutos.” (B1SF – MK)

“É, as pessoas tem essa visão também de que [...]” (B2MF – RT)

Os advérbios são vocábulos monomorfêmicos, por isso, quando há apócope de /N/, o processo é diferenciado, como já foi explicitado em alguns tópicos acima. Nos exemplos destacados, *assim*, *bem* e *também* fazem uma pequena amostra do que é possível ver integralmente nas entrevistas (anexos tal tal tal): total preenchimento de /N/.

Vale a pena destacar algumas ocorrências interessantes nos advérbios, como o caso de *num*:

“Lazê assim eu acho que quase num tem lugá pra saí. (A2MF – CO)

Esse advérbio é uma variação de *não*, porém ele sofreu um processo de monotongação e de [aw] foi pra [w], porém mantendo a nasalidade. É uma ocorrência análoga ao de *casaram*, descrita no tópico reservado aos verbos (3.3.1.3.1).

4.3.1.3.7. NUMERAL

Os numerais obtiveram uma porcentagem tímida (1.61%), com 11 ocorrências. Foram 11 vezes que o numeral *um* foi repetido, sempre marcado com a variante /N/.

“Só fica um policial lá e ele não resolve nada.” (B1MF – MK)

É importante não confundir o *um* numeral com o *um* artigo indefinido, pois, apesar da semelhança, eles possuem funções diferentes no sintagma. Entretanto, nenhum dos dois recebe [Ø] em detrimento de /N/.

4.3.2. EXTENSÃO DO VOCÁBULO

Uma variável que tem se mostrado relevante em estudos sociolinguísticos é a extensão do vocábulo, pois, a depender do processo metaplasma analisado, ela pode favorecer ou não a realização da queda ou do acréscimo de segmentos no vocábulo.

O critério para definir a extensão do vocábulo baseia-se nas sílabas, vide conceituação nos pressupostos teóricos, e por isso temos 4 possibilidades:

- Monossílabos: Vocábulo com apenas uma sílaba;
- Dissílabos: Vocábulo com duas sílabas;
- Trissílabos: Vocábulo com três sílabas;
- Polissílabos: Vocábulo com quatro sílabas ou mais.

Como estamos estudando, a apócope em codas finais, pesquisar a influência da extensão dos vocábulos onde esse metaplasma acontece pode mostrar-se produtivo. Vamos analisar cada fenômeno individualmente para entendermos a influência que essa variável apresenta ou não em cada contexto:

4.3.2.1 ACÓPODE DE /R/

Abaixo, a tabela:

EXTENSÃO DO VOCABULO					
VARIANTE	MONOSSILABO	DISSILABO	TRISSILABO	POLISSILABO	TOTAL
/R/	25 (22.93%)	16 (9.14%)	4 (5.20%)	0	45 (12%)
[Ø]	84 (77.07%)	159 (90.86%)	73 (94.80%)	14 (100%)	330 (88%)
TOTAL	109 (29.07%)	175 (46.66%)	77 (20.54%)	14 (3.73%)	375 (100%)

Primeiramente, o que atrai a atenção é o grande volume de vocábulos disílabos (46.66% do total geral), seguidos por ocorrências medianas de monossílabos (29.07%) e trissílabos (20.54%) e, por fim, um número bastante pequeno de polissílabos (3.73%). Isso pode ser explicado pelo próprio léxico do PB, que apresenta poucos vocábulos com quatro sílabas ou mais, enquanto privilegia aqueles que são menores, como os trissílabos, dissílabos e monossílabos. Logo, faz sentido que as ocorrências tenham se distribuído dessa forma em nosso quadro.

Vamos nos deter em cada tipo de vocábulo, separadamente, para uma melhor explicação:

4.3.2.1.1. MONOSSÍLABOS

Os vocábulos monossílabos apresentaram 109 ocorrências e, desse total, 22.93% foram realizadas com a variante /R/, enquanto 77.07% vieram com [Ø]. É nítida a preferência por [Ø], porém foram vocábulos que aconteceram mais realizações com a variante padrão.

A explicação que se dá para esse número maior de ocorrências preenchidas, em contraposição às que realizam o apagamento [Ø], é a recuperação do fonema na mente do falante. Como o vocábulo possui apenas uma sílaba, é mais fácil retomar o seu fonema final (nesse caso, o /R/).

Abaixo, vemos dois excertos retirados das entrevistas, apenas para exemplificação:

“[...] eu fui a vê ontem [...]” (A1SF – TG)

“To querendo fazê por fora [...]” (B2MF – RT)

Não curiosamente, o vocábulo preenchido é uma preposição e aquele que sofreu apócope é uma preposição, conforme debatido amplamente no item de classe de palavras.

4.3.2.1.2. DISSÍLABOS

Dos 175 vocábulos dissílabos presentes em nosso *corpus*, 90.86% figuraram com /R/ e apenas 9.14% com [Ø]. Quando comparamos com os monossílabos, notamos um aumento em /R/ e uma diminuição em [Ø]. Esse fato parece revalidar a teorização proposta no item anterior, sobre a relação do tamanho do vocábulo e o ato de recuperação dos fonemas na mente do falante.

4.3.2.1.3. TRISSÍLABOS

Aqui nós percebemos o continuamento da gradação: 94.80% realizados com /R/ e 5.20% [Ø]: mais um aumento na primeira variante, em decorrência de diminuição da segunda.

4.3.2.1.4. POLISSÍLABOS

O tipo de vocábulo mais longo apresenta números deveras interessantes para a nossa análise: Das 14 realizações de polissílabos, todos aconteceram com a variante [Ø]. Vejamos alguns exemplos:

“Cê passa na particulá [...]” (A1SF – TG)

“Essa cultura no sentido de reconhecer as coisa que já tem [...]” (B2MF – RT)

Assim, com o primeiro exemplo, a hipótese inicial se confirma: quanto mais longo o vocábulo, mais fácil será para o falante realizar metaplasmos de supressão em codas finais e, nesse caso específico, a apócope.

No segundo caso, o verbo reconhece *reconhecer* mantém o /R/ por causa do contexto fonológico seguinte, que é a vogal [a], o que possibilita a criação de uma sílaba CV.

4.3.2.2. APÓCOPE DE /S/

O apagamento de /S/ possui algumas peculiaridades, e muitas delas já foram explicitadas nos itens anteriores. Ao olharmos o quadro abaixo, veremos que esse fenômeno não funciona de forma exatamente igual ao de /R/:

EXTENSÃO DO VOCABULO					
VARIANTE	MONOSSILABO	DISSILABO	TRISSILABO	POLISSILABO	TOTAL
[Ø]	5 (1.48%)	46 (15.86%)	19 (16.10%)	9 (21.95%)	79 (10.06%)
/S/	331 (98.52%)	244 (84.14%)	99 (83.90%)	32 (78.04%)	706 (89.94%)
TOTAL	336 (42.80%)	290 (36.94%)	118 (15.03%)	41 (5.23%)	785 (100%)

Como está indicado, nesse fenômeno, as realizações em [Ø] são bem menores e representam apenas 10.06% dos vocábulos, enquanto /S/ é expresso em 89.94% do total.

4.3.2.2.1. MONOSSÍLABOS

Contrariamente à hipótese levantada em /R/ para explicar a gradação das ocorrências entre os vocábulos, os monossílabos são, aqui, o tipo que menos apresenta a variante [Ø] (1.48%), enquanto /S/ contabiliza 98.52% de todas as ocorrências. A causa desse resultado inesperado está relacionada com as classes de palavras, pois a maioria dos vocábulos monossílabos com /S/ em coda final são artigos, conjunções e advérbios. No item das classes de palavras (4.3.1) foi apresentado um longo estudo sobre o porquê de essas classes receberem sempre a marca de /S/: o artigo, por exercer a função de determinante, e a conjunção e o advérbio por não receberem /S/ como morfema flexional, mas sim por tê-los em seu radical e, em alguns casos, manter oposição fonêmica.

[...] mas bastante tempo” (B2MF – RT)

“[...] então as pessoa se dirigem pra você [...]” (C2MF – WY)

Os dois exemplos acima destacam a conjunção *mas* e o artigo *as*, demonstrando as suas especificidades e corroborando com a motivação explanada.

4.3.2.2.2. DISSÍLABOS E TRISSÍLABOS

Os dissílabos e trissílabos já apresentam um comportamento que se encontra um pouco mais próximo ao esperado, apesar de apresentarem números extremamente próximos: 84.14% em /S/ e 15.86% em [Ø], 83.90% em /S/ e 16.10% em [Ø], respectivamente.

Na verdade, eles se equiparam. Ainda que o quadro apresente uma pequena diminuição de /S/ quando passamos dos dissílabos para os trissílabos, a diferença é muito pequena. No entanto, ela serve como indicativo para a nossa hipótese, que torna-se mais robusta quando analisamos o tipo de vocábulo posterior.

4.2.2.2.3. POLISSÍLABOS

Os polissílabos foram os vocábulos que menos registraram a variante /S/ (78.04%) e, conseqüentemente, os que mais apresentaram a variante [Ø] (21.95%). Isso reforça a ideia apresentada de que, quanto maior o vocábulo, maior a chance de a apócope acontecer.

4.3.2.3. APÓCOPE DE /N/

Eu morava bem naqueles prédios amarelo [...]" (A1MF – TG)

A variação entre /N/ e [Ø] assemelha-se ao processo que ocorre com /R/, ou seja, não apresenta tantas peculiaridades quanto o de /S/, porém, por fatores já explicados nos itens anteriores, esse fenômeno é o que menos registra a variante [Ø]. Vejamos:

EXTENSÃO DO VOCABULO					
VARIANTE	MONOSSILABO	DISSILABO	TRISSILABO	POLISSILABO	TOTAL
/N/	429 (99.07%)	188 (98.94%)	29 (90.62%)	22 (88%)	668 (98.24%)
[Ø]	4 (0.93%)	2 (1.06%)	3 (9.38%)	3 (12%)	12 (1.76%)
TOTAL	433 (63.68%)	190 (27.94%)	32 (4.70%)	25 (3.68%)	680 (100%)

4.3.2.3.1. MONOSSÍLABOS

“Eu quero trabalhá em hospital.” (A1SF – TG)

“É um trampo seu?” (B2SF – TG)

Os exemplos acima demonstram a indiscutível preferência dos falantes por /N/: são 99.07% de todas as ocorrências. Como nos casos citados nos itens anteriores, muitos artigos, conjunções, preposições e, nesse caso específico, pronomes, são monossílabos, o que favorece a monomorfia dos pronomes e, conseqüentemente, a manutenção da variante preenchida em oposição ao apagamento.

Ainda assim, é possível analisar uma das quatro realizações de [Ø] e conjecturar motivos para tal:

“Não se fosse assim, c’as mesmas pessoa.” (A1SF – TG)

Nesse caso, a preposição *com* perdeu a nasalidade e a vogal, que era quem a recebia. É possível ver indícios de mais um processo oriundo do princípio da Economia Linguística, assim como também de simplificação silábica, pois há um destravamento do vocábulo *com* e uma justaposição com o artigo *as*, formando um segmento CV, *c + a*, que vimos nos pressupostos teóricos ser a sílaba natural nas línguas do mundo e, por extensão, no PB.

4.3.2.3.2 DISSÍLABOS

Os percentuais dos dissílabos são muito próximos aos encontrados nos mossílabos: temos 98.94% em /N/ e 1.06% em [Ø]. Aplicando a nossa hipótese geral que postula que, quanto maior o vocábulo, mais chance ele tem de apresentar apócope em coda final, vemos uma tímida confirmação da ideia pressuposta, mesmo que o crescimento [Ø] de seja muito pequeno.

A preferência por /N/ pode ser atestada através dos seguintes exemplos retirados das entrevistas:

“Aí tu já viu aquela imagem que [...]” (B1SF – MK)

4.3.2.3.3. TRISSÍLABOS

Os vocábulos trissílabos apresentam um aumento relativamente grande da variante [Ø], que vai para 9.68%, enquanto /N/ assume 90.62% do total. Os vocábulos que possuem três sílabas são mais extensos e, como já sabemos, favorecem o apagamento, mesmo quando o processo de variação estudado é o que se mostrou o mais estigmatizado e rejeitado pelos entrevistados.

Abaixo seguem dois exemplos, um de /N/ e outro de [Ø], que serão analisados separadamente:

“Eu acho que ajudaria os jovens também, sairia das ruas [...]” (A1MF – TG)

Nesse excerto, o verbo *sairia*Ø não recebe /N/ e, como ele está relacionado ao sujeito plural *os jovens*, o esperado e prescrito pela gramática normativa é que ele recebesse a desinência completa de tempo, modo, número e pessoa, mas o que de fato acontece é que o verbo não é preenchido com essa marca, mas, sim, é conjugado como terceira pessoa do singular. Isso é explicado pela tendência do PB contemporâneo em marcar plural apenas no(s) conjuante(s) à esquerda ou nos determinantes, por isso o verbo acaba perdendo o /N/, ainda mais porque trata-se de oração coordenada e existe uma vírgula entre ele e o sujeito, que deveria ter sido expresso novamente na segunda oração.

“[...] a imagem que as pessoa de fora tem da gente [...]” (C2MF – WY)

Aqui, a falante opta por produzir a variante não-estigmatizada e realiza o /N/, porém linguisticamente é completamente possível e aceitável que alguém prefira a variante *imageØ*. Trata-se de uma questão social.

4.3.2.3.4 POLISSÍLABOS

Como esperado, os polissílabos apresentaram mais vocábulos realizados com a variante [Ø] do que todos os outros: foram 12%, contra 88% de /N/. A variante padrão continua dominando com grande vantagem, mas os números reforçam hipótese que fundamenta a análise dessa variável, como explicitado no item anterior. Veja um exemplo:

“Mas mesmo assim as pessoas da cidade se apropria [...]” (B2MF – RT)

No excerto acima, o verbo *apropriaØ* é realizado de forma não-padrão, analogamente ao que acontece com o verbo *sairiaØ*, descrito no item 4.3.2.3.3.

Dessa forma, analisar a extensão dos vocábulos que compõem o *corpus* desse trabalho mostrou-se relevante, apontando indícios de sua possível contribuição na realização de uma variante ou outra.

3.3.3 TONICIDADE DA SÍLABA

Todos os vocábulos possuem uma sílaba que carrega mais peso ou mais força. Essa sílaba é chamada de tônica, pois a sua entonação se destaca quando comparada com as outras. O PB possui três possibilidades de realização de tonicidade das sílabas no nível do vocábulo, são elas:

- Oxítonas: quando a sílaba tônica é a última do vocábulo, por exemplo, *amassar*;
- Paroxítonas: acontecem quando a sílaba tônica é a penúltima, como no vocábulo *gelado*;
- Proparoxítonas: são aquelas que possuem maior tonicidade na sílaba que ocupa o espaço de antepenúltima. Um exemplo é *árvore*. É importante destacar também que todo vocábulo proparoxítono é acentuado graficamente em sua sílaba mais forte.

Abaixo, cada um dos fenômenos de variação estudados serão analisados através dessa variável, levando em consideração as suas especificidades para tentar compreender como eles se realizam no paradigma linguístico.

3.3.3.1 APÓCOPE DE /R/

Os vocábulos com codas finais em /R/ possuem peculiaridades, como já foi relatado em alguns itens nesse trabalho. A tabela geral desse fenômeno aplicado à essa variável explicitará algumas outras características dignas de atenção, o que colaborará para o seu entendimento total:

VARIANTE	TONICIDADE			TOTAL
	OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPÁROXÍTONAS	
/R/	39 (10.66%)	6 (66.66%)	0	45 (12%)
[Ø]	327 (89.34%)	3 (33.34%)	0	330 (88%)
TOTAL	366 (97.6%)	9 (2.4%)	0	375 (100%)

3.3.3.1.1 OXÍTONAS

É interessante observar o comportamento das variantes /R/ e [Ø] nos vocábulos oxítonos, pois, como já foi explicitado, todos os falantes preferiram majoritariamente a variante [Ø], que obteve 89.34% do total das ocorrências, enquanto /R/ ficou com apenas 10.66%.

Também vale ressaltar que, do total de todos os dados, os oxítonos representam 97.6%, ou seja, os vocábulos com codas finais em /R/ são quase sempre oxítonos. Isso pode ser explicado pelas preposições, que geralmente são monossílabas e, por isso, só podem ser oxítonas, como também pelos verbos no infinitivo e as suas terminações, que puxam a tonicidade para a última sílaba.

Os excertos abaixo podem ajudar a exemplificar:

“[...]e a pessoa fica com medo de levá os filhos [...]” (C2MF – WY)

O verbo *levar* é realizado sem o /R/, mas o peso que estava na consoante é transferido para a vogal, que passa a se comportar como se recebesse um acento agudo. Assim, fica nítido o porquê de a maioria dos vocábulos com codas finais em /R/ serem oxítonos, mesmo quando a variante realizada é [Ø]. No entanto, veja o excerto a seguir:

“[...] o ar da cidade [...]” (B2MF – RT)

Já nesse exemplo acima, o vocábulo *ar* recebe /R/, mas o que deve ser analisado é o contexto fonológico seguinte: o vocábulo *da*. Como já foi dito anteriormente, quando o vocábulo seguinte é iniciado por vogal, há um favorecimento da variante preenchida acontecer em detrimento do apagamento. O contrário seria esperado quando contexto fonológico seguinte é consonantal, no entanto, nesse caso da apócope, percebe-se que a presença dessa consoante contribui na manutenção da vibrante do infinitivo. Também é possível dizer que o contraste fonêmico também é importante para esse caso, pois ao realizar /R/, não corre-se o risco de acontecer uma confusão entre o substantivo *ar* e o artigo *a*.

4.3.3.1.2. PAROXÍTONAS

Com apenas 9 ocorrências, as paroxítonas aparecem timidamente: 66.66% com /R/ e 33.34% com [Ø]. Observe os exemplos abaixo:

“[...] eu não sô o líde [...]” (C2SF – WY)

Essa sentença, que já foi analisada no item 4.3.1.1.2, também é útil para mostrar o funcionamento de [Ø] em uma paroxítona. É possível notar que a sílaba tônica, *lí*, é acentuada graficamente, pois possui um peso silábico maior. Por isso que *deØ* pode abrir mão de /R/ e não trazer prejuízos ao vocábulo *lídeØ*.

“[...] adoro sinto super falta [...]” (B2MF – RT)

Já nesse excerto, *super* é realizada com /R/, mas por ser um neologismo importado do inglês, o que lhe imputa processos diferentes. É importante ressaltar que todas as ocorrências de /R/ nas paroxítonas foram em nomes que passaram por esse mesmo processo de neologismo, ou seja, os vocábulos paroxítonos próprios do PB e com coda final em /R/ tendem sempre a serem marcados com [Ø].

4.3.3.1.3. PROPAROXÍTONAS

Entre todas as entrevistas feitas, nenhum vocábulo proparoxítono com coda final em /R/ foi encontrado. Isso reforça o peso silábico que essa consoante traz à sílaba em que se encontra, ou seja, a última, e aponta para a pouca produtividade das proparoxítonas no PB.

4.3.3.2. APÓCOPE DE /S/

O fenômeno da apócope de /S/ é diferente do apagamento em /R/, principalmente por causa da função de plural atrelada a ela. Abaixo, o quadro geral ajudará a descrever melhor esse processo:

TONICIDADE				
VARIANTE	OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPÁROXÍTONAS	TOTAL
/S/	396 (96.82%)	292 (82.48%)	18 (81.82%)	706 (89.94%)
[Ø]	13 (3.18%)	62 (17.52%)	4 (18.18%)	79 (10.06%)
TOTAL	409 (52.11%)	354 (45.09%)	22 (2.0%)	785 (100%)

4.3.3.2.1. OXÍTONAS

Os vocábulos oxítonos terminados em /S/ também possuem peculiaridades. Ao focar em cada uma delas, ficará mais fácil entender os 96.82% destinados à variante preenchida, enquanto [Ø] recebe apenas 3.18%. O que primeiro pode ser destacado é a grande presença de conjunções e artigos, que em sua maioria são vocábulos monossílabos. Além disso, a pressão social para que se tenha “uma boa fala” leva a maioria dos falantes a marcarem os nomes e verbos com /S/, mantendo as suas concordâncias redundantes. Veja exemplos abaixo:

“[...] mas quando ela tem internet ela fala [...]” (B1SF – MK)

A conjunção *mas* é realizada com /S/, pois é monomorfêmica e precisa garantir o contraste fonêmico com o adjetivo *má*.

“Tu vai virá professô [...]” (B1SF – MK)

Como analisada no item dos verbos, dentro da variável classe de palavras, essa sentença apresenta o verbo *vaiØ*, ou seja, está recebendo conjugação de terceira pessoa do singular, quando na verdade o pronome *tu* pede que o verbo seja conjugado na segunda pessoa do singular. Essa forma de realizar o verbo foi pouco encontrada no *corpus*.

4.3.3.2.2. PAROXÍTONAS

Diferente do que foi visto em /R/, as paroxítonas em /S/ são abundantes, principalmente nos nomes. Isso se dá por causa do processo de flexão em número, que resulta em concordância nominal no PB. Também é possível notar um crescimento de [Ø] quando comparado ao item anterior (oxítonas): a maioria continua com /S/ (82.48%), mas a variante desprestigiada fica com 17.52%. Esse crescimento é explicado quando relacionamos a tonicidade da sílaba à variável anteriormente estudada, a extensão do vocábulo. Ora, um vocábulo só pode ser paroxítono se for, no mínimo dissílabo. É por isso que no PB há uma tendência aos vocábulos paroxítonos, e é o que é possível ver aqui. Os exemplos, como sempre, ajudarão na descrição desse fenômeno:

“As salas de aula são bem equipadas [...]” (B1SF – MK)

“[...] Tem umas coisa de patins que é tipo [...]” (B2MF – RT)

Os dois excertos acima indicam situações diferentes: No primeiro, *salas* e *equipadas*, ambos vocábulos paroxítonos, recebem /S/ e mantêm a concordância de todo o período; No segundo, o nome paroxítono *coisa* é marcado com [Ø], apoiando-se no determinante anterior, *meus*, que já indica o traço de pluralidade necessário.

O que diferencia ambos é a preferência do falante em marcar /S/ ou [Ø], por uma questão mais estilística e social do que propriamente linguística, já que as duas opções são válidas e plenamente usuais.

4.3.3.2.3 PROPÁROXÍTONAS

Há um número pequeno de vocábulos propároxítonos, mas, ainda assim, é um grande número se comparado a total ausência desse tipo de palavra em /R/. Nos vocábulos com /S/, 81.82% receberam a variante preenchida enquanto 18.18% sofreram apagamento. Esse fato indica mais uma vez a relação da tonicidade da sílaba com a extensão vocábulo, já que para ele ser propároxítono, o lógico é que tenha mais de três sílabas e seja trissílabo ou polissílabo e, como foi mostrado no item 4.2.2, esses vocábulos possuem menos ocorrências que os monossílabos e os dissílabos. Ainda assim, há percentualmente mais casos de [Ø] nas propároxítonas do que nas oxítonas.

Atente-se aos exemplos a seguir:

“Na verdade nós não trabalhávamos com [...]” (C2SF – WY)

O verbo *falávamos* está conjugado na primeira pessoa do plural, por isso recebe desinência de tempo, modo, número e pessoa. O /S/ faz parte dessa desinência e, como essa conjugação é quase sempre feita por falantes cultos, a variante tende a ser realizada nesses casos, pois os indivíduos que foram menos expostos às práticas de letramento utilizam mais o pronome *a gente*, que é conjugado como terceira pessoa do singular.

“O povo gosta só dessas área [...]” (A1SF – TG)

Nesse segundo caso, o nome *área* recebe [Ø], deixando a marca de plural apenas para o determinante anterior, *dessas*. Aqui fica evidente o favorecimento do apagamento por causa da extensão do vocábulo, além da sílaba tônica, que é a mais pesada, puxar a carga rítmica e semântica para si. Tudo isso é um terreno fértil para que /S/ caia.

4.3.3.3. APÓCOPE DE /N/

A apócope em codas finais nos vocábulos terminados em /N/ pode ser descrita como uma junção do que acontece em /R/ e /S/. Veja a tabela:

VARIANTE	TONICIDADE			TOTAL
	OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS	
/N/	580 (99.14%)	88 (92.63%)	0	668 (98.24%)
[Ø]	5 (0.86%)	7 (7.37%)	0	12 (1.76%)
TOTAL	585 (86.02%)	95 (13.97%)	0	680 (100%)

4.3.3.3.1. OXÍTONAS

Os vocábulos oxítonos em /N/ comportam grande número de artigos, preposições e numerais que são mossílabos e só podem ser oxítonos. Há também muitas ocorrências de verbos que recebem /N/ como parte da desinência de tempo, modo, número e pessoa, e que podem ocorrer com [Ø] ou /N/, a depender de questões sociais e estilísticas, como também há verbos monossilábicos que precisam da variante preenchida para garantir o contraste fonêmico com outras palavras do PB. Mas a classe que mais realiza vocábulos para essa

variável é o advérbio, que é monomorfêmico e preza pela variável preenchida. Esses fatos já foram discutidos no item 4.2.1, porém é necessário lembrar deles para ter em mente como a variável atualmente estudada funciona.

Dos 585 oxítonos, 99.14% foram realizados com /N/, enquanto apenas 0.86% apareceram com [Ø]. Além das causas relatadas no parágrafo anterior, a extensão do vocábulo também é um fator determinante, já que as oxítonas podem ser desde monossílabos até polissílabos, o que aumenta as suas possibilidades de ocorrência. Observe os dois exemplos abaixo:

“E o pessoal vem de longe pra tirá foto [...] (A2MF – CO)

“É, levando assim em consideração o ensino você acaba levando uma bagagem até interessante.” (C2MF – WY).

No primeiro excerto destacado, o verbo *vem*, conjugado na terceira pessoa do singular, recebe /N/ com função desinencial, além de manter garantia do contraste fonêmico com outros vocábulos do PB. Já no segundo, temos o advérbio *assim* e a preposição *em* (o nome *bagagem* será discutido no item sobre as paroxítonas). Os dois são monomorfêmicos e não podem abrir mão de /N/ por causa do contraste fonêmico com outros vocábulos do PB.

Aqui, temos um exemplo da variante [Ø]:

“Co prefeito?” (A1MF – TG)

Nesse outro caso, a preposição *coØ* tem o /N/ apagado. Isso pode ser explicado pela tendência no PB em ter sílabas CV e vocábulos CVCV, o que fica claro nessa ocorrência, pois o contexto é seguinte o de um vocábulo iniciado por consoante. A variante [Ø] é realizada é um indício do princípio da economia linguística.

4.3.3.3.2. PAROXÍTONAS

As paroxítonas confirmam a hipótese anteriormente levantada de que a tonicidade da sílaba está intrinsecamente relacionada à extensão do vocábulo. Nos vocábulos em que sílaba tônica é a antepenúltima, /N/ apareceu 92.63% e [Ø] 7.37%. Há um crescimento considerável quando comparada com as oxítonas, apesar do número de realizações totais das paroxítonas ser bem menor (apenas 95 ocorrências).

Os exemplos abaixo ajudarão na descrição da variável:

“É, levando assim em consideração o ensino você acaba levando uma bagagem até interessante.” (C2MF – WY).

O nome *bagagem*, trissílabo e paroxítono, é momorfêmico e aceita tanto a variante /N/ quanto a variante [Ø], porém as variáveis sociais mostraram que a apócope de /N/ é a mais estigmatizada socialmente e, dentre as três estudadas neste trabalho, foi a mais evitada pelos entrevistados.

“Falaru que tem umas coisa [...]” (B2MF – RT)

Nessa outra ocorrência, o verbo *falaruØ*, variante popular de *falaram*, o último [a] passa por um processo de alteamento e passa a ser realizado como [u]. Posteriormente, ocorre a desnasalização e, conseqüentemente, a queda de /N/. Foram poucas as ocorrências de verbos conjugados dessa forma, como esse quadro e o do item da classe de palavras (qual é) indica, possivelmente por causa da reação social negativa que ele recebe.

4.3.3.3.3. PROPAROXÍTONAS

Análogo ao que aconteceu com /R/ no item 4.2.3.1.3., não houve ocorrências de proparoxítonas em /N/. Isso também é reflexo do menor número desse tipo de vocábulo no PB, como também dos trissílabos e polissílabos. Dessa forma, a variável Tonicidade da sílaba mostrou-se relevante, pois dialoga com as duas anteriores: classes de palavras e extensão do vocábulo. Isso revela que a língua é um construto composto por vários níveis, porém todos estão interligados e funcionam conjuntamente.

4.4. CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS

Para um melhor entendimento de como as variáveis acontecem dentro dos fenômenos de variação, é necessário cruzá-las. Assim, esse item tratará do cruzamento de variáveis sociais com as variáveis linguísticas, proporcionando uma análise mais aprofundada de todo o processo.

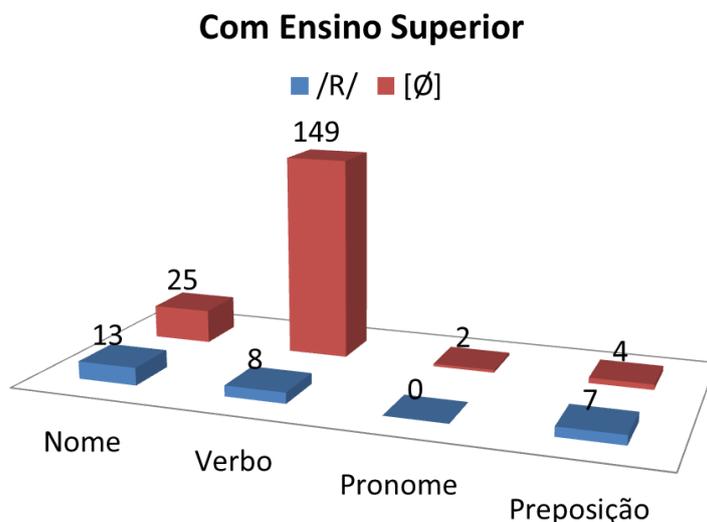
4.4.1. CLASSE DE PALAVRAS X ESCOLARIDADE

Ao cruzar a variável linguística *classe de palavras* com a variável social *escolaridade*, procuro entender um pouco mais do processo de interferência da educação formal na

realização das apócofes de /R/, /S/ e /N/, já que as classes gramaticais fazem parte do conteúdo do ensino. Assim, veremos se apenas a conclusão do ensino médio é determinante para esse aprendizado, ou se a diplomação no ensino superior de fato privilegia a variante padrão.

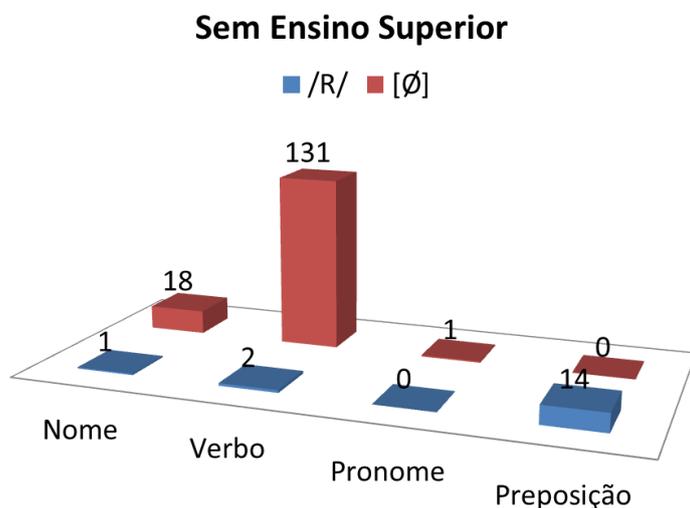
4.4.1.1 APÓCOPE DE /R/

Os entrevistados que possuem ensino superior completo apresentam o seguinte gráfico de variação entre as classes de palavras:



Esses falantes realizaram mais a variante [Ø] em todas as classes de palavras, menos na preposição. Assim, a aceitação do apagamento de /R/, que já foi repetida nesse trabalho algumas vezes, recebe mais um indício de sua cristalização no PB oral contemporâneo.

Já os falantes que concluíram apenas o ensino médio, apresentam esse resultado:

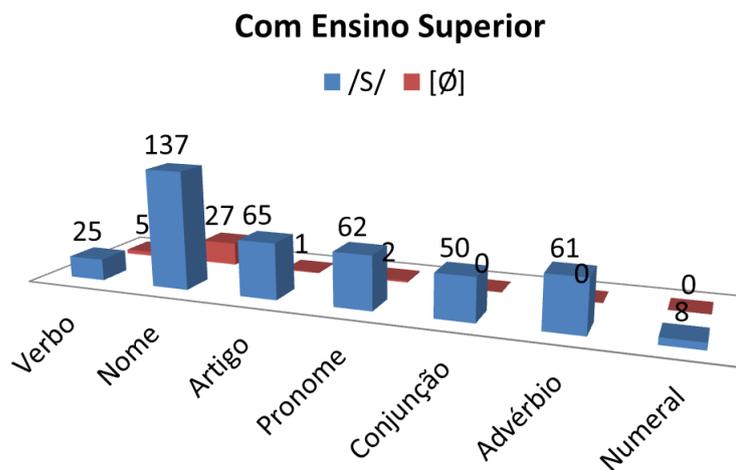


O resultado é muito parecido com o que foi obtido dos informantes já graduados no ensino superior, salvo os nomes e, timidamente, os verbos, em que há menor marcação de /R/ se comparado com os dados daqueles que são diplomados em faculdades. Isso aponta para o fato de essa realização ser comum a todas as classes de falantes do PB, independentemente da escolaridade. Merecem atenção as preposições que, aqui, foram todas realizadas com a variante preenchida, contrariando o esperado.

4.4.1.2. APÓCOPE DE /S/

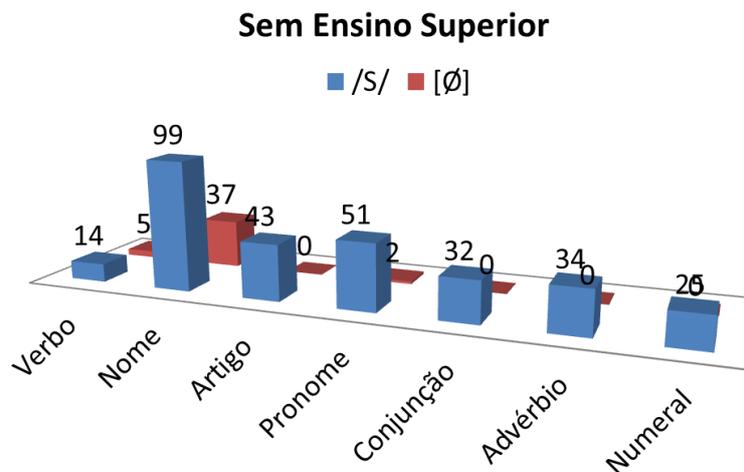
Na variação entre /S/ e [Ø], a variante preenchida vence, como a análise isolada das variantes já revelou. Agora, cruzada com as classes de palavras, espera-se descobrir novos indícios e características do seu funcionamento.

Assim estão representados os dados dos entrevistados que possuem ensino superior completo:



A variante /S/, de fato, é a preferida. Os nomes despontam como a classe que mais é marcada com a variante preenchida, mas ao mesmo tempo também é a que mais recebe [Ø]. Nos verbos, mesmo com poucas ocorrências, /S/ também domina. O artigo, que já sabemos ser determinante, só tem um caso de apócope registrado, enquanto as outras classes realizam apenas /S/, por motivos já narrados no item 4.3.2.

Para comparar, segue abaixo o gráfico do resultado apurado entre os informantes que possuem apenas o ensino médio completo:

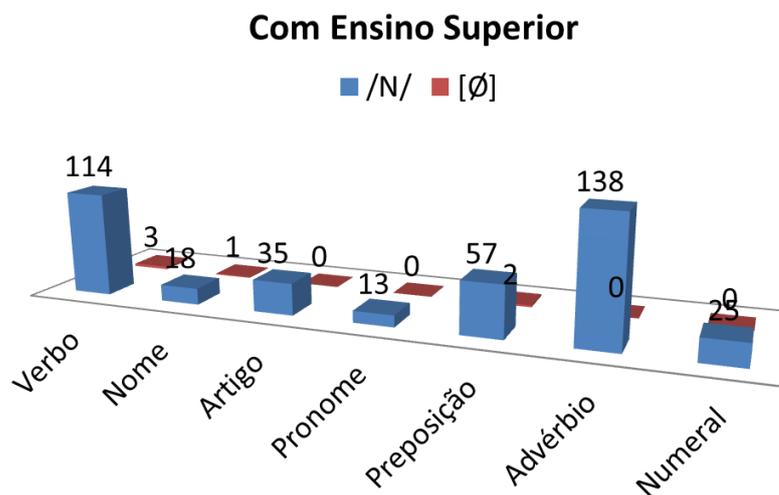


Há um crescimento de [Ø] nos nomes, o que revela um traço social na tendência de se marcar o plural no item à esquerda, ou seja, no determinante. Os verbos aparecem menos e, por isso, as cinco ocorrências daqui tem um peso maior do que as cinco ocorrências dos entrevistados com ensino superior completo. Os artigos permanecem 100% marcados com /S/, o que pode ser um reflexo do número considerável de [Ø] nos nomes (lembrando sempre da tendência em marcar o determinante). As outras classes se mantêm sem mais surpresas.

4.4.1.3. APÓCOPE DE /N/

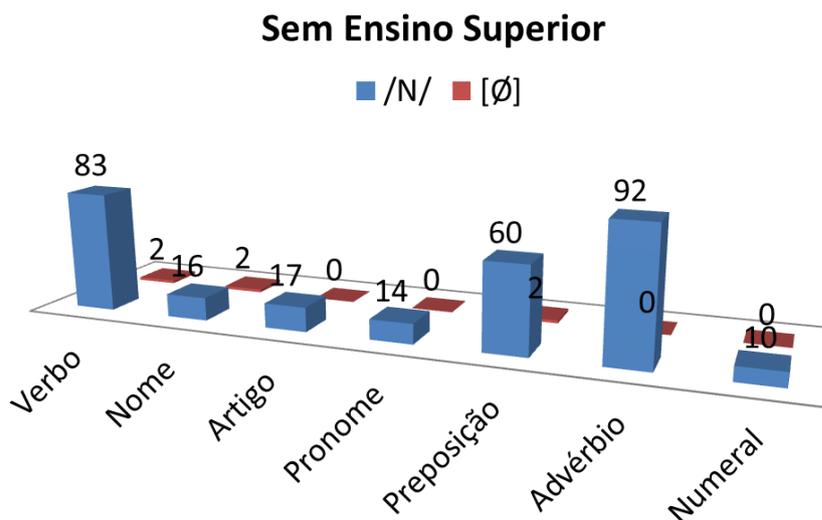
O fenômeno de variação que se revelou o mais conservador, /N/ e [Ø], não revelou muita coisa nova quando cruzado entre duas variáveis distintas.

Observe o gráfico das realizações produzidas pelos entrevistados que já concluíram um curso de nível superior:



A variante [Ø] figura pouquíssimas vezes, tendo seu recorde entre os verbos (apenas 3 aparições). As classes como os artigos, preposições, numerais etc mantêm o /N/ porque não podem abrir mão do contraste fonêmico, como já foi explicitado.

Abaixo, o gráfico desse mesmo fenômeno, mas com dados coletados entre os indivíduos não-graduados no ensino superior, mostra que a rejeição a [Ø] mantém-se praticamente intacta:



Os números são praticamente os mesmos, o que revela a rejeição por [Ø] presente em dois segmentos diferentes da sociedade. Isso reforça os indícios já colhidos nas análises isoladas das variáveis.

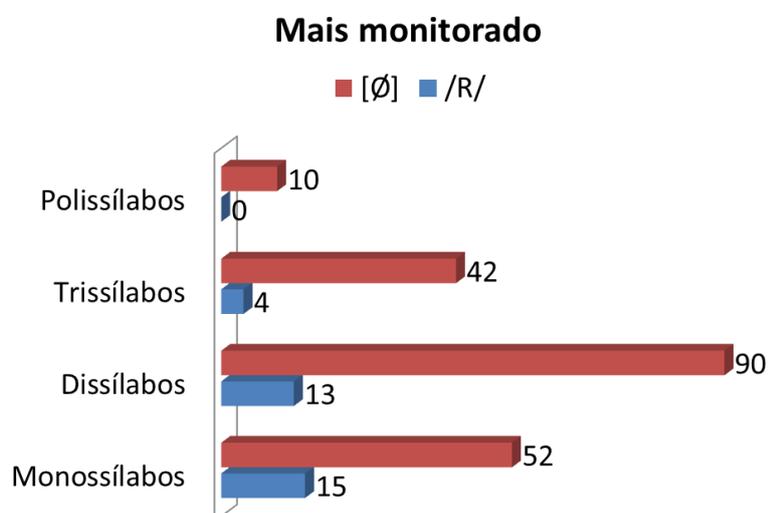
3.4.2 EXTENSÃO DO VOCÁBULO X MONITORAMENTO

O grau de monitoramento relaciona-se ao nível de consciência empregado pelo falante em suas produções. Sabemos que a língua admite várias situações e, a depender do momento, do lugar e das pessoas com quem falamos, nós monitoramos de forma mais efetiva ou não a nossa fala.

A extensão do vocábulo revela a tendência em realizar apócope nas palavras com mais sílabas e, ao cruzá-la com a variável do grau de monitoramento, pretendo analisar se os vocábulos, maiores ou menores, tendem a receber a variante preenchida quando estão sob um nível maior de monitoramento.

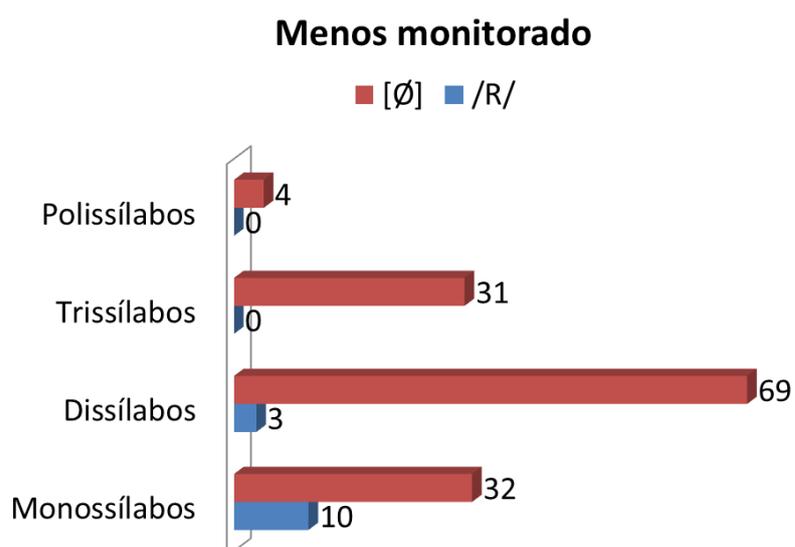
4.4.2.1. APÓCOPE DE /R/

O gráfico abaixo mostra as produções dos informantes em /R/ ou [Ø] quando estavam sob nível de maior monitoração da fala:



Já foi indicado, primeiramente, no item 3.2.1.1, que [Ø] vence /R/ nas mais diversas situações, logo aqui o resultado não poderia ser diferente. Há uma queda constante em /R/ de acordo com o tamanho do vocábulo: começa em 15 nos monossílabos e termina em 0 nos polissílabos.

O gráfico com os dados dos informantes em situação menos monitorada reforça o mesmo resultado:

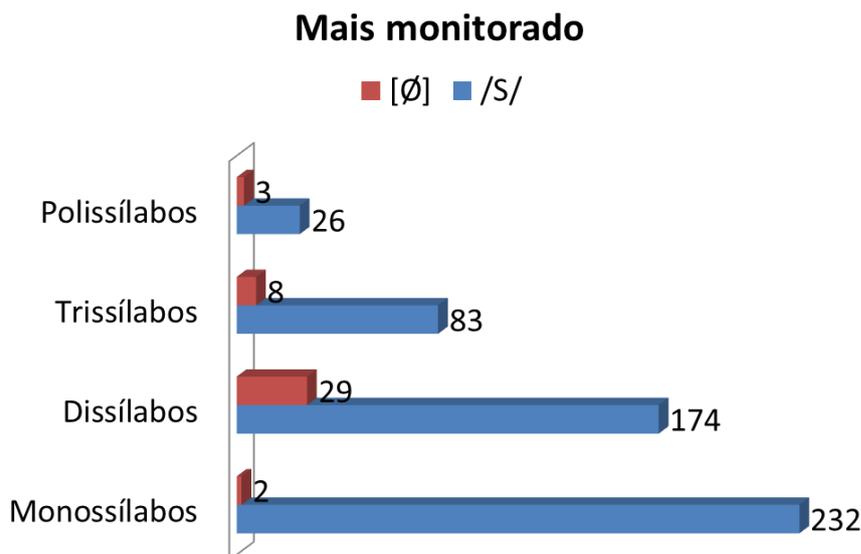


A variante /R/ apresenta a mesma curva decrescente: começa com 10 ocorrências, vai pra 3, e logo chega a 0. Esses números demonstram que aumentar o nível de

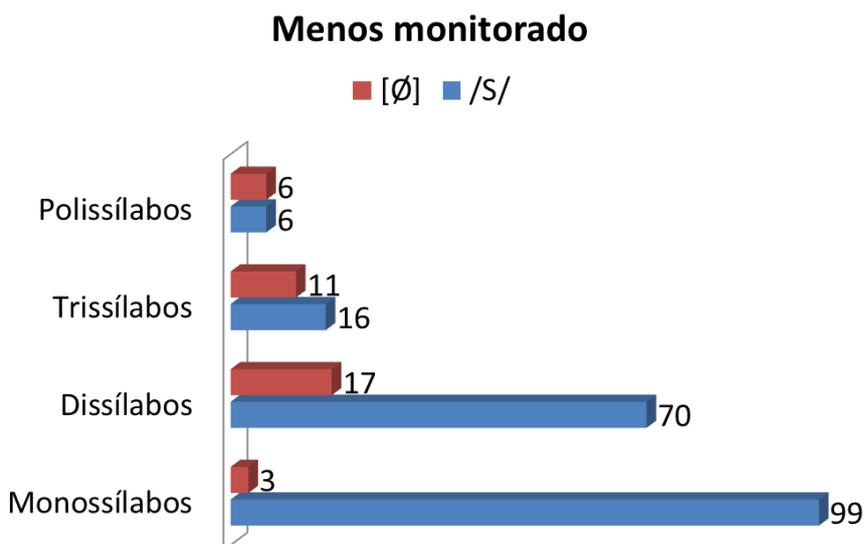
monitoramento não foi eficaz para barrar a variante [Ø], que mantém-se, preponderantemente, em maioria nos dois casos.

4.4.2.2. APÓCOPE DE /S/

A variação entre /S/ e [Ø] apresentou relevância para esse cruzamento de variáveis. Veja o gráfico referente às produções dos entrevistados sob maior grau de monitoramento:



A variante preenchida é majoritariamente preferida, mas isso não é fato novo, conforme dados apresentados nos itens das variáveis sociais (3.2) e das variáveis linguísticas (3.3). Compare agora o gráfico anterior ao seguinte, que trata dos dados coletados dos informantes em situação menos monitorada:

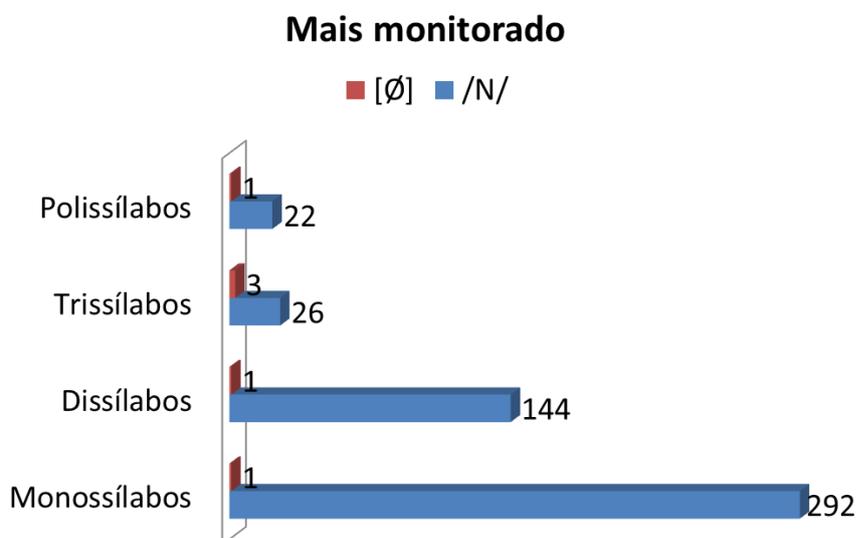


A diferença entre um gráfico e outro aponta que, quando está monitorando de forma mais consciente a sua fala, o indivíduo tende a realizar menos [Ø] e mais /S/. Isso fica claro

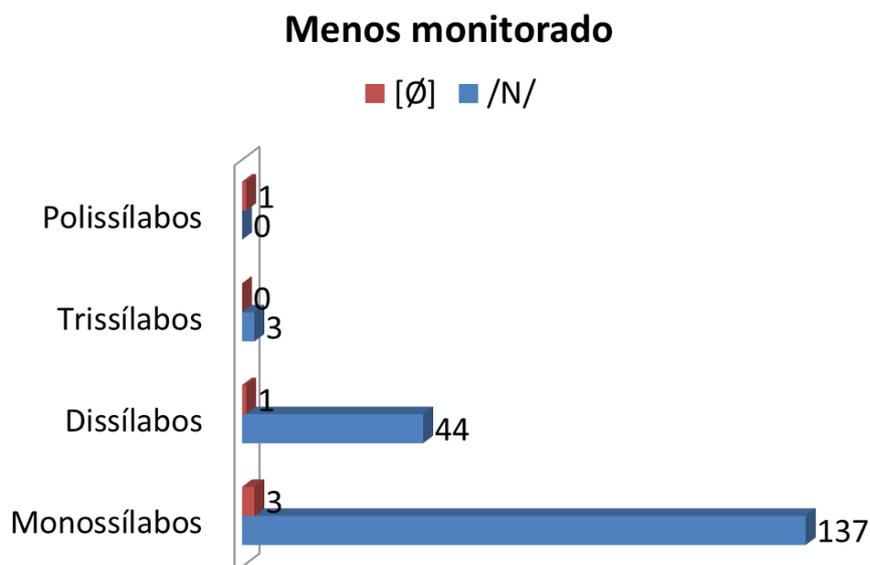
quando observamos os vocábulos maiores, trissílabos e polissílabos, que sabemos possuir tendência a realizar [Ø], porém as ocorrências dessa variante nos dados com maior grau de monitoramento é bem menor do que aqueles com uma fala mais livre.

4.4.2.3. APÓCOPE DE /N/

O fenômeno de variação entre /N/ e [Ø] foi o que menos registrou disputa, dando vitória indiscutível à variante preenchida. Isso é o que foi analisado nos itens 3.2 e 3.3. Vejamos o que o cruzamento das variáveis lança sobre esse processo:



Os dados indicados no gráfico acima, que contempla as produções dos entrevistados sob maior nível de monitoramento, não revela fato novo. Para comparações, observe o gráfico abaixo:



Aqui, os dados dos falantes enquanto produziam linguisticamente de forma mais descontraída só reforçam os resultados já obtidos no gráfico anterior. Há profunda rejeição da variante [Ø] em todos os tipos de vocábulos e em ambos os níveis de fala.

4.5. AVALIAÇÃO

Após esse imenso passeio pelas variáveis presentes na língua e na sociedade que regulam o jogo da variação, é preciso fazer uma avaliação de como os processos aconteceram e de qual forma os sujeitos entrevistados se relacionaram com cada um deles.

3.5.1 APÓCOPE DE /R/

O apagamento de /R/ foi, de longe, o mais aceito ou melhor avaliado pelos informantes. Isso é demonstrado por praticamente todos os itens de análise de variáveis (de 3.2.1.1 a 3.4.2.1). Algumas respostas já foram indicadas anteriormente, como no item das classes de palavras (4.3.1.1), que mostrou a realização dos verbos no infinitivo (isso aumentou consideravelmente o número de vocábulos participantes dessa variação) e a sua tendência a marcar [Ø], deixando o peso silábico que outrora fora de /R/ somente na sílaba. Enfim, não creio que eu precise repetir o que já foi discutido e apresentado, mas apenas lembrar do que for mais importante para esse momento final. Também se mostrou relevante para esse fenômeno o modelo silábico do PB, que preferencia CVCV, o que motivou a queda de /R/ em algumas preposições que, em seu contexto fonológico seguinte, apresentava uma consoante.

Os dados escritos mostraram que, apesar de [Ø] ser dominante na fala, quem vence nesse outro nível linguístico é /R/. Isso demonstra o peso da escolaridade (já que os entrevistados possuíam diploma ao menos do ensino médio), pois apesar do apagamento ser aceito na fala, ele é mal avaliado na escrita. Os informantes demonstraram uma separação de tratamento para as variantes no nível oral e no nível escrito. Isso pode indicar que, apesar da força dessa variante inovadora, as instituições sociais, como a escola ou a universidade, seguram as normas da tradição gramatical.

3.5.2. APÓCOPE DE /S/

Foi dito no início desse trabalho que a apócope de /S/ é muito mais do que o apagamento de um arquifonema para o PB, pois em alguns casos ele afeta, diretamente, o quadro de flexão nominal e verbal de nossa língua.

Isso foi atestado quando os entrevistados que produziram períodos com o pronome *tu*, de segunda pessoa do singular, marcaram o verbo com [Ø] e lhe conferiram conjugação de terceira pessoa do singular. Esse processo já está, praticamente, cristalizado no PB contemporâneo e existem vários estudos apenas sobre ele, porém, como as entrevistas que realizei foram mais objetivas, houve poucas situações de conversa direta (que valoriza o aparecimento dos pronomes em segunda pessoa).

A tendência do PB em marcar plural apenas no determinante também foi verificada nos dados recolhidos e, apesar de não ser a maioria, mostrou-se como uma variável sólida nesse processo.

Já os dados escritos, mais uma vez, demonstraram abraçar a norma padrão e registraram poucos casos da apócope de /S/. Creio que, mais uma vez, a escolaridade foi fator determinante. Talvez se essa pesquisa fosse feita com indivíduos que só possuísem ensino fundamental (completo ou incompleto), o resultado seria diferente e a variante inovadora [Ø] seria mais vista.

Dessa forma, o processo de variação entre [Ø] e /S/ está aí, acontecendo na língua, com os falantes tendendo a julgar negativamente a variante que opera o apagamento, mesmo que, às vezes, eles próprios façam uso dela. Quem sabe, em um futuro (próximo ou não), essa inovação seja apropriada de forma mais acentuada.

3.5.3 APÓCOPE DE /N/

Já foi dito e redito nesse trabalho que a apócope de /N/ foi a mais avaliada negativamente pelos entrevistados. A sua minúscula ocorrência de 12 casos em um quadro de 680 ao total, mostrou que o apagamento de /N/ foi conscientemente evitado pelos informantes.

O apagamento de /N/ também interfere no quadro conjugacional dos verbos no PB, como foi explicitado no item 4., porém, diferente do que acontece em /S/, aqui, [Ø] não encontra muito espaço.

Os dados escritos apenas confirmam essa indicação, mostrando que, entre os informantes, /N/ foi maioria tanto na oralidade quanto na escrita. Creio que, mais uma vez, o fator escolaridade foi preponderante para esse resultado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral, os três processos apresentaram respostas próprias ao fenômeno da apócope em coda final: o /R/ com a sua tendência majoritária ao [Ø]; o /S/ pendendo para a variante preenchida, mas aceitando também o apagamento e, por fim, o /N/, recusando majoritariamente o [Ø]. É interessante perceber as semelhanças e diferenças que perpassam cada fenômeno, inclusive quando focamos em variáveis específicas. O local de procedência dos informantes, por exemplo, apresentou diferenças tímidas, embora o esperado fossem números com mais substância. Já a escolaridade apresentou-se muito importante, até mesmo, na proximidade dos dados encontrados.

Ao final, a hipótese apresentada no início desse trabalho, confirma-se. Creio que o princípio da Economia Linguística, associado a outros condicionamentos que foram vistos no decorrer do estudo, como a extensão do vocábulo, a monomorfia e a bimorfia, o grau de monitoramento das produções, a escolaridade dos informantes, entre outros, é o que, preponderantemente, ocasiona a apócope desses três arquifonemas. A maior indicação para chegar a essa conclusão é atestar que só há apagamento onde a língua permite (como é o caso da manutenção do contraste fonêmico, discutido no item 4.3.1.) e as situações de justaposição de alguns vocábulos formando sílabas CVCV, que é a mais produtiva no PB. Em outros termos, é possível perceber um esforço em simplificar a produção de alguns vocábulos. Um outro exemplo é a queda de /R/ nos verbos infinitivos, que, como os demais segmentos estudados, destrava a sílaba e forma uma CV, como também a tendência em marcar apenas o determinante com /S/, evitando a redundância do sistema de concordância do Português Brasileiro.

APÊNDICES

1. INFORMANTE 1 – TG

1.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADA

Entrevistador: Esse trabalho final é...

Entrevistada: É pro TCC?

Entrevistador: Sim. A *** tem muito tempo que eu não vejo ela.

Entrevistada: Não, eu a vi no dia do meu aniversário e depois eu fui a vê ontem, puquê ela veio puquê tamém... Ela veio de noite e no outro dia cedin já vai embora.

Entrevistador: Ah, ela dorme aqui.

Entrevistada: Ela vem e dorme e no outro dia ela vai embora.

Entrevistador: Eu num sei se ela tá terminando também.

Entrevistada: Ela vai demorá... Acho que a dela termina daqui uns dois anos. A *** tá quase terminando. A da *** (inint).

Entrevistador: A Elen entrou antes de mim.

Entrevistada: A da Elen já tá terminando.

Entrevistador: Ela entrou quando eu tava no primeiro ano.

Entrevistada: Eu sei que a Elen entrou na época do orkut ainda. Ela entrou na época do orkut véi, é muito tempo.

Entrevistador: Foi 2010 na verdade.

Entrevistada: Gente cê passa tantempo denduma faculdade. Cê entrá é tão difícil, cê saí é mil vezes mais.

Entrevistador: Eu achava que isso era mentira, mas né não. Ainda mais Engenharias.

Entrevistada: Um dia a Lidi pegou, ela me empresta uma folha aqui que eu vô fazê um cálculo pra mandá pá menina aqui, aí ela fez 2sv frente e versu aí eu falei não. Quê que é isso aqui ai

ela falô não é só a resposta dessa pergunta aqui, eu falei não gente. Ai gente... Eu num nasci pa isso não...

Entrevistador: De uma, né.

Entrevistada: Dô conta de fazê isso não. Eu não dô conta mal mal de fazê a fórmula de báskhara. Não dô conta. Uma área que eu jamais quero mexê é coisa com (inint).

Entrevistador: Cê pensa em fazê o quê?

Entrevistada: Medicina.

Entrevistador: Sério?

Entrevistada: Cois' de doido né?

Entrevistador: Nossa, eu acho pió. Num consigo...

Entrevistada: Não, eu gosto muito da área de saúde.

Entrevistador: Lembra do ***, do ***?

Entrevistada: Um que era mei doidin? Lembu.

Entrevistador: Ele estuda lá. Ele faz enfermagem.

Entrevistada: Gente... Dá po cê subestimá as pessoa 2ou não.

Entrevistador: Ele mora no prédio lá.

Entrevistada: Caraca. Nossa.

Entrevistador: Mas ele formou e fez o ensino médio todo de novo no IF. Mas eu não faria isso não.

Entrevistada: Eu também não faria não. Não se fosse assim, c'as mesmas pessoa eu teria vontade de fazê. Hum hum, imagina eu lá gente com vinte dois ano e um menino de quinze? Nunca... Tem saco pra isso não, num tem num dô conta.

Entrevistador: Aí ele faz enfermagem também, queria medicina mas não consegui.

Entrevistada: Gente, medicina não é de Deus. É horrível (inint) dá muito trabalho. Cê passá na particulá é facim, mas como é que vai pagá, seis mil e tanto por mês? Assim a mais barata que tem lá em Brasília é seis mil e pouco.

Entrevistador: Dá pra comprar uma moto por mês.

Entrevistada: Dá uma por mês. Gente eu tava fazendo os cálculo da faculdade de medicina assim se for durante todo o tempo, dezoito semestre, mais de meio milhão de reais.

Entrevistador: Detalhe: Se você não reprová nenhuma matéria, né.

Entrevistada: Sem reprová nenhuma matéria. Isso é tipo assim impossível.

Entrevistador: A minha vizinha faz medicina. Mas ela passou pela cota indígena.

Entrevistada: Ah, eu nem na dos nego eu ento. Puque eu num tenho, mas num adianta, num adianta. São muitas. Muitas pessoa, já vou na normal mermo.

Entrevistador: Cê fez, vai fazê o vestibulá?

Entrevistada: Nã... Cento e vinte reais eu vô fazê nada ué... Cento e vinte reai eu já num tô estudano chegá lá (inint) e num conseguí fazê a prova? Vô não...

Entrevistador: Tenho um primo estudando muito pra agronomia. Muito.

Entrevistada: É que a Agronomia num é tão complicado assim né.

Entrevistador: Pouca gente qué fazê. E as cotas tem muita.

Entrevistada: Eu vejo muita gente do vovó olívia fazendo agronomia. Eles fazem muito agronomia lá.

Entrevistador: Metade das pessoa da UnB são de Luziânia.

Entrevistada: Metade das pessoa da UnB é tudo do vovo olívia. Gente o vovo olívia... Não mas o vovo olívia passa mais. Por mês, por ano assim eles mandam mais ou menos vinte, trinta alunos pra UNB.

Entrevistador: Muita gente. A *** ta estudando lá. A *** do ***.

Entrevistada: Não conheço.

Entrevistador: A que ele é apaixonado e sofre há muito tempo.

Entrevistada: Não, não conheci não.

Entrevistador: Ela ela morava aqui, estudava no ***.

Entrevistada: É. Não, eu num *** conheci não.

Entrevistador: Ela faz lá ***.

Entrevistada: Jesus. Eu também num vô... Gente eu não consigo me vê fazeno ota faculdade... Não, Gastronomia. Eu gosto muito de gastronomia. Eu ia fazê mas eu não consegui o FIES, se eu tivesse conseguido.

Entrevistador: Cê viu que agora tem financiamento privado?

Entrevistada: É, só que eu não... A faculdade não tava fazendo (inint) gastronomia lá na UNIEURO. P'que que eu queria gastronomia? P'que o cara bonitin que eu converso faz lá. Aí eu quis fazê lá. Mas eu consegui.

Entrevistador: Você não vai comê?

Entrevistada: Não, agora não, eu tava comeno doce agora. Cê aceita doce de amendoim? Casêro. Melhó que paçoca.

Entrevistador:Eu to com intolerância a lactose.

Entrevistada: Ih...

Entrevistador: O *** conseguiu a bolsa lá na Unip acho pra farmácia mas quando ele [...]

Entrevistada: P'que que ele não voltô?

Entrevistador: Coitado.

Entrevistada: Aprende, tu vai aprendê hoje como é que faz. Vai descobrí hoje.

Entrevistador: Daí ele perdeu a bolsa, véi.

Entrevistada: Caramba. Coitado. Não mas eu quando eu fui fazê a minha tamém faltô a minha carteira de trabalho porque aqui não tava fazendo, aí eu fui no valparaíso inda fazê chamei meu tio pá í comigo aí na hora que a gente chegô lá não tá mais fazendo hoje, aí eu falei fia

duma égua... aí já não precisava mesmo. Aí eu peguei liguei lá na faculdade, aí a mulhé não se você conseguí comprovante de que você realmente não trabalha, não tem renda, a gente faz sua matrícula, aí eu beleza, to lá esperando o fies, esperando o fies, quando saiu o resultado do meu tava em quinto, eu falei merda, o meu saiu o três. Aí eu perguntei pa moça ta fazendo financiamento aí ela não, já acabou.

Entrevistador: Essa bolsa era do prouni também?

Entrevistada: É. Cinquenta por cento.

Entrevistador: Eu tenho uma amiga que faz lá gestão pública.

Entrevistada: Um amigo meu faz contabilidade se eu não me engano. Pois é mas gastronomia é tão bom.

Entrevistador: Só vejo masterchef.

Entrevistada: Gesto, assisto as vezes. Eu vou olhando aquilo é tão bom, mas nada supera um parto, gente. Nada.

Entrevistador: Você não queria nem enfermagem.

Entrevistada: Não enfermagem... Se eu não conseguí passá em medicina eu vou fazê enfermagem obstétrica. P'que eu quero trabalhá na sala de parto.

Entrevistador: Sei.

Entrevistada: Eu quero í pra sala de parto. Gente eu vejo as fotos assim eu falo meu sonho tê um filho, não, fazê o fi dos oto nascê. Não quero um pra mim.

Entrevistador: Tem muita área de saúde, tem fisioterapia, você não gosta não?

Entrevistada: Não. Eu quero medicina, eu quero sê obstetra.

Entrevistador: Lá em Ceilândia, na unb de lá é só saúde.

Entrevistada: Muitas áreas. Eu quero trabalhá em hospital.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistada: Sempre quis tê uma clínica pra mim, tê um hospital pra mim.

Entrevistador: Você tem três ou dois sobrinhos?

Entrevistada: Três.

Entrevistador: O que tava aqui não era esse não né?

Entrevistada: Qual?

Entrevistador: O que tava aqui agorinha?

Entrevistada: É.

Entrevistador: Ah é?

Entrevistada: É.

Entrevistador: Eu achei que era outro.

Entrevistada: Não, é esse aí, o o to ele tem onze ano já.

Entrevistador: Eles moram com você?

Entrevistada: Essa aqui mora. Esses dois eu que morava na casa deles. Lá no centro.

Entrevistador: Ah.

Entrevistada: Aí eu morava lá. O o to tem onze e esse tem três e ela tem sete.

Entrevistador: Você não mora mais com sua irmã?

Entrevistada: Não, eu to morando aqui.

Entrevistador: Aí você vai lá ainda as vezes.

Entrevistada: Vô. Dia sim dia não eu to lá com eles.

Entrevistador: Cê cuida dele?

Entrevistada: Né tchuchu. Essa menina as veze dá vontade de matá. Mas é custosa. Pensa numa minina custosa.

Entrevistador: Eu não tenho sobrinho ainda não.

Entrevistada: Tem certeza que cê num qué mais? Pega mais bolo.

Entrevistador: Não. Mas ta muito bom.

Entrevistada: Ele não pode tomá mais do que três mamadeiras no dia não. Tem também a FEPECS né. Aquela lá eu queria.

Entrevistador: Lá é mais fácil.

Entrevistada: Gente o prouni lá tinha cem bolsas de medicina.

Entrevistador: Caraca. Mas cê viu a nota de corte?

Entrevistada: Setecentos e pouco.

Entrevistador: É. E na UnB tava o quê?

Entrevistada: Oitocentos e dez.

Entrevistador: Tava oitocentos? Deus me livre.

Entrevistada: Gente a nota de medicina é aquele negócio que cê olha assim cê chora. Só de cê olhá cê já vai chorando.

Entrevistador: Meu primo também tava assim. Aí ele fez técnico em enfermagem pelo pronatec de graça. Pela FACESA.

Entrevistada: Uhum, minha irmã faz faculdade lá.

Entrevistador: Ah é, ela faz de quê.

Entrevistada: Enfermage.

Entrevistado: Ela faz a faculdade mesmo.

Entrevistada: É. O povo gosta. (inint) só dessas área.

Entrevistador: Meu pastô também faz lá, enfermagem.

1.2 ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Como você veio morá aqui?

Entrevistada: Eu já nasci aqui na cidade mesmo.

Entrevistador: Você nasceu aqui.

Entrevistada: Aham.

Entrevistador: Mas e seus pais?

Entrevistada: Meu pai morava no Ocidental no povoado Mesquita.

Entrevistador: Ah ele morava no Mesquita?

Entrevistada: E minha mãe já morava aqui também.

Entrevistador: Ah, mas tipo assim, desde pequena?

Entrevistada: Desde pequena ela sempre morou aqui.

Entrevistador: Nossa, que interessante. A maioria das pessoas que eu entrevistei é filho de alguém que veio pra cá.

Entrevistada: Não ela já nasceu aqui mesmo.

Entrevistador: E você conhece a história da família do seu pai e da sua mãe? [...]

Entrevistada: É, lá era quilombola, e a família da minha mãe morava tipo na roça também, mas a história assim ao certo eu não sei.

Entrevistador: Você entra em contato assim com os seus avós?

Entrevistada: Não, meus avós já são falecidos.

Entrevistador: Os quatro?

Entrevistada: Os quatro.

Entrevistador: Entendi. E tipo lá no Mesquita, você tem costume de ir, tem parente?

Entrevistada: Tenho parentes, a maioria de lá quase todo mundo são parentes, mas tem uns três, quatro anos que não vamos lá.

Entrevistador: Tendi. É, lá eu não sei se lá ainda tem coisas do governo pra manter a cultura.

Entrevistada: Não, acho que não. Acho que só os moradores mesmo que mantêm a cultura.

Entrevistador: Entendi. É, o que que tem de interessante na cidade? Aqui, onde você mora.

Entrevistada: Cara, tem a biblioteca.

Entrevistador: Aquela na frente do estadual?

Entrevistada: É, tem aquela biblioteca, tem o centro cultural, que fica lá no Rosário. O cinema, o shopping que num tem tanta coisa assim. Só. O que tem 3mv de interessante na cidade.

Entrevistador: Uhum. Certo, e ainda assim é um pouco longe daqui né.

Entrevistada: Longe daqui donde eu moro.

Entrevistador: É, o que você e sua família mais gosta de fazer junto?

Entrevistada: Ah, é, almoçá, as veze assistí televisão. Só. Ninguém faz mais nada cada um pro seu canto.

Entrevistador: Entendi, mas assim, vocês costumam viajá?

Entrevistada: Muito pouco.

Entrevistador: Qual é a sua atual profissão?

Entrevistada: Eu sou estudante.

Entrevistador: Ok. O que você acha que falta na sua cidade?

Entrevistada: Lazê, segurança... Hospitais, é...

Entrevistador: Você acha que as pessoas que moram aqui mais ajudam ou atrapalham o desenvolvimento da cidade?

Entrevistada: Algumas ajudam, porque lutam pra melhorá a cidade, mas algumas atrapalham. P'que o que governo constrói, eles vão e destróem 3mvP'que que nem construíram praças lá em cima, os moradores destruíram tudo.

Entrevistador: É, isso é complicado. Mas acho que cê ia falá e eu te interrompi.

Entrevistada: Não, era só isso mesm.

Entrevistador: Você acha que seria uma boa ideia se o governo criasse um projeto pra delinear e divulgar a história da cidade?

Entrevistada: Seria, p'que a maioria dos moradores não conhecem a história da cidade. Eu mesmo não conheço a história da cidade.

Entrevistador: É, Luziânia é uma cidade histórica, né

Entrevistada: É uma cidade histórica e ninguém se preocupa com a história da cidade, pra eles tanto faz tanto fez, ninguém qué sabê da história da cidade.

Entrevistador: Verdade. E assim, a do bairro. A história do bairro. Você conhece?

Entrevistada: Não.

Entrevistador: Você sempre morou aqui ou você morava em outro lugar de Luziânia?

Entrevistada: Não, eu morava no bairro Santa Luzia, que é mais próximo ao Centro, aí tem dezesseis anos que eu moro nesse bairro aqui.

Entrevistador: O bairro santa luzia fica perto do rosário?

Entrevistada: É. Ali onde fica a policlína, o hotel saron, aquele pedacin ali. Eu morava bem naqueles prédios amarelo, eu morava atrás deles.

Entrevistador: Ah, sei. Hotel Saron era aquele hotel que tinha caído e aí reformaram né?

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: Sei onde fica. Quando eu estudava aqui eu ouvia essas histórias. Você pratica algum esporte ou atividade cultural?

Entrevistada: Não.

Entrevistador: Nem esporte nem atividade cultural?

Entrevistada: Não.

Entrevistador: Você costuma í ao teatro, ao cinema?

Entrevistada: Cinema, p'que teatro...

Entrevistador: Qual foi o último que você viu?

Entrevistada: Jogos voraze a esperança o final.

Entrevistador: Eu também assisti.

Entrevistada: Faz uns seis mese.

Entrevistador: Assisti mas eu vi lá no park shopping. Só que o 3D de lá é muito ruim.

Entrevistada: Pió é que é o daqui.

Entrevistador: Oi? O daqui é pió?

Entrevistada: O daqui é bem pió.

Entrevistador: Eu achei que o cinema daqui não era ruim não. Eu vi uma vez 2su mas era dois dê.

Entrevistada: O três dê num era legal não.

Entrevistador: Entendi. Aquele da prefeitura fechou, né.

Entrevistada: Fechô, aquele lá era bem melhó [que esse otro.

Entrevistador: Eu lembro que era três reais.

Entrevistada: Três reai a gente pagava. Nesse de agora a gente já paga dezesseis.

Entrevistador: Nossa. Dezesseis não rola. Tá, mas quando você vai ao cinema você vai até outra cidade ou aqui mesmo?

Entrevistada: Não, aqui mesmo.

Entrevistador: Costuma í aqui mesmo né?

Entrevistada: Í no daqui mesmo.

Entrevistador: No do Val...

Entrevistada: Nunca fui, só o daqui.

Entrevistador: Você apoiaria um programa de apoio aos esportes e as atividades culturais na cidade?

Entrevistada: Sim, seria interessante.

Entrevistador: Eu não sei se aqui tem, geralmente lá no Ingá tem umas coisa assim de escola, capoeira [...]

Entrevistada: Não, eu acho que aqui abriu uma escola agora que vai tê.

Entrevistador: Aquela integral que o prefeito fez um [...]

Entrevistada: É essa memo, é bem ali. Ali no cinco ali embaixo.

Entrevistador: Legal. A escola é muito bonita né.

Entrevistada: É a escola é bonita.

Entrevistador: Tomara que eles saibam usá, que não seja destruída.

Entrevistada: Tomara, mas não vai durá muito não.

Entrevistador: Eu vi que tem piscina.

Entrevistada: Sim, tem uma piscina bem grande. As salas de aula são bem equipadas.

Entrevistador: Legal. Você acha que traria um impacto positivo?

Entrevistada: Sim , porque muitas pessoas não tem, não tem mesmo o que fazê em casa, eu acho que teria uma oportunidade da pessoa conhecê, fazê algo de diferente ao invés de ficá em casa dormindo. Eu acho que ajudaria os jovens também, sairia das ruas. Num ficaria...

Entrevistador: Ainda mais adolescente, criança, né

Entrevistada: Só fica na rua aprende o que não presta.

Entrevistador: O que você falaria pro seu prefeito se tivesse oportunidade?

Entrevistada: Pra ele criá vergonha na cara e gastá dinheiro em coisa útil. Em vez de ficá fazeno um monte de show na cidade num traz benefício nenhum, pra nenhum dos moradores. Pra ele investí em hospital, em asfalto, em segurança, em escola.

Entrevistador: Ta tendo show aqui direto é?

Entrevistada: É o que mais tem. O que mais tem é show.

Entrevistador: Lá no Ingá não tem nada.

Entrevistada: Eles já tão divulgando um show que vai tê em outubro.

Entrevistador: De quem?

Entrevistada: Gustavo Lima.

Entrevistador: Ah é, de graça?

Entrevistada: Não, é pago. Acho que é pago.

Entrevistador: A *** ainda é fã dele?

Entrevistada: É. Ela ainda gosta do Gustavo Lima, nó.

Entrevistador: Eu lembro que ela era fanática por esse cara.

Entrevistada: Ela é até hoje. Mas eu acho que ela não vai mais no show. P'que agora ela não vai mais p'essas coisa. Ela só fica em casa (inint).

Entrevistador: O show é um ambiente meio estranho né. Deve acontecer algumas coisas...

Entrevistada: É, o negócio...

Entrevistador: O que você acha de morá perto da capital do Brasil?

Entrevistada: Ah é meio, assim não é tão perto p'que, porque ônibus é difícil, as estradas tão ruins, o tempo que leva daqui pra lá é muito, principalmente pra quem vai todo dia é muito cansativo. Mas as veze é bom, p'que as veze que fazê alguma coisa diferente vai Brasília, lá tem muitos centros culturais, dá pra se divertir bastante lá.

Entrevistador: Aham. O seu pai e sua mãe trabalham lá?

Entrevistada: Minha mãe trablha lá.

Entrevistador: É punk né.

Entrevistada: Todo dia. Sai cedo e volta tarde. Sai cedo e volta tarde.

Entrevistador: Só chega e dorme.

Entrevistada: Só.

Entrevistador: Qual a sua visão de Brasília assim, pras pessoas que moram aqui, pra nós?

Entrevistada: Ah, todo mundo acha que é o máximo a cidade. P'que olhando em vista de Luziânia a cidade é perfeita.

Entrevistador: Cê acha que as pessoas daqui são bem recebidas lá?

Entrevistada: Algumas sim, por algumas pessoas, tem outras que não. Cê já olha, já faz cara de nojo.

Entrevistador: Pois é, isso é verdade. Bom ***, é isso.

Entrevistada: É isso? A parte do prefeito cê corta tá? A parte de criá vergonha na cara num precisa não.

Entrevistador: Relaxa.

1.3. TEXTO ESCRITO

Meu nome é ***,tenho 22 anos. Nasci e moro na cidade de Luziânia, no estado de Goiás.

Meu pai nasceu no Quilombo Mesquista, na cidade Ocidental e é descendente de escravos. Minha mãe nasceu na zona rural de Luziânia, mas depois veio para a área urbana.Tenho 1 irmão e 1 irmã. Ambos casados e com filhos. As fazemos refeições juntos, porém isso é muito raro.

Atualmente sou estudante, pretendo prestar vestibular para Medicina. O mercado de trabalho na minha região está escasso.

Minha cidade não é ruim, mas também não é a melhor. Deixa muito a desejar em varias coisas e os moradores precisam ir à outra cidade. A saúde é um exemplo disso. Falta segurança e boas escolas.

Se o governo criasse projetos para divulgar a historia da cidade, seria bom. A maioria dos moradores não conhece nada da história local.

Meu lazer se resume a livros e cinema, apesar de ter um bom tempo que não vou ao cinema. Mas para nenhuma dessas atividades, preciso me locomover até outra cidade.

Apesar de não praticar nenhum tipo de esporte, seria de grande utilidade projetos de esportes e projetos culturais na cidade. Isso daria uma daria outra opção a jovens e crianças que passam os dias nas ruas. Serviria até como distração para idosos.

O prefeito poderia aproveitar mais o dinheiro publico, em benefícios para a cidade. Arrumas escolas, investir em bons professores e em saúde, ao invés de gastar como shows e beneficio próprio.

Morar ao lado da Capital Federal é digamos, interessante. Apesar da distancia e do caos com transito, vários moradores da minha cidade se locomovem até lá para estudar e trabalhar. Ou seja, é uma oportunidade que geralmente não tem aqui na cidade.

2. INFORMANTE 2 – CO

2.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADA

Entrevistada: Oi, tudo bom?

Entrevistador: Tudo sim e você?

Entrevistada: Jóia. Vamo?

Entrevistador: Vamo lá.

Entrevistada: Onde é que nós vam...

Entrevistador: Ah, cê que sabe.

Entrevistada: Num é gravado não né?

Entrevistador: Vai tê que sê porque é mais fácil porque se eu for escrever demora muito.

Entrevistada: P' que cê num falou eu tinha digitado e te mandado.

Entrevistador: Não, não relaxa.

Entrevistada: Senta aí. Hã, aí como que é...

Entrevistador: Não mas fica tranquila, é muito simples.

Entrevistada: Tem que falá ne áudio?

Entrevistador: Não, mas relaxa

Entrevistada: Sou tímida.

Entrevistador: Fica tranquila.

Entrevistada: Eu vou colocá minha vó pra respondê.

Entrevistador: Nã, ninguém vai ouvir não.

Entrevistada: Não...

Entrevistador: Eu vou transcrevê. Tem que fazê em áudio porque geralmente a gente não escreve do mesmo jeito que a gente fala.

Entrevistada: Não?

Entrevistador: Não.

Entrevistada: Não, depois que cê falou aí, meu Deus, era melhó eu mandá pra ele. Vamo lá.

2.2 ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Como você veio morá aqui?

Entrevistada: Eu nasci aqui.

Entrevistador: Cê nasceu aqui?

Entrevistada: Aham.

Entrevistador: Mas assim seus pais eles também são daqui?

Entrevistada: Não.

Entrevistador: Eles são de onde?

Entrevistada: Meu pai é de Teresina e minha mãe é de Afogados.

Entrevistador: Afogados é de onde?

Entrevistada: Pernambuco.

Entrevistador: Pernambuco? Tá. E você conhece a história tipo assim da família, como eles vieram pra cá, porque e quando.

Entrevistada: A minha mãe veio pra cá pequena ainda e o meu pai não sei.

Entrevistador: Mas assim eles vieram coma família deles, né.

Entrevistada: Sim. O meu pai veio porque o meu vô ia trabalhá em Brasília, uma coisa assim.

Entrevistador: Por emprego, digamos, né.

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: Minha família também veio assim. E cê sabe tipo como era a vida lá? Você já foi pra cidade onde eles moravam antes?

Entrevistada: Já. Eu conheço assim mais ou menos. Lá do meu pai, pouco. Da minha mãe também foi pouco eu só passei e...

Entrevistador: Entendi. Nunca ficou o tempo assim necessário né.

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: E você tem parentes lá?

Entrevistada: Tenho, muitos.

Entrevistador: Então você nasceu aqui né.

Entrevistada: Isso. Nasci aqui em Luziânia.

Entrevistador: Você já morou em Luziânia? Você sempre morou aqui no Mingone?

Entrevistada: Foi eu morei aqui. Teve um tempo que eu passei lá, lá na Vila Esperança. Morei lá uns... Alguns meses. Não sei mais ou menos. Porque eu estudava lá no Torinha, aí eu morei lá.

Entrevistador: Ah tá. Entendi. Aí você também tem parente lá além do seu pai?

Entrevistada: Tem o que?

Entrevistador: Você tem algum parente lá em Luziânia? Seu pai mora lá, né?

Entrevistada: Isso, meu pai mora em... Minha vó, alguns tios.

Entrevistador: Então você vai lá frequentemente né.

Entrevistada: É, isso.

Entrevistador: O que vocês mais gostam de fazer juntos?

Entrevistada: Vocês quem?

Entrevistador: Você e sua família.

Entrevistada: Então, de vez em quando assim tem os almoço em família e é isso. Eu particularmente eu...

Entrevistador: Fica em casa, né

Entrevistada: É fico em casa estudano.

Entrevistador: Entendi. Tá na luta pelo concurso ainda?

Entrevistada: To. Na luta.

Entrevistador: É. Tenso né. Mas assim a sua família muita gente ta aqui?

Entrevistada: As famílias que tem lá é dos parente do meus pais. As minha ta aqui, tipo meu pai, a família da minha mãe ta aqui. Aí lá é a deles, entendeu.

Entrevistador: Entendi. Aí assim, as pessoas tão se desenvolvendo aqui. Tendo filho?

Entrevistada: Isso. Tudo aqui. Ta continuando aqui.

Entrevistador: E qual a sua atual profissão?

Entrevistada: Auxiliá administrativo.

Entrevistador: Ah, você ta trabalhando?

Entrevistada: To.

Entrevistador: Aonde?

Entrevistada: Lá no Shinorrara.

Entrevistador: Ah é lá na escola?

Entrevistada: Aham.

Entrevistador: Legal.

Entrevistada: Bem aqui pertinho.

Entrevistador: Uhum. Bom que é perto né. Você começou lá quanto tempo?

Entrevistada: Final de fevereiro. Ta com três mese.

Entrevistador: E cê tem tipo a relação com as pessoas é boa? É um bom lugar pra trabalhar?

Entrevistada: É, lá é tranquilo. O ruim lá é que é perigoso né. (inint) o horário a noite e a tarde.

Entrevistador: Ah sim. Aí cê trabalha na secretaria?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Você já conhece o pessoal de lá? É amiga dos alunos?

Entrevistada: Alguns.

Entrevistador: Ah é? Cê já conhecia?

Entrevistada: Não.

Entrevistador: Cê não conhece o pessoal aqui da vizinhança?

Entrevistada: A Maíli, o Rafa, o Igu.

Entrevistador: Todo mundo já saiu assim da escola, né.

Entrevistada: É. O pessoal de lá eu num conheço muito não

Entrevistador: Tá. Cê conhece a ***?

Entrevistada: Sim, ela mora ali.

Entrevistador: Ah, é minha amiga. O que você acha que falta na sua cidade?

Entrevistada: Vamos lá, na cidade em si ou aqui?

Entrevistador: Nos dois. Principalmente aqui porque é aonde você mora né, você tá todos os dias...

Entrevistada: Segurança.

Entrevistador: Segurança é uma coisa que deve pesá né.

Entrevistada: É. Lazê assim eu acho que quase num tem lugá pra saí.

Entrevistador: É um saco né.

Entrevistada: E assim o principal é a segurança, puque tá demais né. O pessoal aí tá seno assaltado demais.

Entrevistador: Nossa. Complicado. Cê acha que seria uma boa ideia se o governo criasse pra descobrí e divulgá a história da cidade? Aqui do Mingone né, de Luziânia a gente já conhece.

Entrevistada: Não sei. E num tem né. Tinha que tê. Tinha que tê né, o governo tinha que tipo, ah.

Entrevistador: Você pratica algum esporte ou faz alguma atividade cultural?

Entrevistada: Caminhada.

Entrevistador: Você faz por aqui mesmo? De noite, de manhã?

Entrevistada: Eu tarra fazeno di manhã, agora com esse frio eu dei uma paradinha mas tem que voltá. Só.

Entrevistador: Mas assim não é perigoso?

Entrevistada: É perigoso, agora tá mais perigoso, puque mei que começô uns assalto aí.

Entrevistador: Não pode levá celulá né.

Entrevistada: Não, mas eu não levo. Vô normal.

Entrevistador: Entendi. É, você caminha aqui mesmo ou você vai pra outro lugá?

Entrevistada: Aqui mesmo. O ginásio é longe e a quadra aqui é perigosa então é melhó ficá na rua mermo.

Entrevistador: Certo. Você apoiaria um programa de esportes e ativides culturais aqui?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Você acha que seria bom assim pros adolescentes?

Entrevistada: A toa né. Não, é. Tinha que tê, assim, seria bom. Pro bairro se desenvolvê. Até no Ingá, né.

Entrevistador: Demais. Tem o ginásio mas vira ponto de encontro de droguinha.

Entrevistada: Eu acho que lá ta ainda mais desenvolvido do que aqui.

Entrevistador: Tá um pouco mas eu acho que é puque tem mais gente.

Entrevistada: E aqui ainda tá mais ao menos do qui pra li.

Entrevistador: Lá no osfaya o negocio é...

Entrevistada: O negócio é, né.

Entrevistador: Nossa, parece que parou no tempo. Muito, muito estranho aquele lugá.

Entrevistada: Ali eu nunca andei muito não.

Entrevistador: Aqui é o mingone dois ou é o um?

Entrevistada: Dois. O um é do outu lado.

Entrevistador: O um é do outro lado? Ah sim. O que você falaria pro seu prefeito se você tivesse a oportunidade?

Entrevistada: Uai, tipo, melhorias né. Segurança, assim a prioridade no momento seria a segurança, aí depois vinha mais o lazê assim essas coisa.

Entrevistador: Entendi. Problemas de infra-estrutura né. O que você acha de morá perto de Brasília?

Entrevistada: É bom e é ruim, porque ó. No momento ta tipo transito ta uma negação né, mas é bom tipo puque qualqué coisa assim tem mais tipo de emprego né, mais...

Entrevistador: É um centro né.

Entrevistada: É, tem mais oportunidades pra lá né, e aqui ainda ta mais ou menos.

Entrevistador: Certo. Qual é a sua visao de brasilia pra gente mesmo. O que você acha que ela significa pra gente que mora aqui no entorno.

Entrevistada: A minha mãe trabalha no Guará. Praticamente em Brasília, né. Ó isso aí é bem assim, vai de cada pessoa, porque olha nós (inint) as veze num temos tipo a Brasília vou lá conhecê uma coisa ou outra né. Tem gente que vem de fora pá í lá conhecê.

Entrevistador: Faz viagem, né.

Entrevistada: É. Aí eu fico, meu Deus eu tenho (inint) que mora em São Paulo. Aí quando eu fô aí a gente vai em tal lugá, tal lugá... Eu nunca fui! Particularmente assim é pouca coisa que eu conheço lá em Brasília.

Entrevistador: Eu também.

Entrevistada: Num sô de í lá. É tipo normal, aí o pessoal vem de longe pra í lá conhecê catetinho, ponte, senado, e nós aqui do lado não vai.

Entrevistador: No máximo a igreja, né. Já dei uma passada assim e ainda foi com a escola.

Entrevistada: Eu particularmente só conheço aquela dáblío três, o pátio e até ali na rodoviária.

Entrevistador: Uhum.

Entrevistada: Catetinho eu nunca fui, jota ká... Não, a ponte eu já fui.

Entrevistador: Já passou, né. Só não parou pra tirá foto.

Entrevistada: É. E o pessoal vem de longe pra tirá foto.

Entrevistador: Então, beleza Jessica, valew.

Entrevistada: Pu nada. Precisando.

Entrevistador: Você não tá no grupo né?

Entrevistada: To em outro, mas é o do pessoal da minha sala. Pode colocá. O pesoal conversa muito aí eu saio.

2.3 TEXTO ESCRITO

Nasci na cidade de Luziânia-GO, os meus pais se conheceram aqui mesmo, mas cada um veio de um Estado diferente, a minha mãe veio de Afogados da Ingazeira- PE, já o meu pai veio de Teresina-PI, os pais dos meus pais vieram em busca de trabalho e melhorias para a família, naquela época as circunstancias eram precárias onde nasceram, atualmente minhas Avós e filhos residem aqui no Estado de Goiás na Cidade de Luziânia, contudo ainda temos familiares nestes Estados de onde vieram.

Particularmente, tive uma visita rápida em ambos os lugares de onde vieram meus pais, soube um pouco sobre o passado deles, pelo o que contam naquela época as coisas eram bastante difíceis.

Como os meus pais são separados não temos muito que fazer juntos, mas quando fazemos algo é almoço em família, aniversario de alguém, natal e ano-novo, feriado as vezes tem almoço na casa de alguém da família, visito meu pai nos finais de semana mas quando tenho tempo vou na semana mesmo, como moro com minha mãe e avó sempre estamos mais juntas, quando sobra um tempinho frequento a casa de tias também, mais depois que tivemos a tecnologia de redes sociais temos contato frequentemente sem precisar visitar muito, rs.

Atualmente, trabalho como auxiliar administrativo em um Colégio, converso com todos da equipe e não tenho muitas amizades por lá apenas o necessário para exercer o serviço.

Na cidade falta um pouco de tudo, mas atualmente a falta está precária enquanto a segurança, o governo nunca consegue estabilizar tudo de uma única vez, sempre falta uma ou outra coisa, ou seja, quando uma coisa vai mais ou menos a outra vai mau. O transporte público também está difícil na cidade com poucos transportes e quando se tem as vezes motoristas são mau educados, vê-se muito isso no dia a dia, mas as pessoas não reclamam pro órgão central do transporte, falta pessoas qualificadas pra exercer suas profissões, falta transporte com conforto para trabalhadores, falta infraestrutura, falta educação de qualidade, falta programas de incentivo a educação e lazer para crianças e adolescentes, atividades de lazer para os idosos e aposentados, programas de incentivo ao mercado de trabalho deveria ser empregado em escolas gerando incentivo para trabalharem e criarem seu próprio negócio.

3. INFORMANTE 3 – MK

3.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADA

Entrevistador: Já entrou na vida das horas?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: É quantas horas por semestre lá?

Entrevistado: Hã, horas por semestre eu não lembro.

Entrevistador: Não sei se lá é por semestre.

Entrevistado: Não, é por semestre, é por semestre. Mas eu não lembro quantas são em arquitetura mas a gente teve horas... A semana de arquitetura eu assisti todas as palestras, pá pegá as horas.

Entrevistador: Na UnB a gente tem créditos e não horas.

Entrevistado: Aham.

Entrevistador: E cê tem que fazê um monte de trabalho inútil.

Entrevistado: Nossa, inútil!

Entrevistador: Inútil. Eu fiz um monte. Fiz até Introdução aos [...]

Entrevistado: O quê?

Entrevistador: Futuro do Brasil.

Entrevistado: Oxi.

Entrevistador: Fiz educação e trabalho, fiz...

Entrevistado:Predeu nada.

Entrevistador: Eu fiz por causa dos créditos mesmo.

Entrevistado: Ah, meu celulá vei.

Entrevistador: Caiu?

Entrevistado: Um monte de vez já.

Entrevistador: Esse aí é atrás né.

Entrevistado: É, a frente nunca quebra.

Entrevistador: Que bom.

Entrevistado: É, pelo menos isso.

Entrevistador: É um XPeria?

Entrevistado: É, mas os pedacin dele tão caindo ó.

Entrevistador: Isso que dá, esses celulá de vidro aí. Calma aí, beleza. Ta precisando de estágio?

Entrevistado: Eu?

Entrevistador: É, ta procurando ou não?

Entrevistado: To não, ainda não. Puque falô que em arquitetura só consegue tipo o terceiro, no terceiro já é difícil.

Entrevistador: A partir do terceiro já é difícil conseguí?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: O pessoal só qué do primeiro?

Entrevistado: Não, qué do mais pra frente, mai...

Entrevistador: Lá pro final.

Entrevistado: É, tipo, sexto pra frente.

Entrevistador: Letras é assim também.

Entrevistado: Aham. Tu vai virá professô mermo?

Entrevistador: Tem que ser, né.

Entrevistado: O que letras faz se não fô professô?

Entrevistador: Você pode ser revisô. Ou tradutor, ou...

Entrevistado: Corrigi a redação do ENEM.

Entrevistador: Isso já é professô que faz.

Entrevistado: Não, [inint].

Entrevistador: Só professô que corrigi redação.

Entrevistado: Mas aí tu vai sê professô de escola particulá ou...

Entrevistador: Cara, eu vou tentá o mestrado no fim do ano.

Entrevistado: Nossa vei, tu é [inint]. Tu num qué tê vida não, tu num qué vivê não.

Entrevistador: Cara, num é isso. Eu quero ter o que comer.

Entrevistado: Num ficá lá no erre u né.

Entrevistador: Não, tá bom. Quando eu penso que tem dois anos de mestrado no erre u... Já ta na chuva...

Entrevistado: Tem um muleque muito estranho aqui, é o Marqui.

Entrevistador: (risadas). Por que o ériqui mandou essa carinha aqui estranha, tipo aff? Tu conhece o Eirckson?

Entrevistado: Que Erick? Ah, conheço.

Entrevistador: De Mato Grosso.

Entrevistado: Que alguém mandava Erick aí mandava uma caixinha de som né.

Entrevistador: Isso, era a Dri. Dri sumiu. Tu conheceu a Gabi?

Entrevistado: Acho que, acho que eu não cheguei a conhecê ela não, mas eu já vi a *** falando. Ah, a *** mandou eu perguntá alguma coisa, perai.

Entrevistador: Ela te falou que eu conversei com a mãe dela um tempão?

Entrevistado: Falô, não ela falô que foi conversô com a mãe dela.

Entrevistador: Foi uns trinta minutos, moço.

Entrevistado: Ela mandô eu falá alguma coisa, só que eu esqueci. Ela até falô que se a *** viesse não era pa falá perto dela.

Entrevistador: Uai, o que que era pô?

Entrevistado: Não sei, eu não lembro

Entrevistador: Ela me perguntô...

Entrevistado: Ah, não fale sobre minha ida. Não fale sobre minha ida quando o Jess e a Thami forem ver vocês.

Entrevistador: Que po?

Entrevistado: Aí o que que ela mandô falá ó.

Entrevistador: Ela perguntô ontem se a u eni bê ia entrá de greve. Era isso? Puque o pai dela não vai deixá ela vim.

Entrevistado: Ah é ela falô pra gente não comentá com ninguém que ela ta querendo vim pra cá.

Entrevistador: Ah tá.

Entrevistado: Aí: Não fala no grupo que eu to olhando pra í aí, oquei? Pede pro Jessé também não falá. Quero que só vocês e a Lidi saibam.

Entrevistador: Nem a ***?

Entrevistado: Nem a ***. Foi isso que ela falô, que se a *** viesse não era pra mim falá nada.

Entrevistador: Por que?

Entrevistado: É por que ela não qué que ninguém fique fazendo pergunta.

Entrevistador: Eu entendo. As vezes que eu concorri na UnB eu não falei pra ninguém.

Entrevistado: Aí a, aí ela não qué que a *** fique fazendo pergunta, porque a ***a é chata.

Entrevistador: Alguém me explica. (risadas)

Entrevistado: Eu acho que eu tava nessa época.

Entrevistador: Já tava né.

Entrevistado: Acho que eu tava, acho que eu lembro disso aí. Existe o google.

Entrevistador: Aí ela: Pois eu pergunto mesmo! Cê parou de tretá com ela, antes era direto.

Entrevistado: Parei, é de boa. Acho que nem ela lembra, saca. Que até as veze ela vem falá comigo.

Entrevistador: Sim, o legal da *** é isso, ela as veze dá uns grave mas ela num guarda rancor de ninguém, entendeu.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Cê brigou com ela hoje, amanhã já... Lá em cima é tão escondido. Deixa eu avisá pra ela. É que a entrevista vai sê gravada.

Entrevistado: Vai?

Entrevistador: Vai, pô. Já pensô se eu tivesse que escrevê tudo? É muito trabalhoso.

Entrevistado: É gravada como? Assim?

Entrevistador: Não pô, só o áudio.

Entrevistado: Ah bom.

Entrevistador: Tu achou que ia aparecê o William Bonner aqui (risadas).

Entrevistado: (risadas) É. Vamo ali embaixo [inint] comprá um terno.

Entrevistador: (risadas) é vou um comprar um terno, né. Não, um terno não. Cara o casamento [...]

Entrevistado: Sério? Que massa, véi.

Entrevistador: Daí com que roupa se vai pra um casamento assim?

Entrevistado: Uai, bota uma calça jeans e uma blusa social, pô.

Entrevistador: A blusa social eu vou pegá uma do meu cunhado.

Entrevistado: Vai de esporte fino.

Entrevistador: Eu vou com um suspensório e vou vê se eu compro uma calça de sarja hoje, que eu já a quero a muito tempo e [...] Ué a *** não sabia porque é que a gente ia vim não?

Entrevistado: Não. Eu falei a eu vou me encontrá com o *** aí ela eu vou. Ta bom.

Entrevistador: Ainda bem que ela não veio, puque na hora da entrevista ela ia ficá falando. E ela não serve.

Entrevistado: Num cala a boca.

Entrevistador: Ela já ta quase formada. Tem que ser alguém que não tem graduação ou começô agora.

Entrevistado: Que tipo de pergunta é?

Entrevistador: É sobre família e cidade. A relação com a família e com a cidade.

Entrevistado: A minha relação com a minha família é muito boa, é.

Entrevistador: Ainda não começou, cara. Guarda as palavra.

Entrevistado: Eu to ensaiano, eu to ensaiano.

Entrevistador: Então ensaia aí. Tipo, mas é pra falar viu po, porque eu entrevistei deu três minutos. Num pode dá três minutos não, é de cinco minutos pra frente.

Entrevistado: É? Minha relação com minha família toda ou com quem eu moro?

Entrevistador: Sua família toda, principalmente com quem cê mora.

Entrevistado: É. Minha família a maió parte mora no interiô do maranhão. Aqui em Brasília eu só moro com minha mãe. É, nossa relação é muito boa.

Entrevistador: Calma jovem, faz isso não.

Entrevistado: Eu to bem, vou fazê bem lento que é pra durá os cinco minutos.

Entrevistador: Baiano é.

Entrevistado: Minha relação.

Entrevistador: Mustafari.

Entrevistado: Com minha família.

Entrevistador: Um serumaninho compõe a minha família.

Entrevistado: Caraca eu tenho uma amiga que achou que não, que achou que aquilo era ele mesmo. Eu falei não véi, é um personage.

Entrevistador: Não reconheceu o Marco Luque? Caraca.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Fez o Jackson Five.

Entrevistado: Aí tu já viu aquela imagem que tem ele de terno escrito exatas e ele de mustafari escrito humanas?

Entrevistador: Já.

Entrevistado: Eu mostrei aí ela ca ca ca ca ca. Sabia que é o mesmo cara? Mentira, sério? Que não sei o quê.

Entrevistador: É aquela guria que ta no grupo?

Entrevistado: É, a Lari.

Entrevistador: Ela nunca mais falô.

Entrevistado: É que ela fica mó [inint] puque ela não faz os trabalho né, aí ela fica bem apertada. Aí ela ta sem internet em casa, mas quando ela tem internet ela fala.

Entrevistador: Putz. É aquela que é fanática por doctor who, né?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Vei aqui fede muito.

Entrevistado: Menores... Eu tenho quase vinte anos.

Entrevistador: Quase vinte... Cê tem dezoito, ow. Eu tinha vindo aqui uma vez na vida, num dia que eu tava procurando o cinema.

Entrevistado: Tinha onde era a Zelo hoje né.

Entrevistador: Ah é? Dizem que era ruim né?

Entrevistado: Nunca tinha vindo não.

Entrevistador: Vamo começá?

3.2. ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Como é que você veio morá em Brasília, senhô ****?

Entrevistado: É, eu vim morá em Brasília quando eu tinha por volta de quatro anos. Minha mãe a gente morava no Maranhão, e primeiramente minha mãe veio pra cá, sem mim, pra arrumá um trabalho aqui e se estabilizá. Quando ela conseguiu ela voltô no Maranhão e me buscô. E eu tava com a minha avó.

Entrevistador: Não sabia que cê era maranhense, cara.

Entrevistado: Eu era.

Entrevistador: Caraca. Massa.

Entrevistado: Qué dizê eu era não, eu sô.

Entrevistador: Beleza. Então a família toda da sua mãe ta lá ainda ou ela veio sozinha, como é que é?

Entrevistado: Minha mãe veio sozinha. Uma parte da minha família ta lá mas eu tenho parentes em Goiânia, em São Paulo, em vários outros estados.

Entrevistador: Massa. Tu ficou lá até quantos anos?

Entrevistado: Até os quatro anos.

Entrevistador: Cê respondeu, to boiando. E tu lembra de alguma coisa de lá?

Entrevistado: Lembro. Lembro. Barra do Cordo. Eu volto lá ainda porque parte da minha família ainda mora lá então por volta de dois em dois anos eu ainda volto lá pra vê todo mundo e tal.

Entrevistador: Massa, cara. Quais são as comidas típicas de lá?

Entrevistado: Comida típica do Maranhão?

Entrevistador:É. O que vocês comem lá que não come aqui?

Entrevistado: Ah, comida típica do Maranhão... Vixi cara agora eu não vou lembrá nenhuma, puque como eu saí pequeno e só volto passo uma semana né de dois em dois anos. Comida típica agora...

Entrevistador: Arroz, feijão e carne.

Entrevistado: É, arroz, um ovinho frito ali.

Entrevistador: Beleza. O que que cê acha que tem de interessante lá que não tem aqui?

Entrevistado: Em Barra do Cordo ou no Maranhão?

Entrevistador: Em Barra do Cordo.

Entrevistado: Em Barra do Cordo, de interessante, como ela é uma cidade é relativamente pequena ela não tem muita coisa, ela não tem um shopping, ela não tem um cinema, então ela não tem muita coisa, ela tem, acho que o único ponto turístico de Barra do Corda seria o seu rio, né. O rio corda que ele tem uma junção que ele se junta com um outro rio lá, que agora eu num vou lembrá o nome do outu rio. Acho que é o único ponto turístico de lá.

Entrevistador: Mais tranquilo que aqui também.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Mais segurança, ou não?

Entrevistado: Mais segurança nem tanto. Também não tem tanta violência assim, não tem tanto índice de violência, mas em questão de segurança de policial essas coisa também não tem.

Entrevistador: Saquei. Cê conhece a história da sua vó, dos seus tios?

Entrevistado: Conheço a história dos meus bisavós. Meu bisavô ele era, ele veio da Itália pro Brasil e conheceu a minha bisavó aqui no Brasil. Aí eles tiveram onze filhos, entre eles os meus avós. Qué dizê a minha avó.

Entrevistador: Seria incesto.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Cê é Lannister cara e num me avisou?

Entrevistado: (risadas). Entre eles a minha avó que conheceu o meu avô que era fazendeiro e aí eles tiveram mais nove filhos.

Entrevistador: Incluindo a sua mãe.

Entrevistado: É, incluindo a minha mãe.

Entrevistador: É a primeira pessoa que eu entrevisto que conhece os bisavós.

Entrevistado: Minha bisavó morreu três meses depois que eu nasci.

Entrevistador: Sua mãe conhecia ela, então.

Entrevistado: É, minha mãe conheceu ela. Minha bisav... a avó dela.

Entrevistador: Massa. É, e assim, então sua família tá digamos assim espalhada, né.

Entrevistado: É, sim.

Entrevistador: Tem gente do Brasil todo. Você tem contato com essas pessoas também?

Entrevistado: Tenho contato com minha prima que tá em Goiânia e um primo que tá em São Paulo. Eu tenho tias que eu não tenho contato, mas minha mãe sempre conversa com elas, que estão em Pernambuco e Recife, não, Recife e João Pessoa.

Entrevistador: Paraíba.

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: Massa. Qual é a sua atual profissão?

Entrevistado: Hum, desempregado.

Entrevistador: Você estuda, né?

Entrevistado: Estudante.

Entrevistador: Qual curso você faz?

Entrevistado: Arquitetura e urbanismo.

Entrevistador: Terminou nem o primeiro semestre, né? Puque isso tem que ficá registrado puque se não vai sê recusado, cê num pode tê terminado [...]

Entrevistado: É, Asa Sul.

Entrevistador: Agora cê mora em...

Entrevistado: Em São Sebastião.

Entrevistador: Mas assim cê morou em grande parte do tempo na vila.

Entrevistado: Na vila planalto.

Entrevistador: Então eu queria que cê falasse da vila.

Entrevistado: Na Vila planalto. Qual que é a pergunta?

Entrevistador: Que que cê acha que falta lá.

Entrevistado: Bom, agora no momento falta uma escola. Que a escola que tinha lá foi demolida, falta mais segurança, porque tem um posto policial lá só que praticamente fica um policial, e ele não pode resolvê nada lá.

Entrevistador: É aqueles branquin, assim, quadradin?

Entrevistado: Não, é o antigo. Puque eles demoliram os antigos e construíram aquele rendodinho. Só que ainda é o antigo. É uma casinha assim. Só fica um policial lá e ele não resolve nada. E, é, é isso.

Entrevistador: Massa. Cê conhece a história lá da vila?

Entrevistado: A história da vila ela é, ela é, há quem diga que começô na construção de Brasília, é, várias construtoras vieram pra cá.

Entrevistador: Uhum.

Entrevistado: E essas construtoras elas construíram acampamentos, e quatro desses acampamentos ficavam naquela região ali da vila, e eles começaram os acampamentos começarem a se unir, e começaram a criá uma cidadezinha pequena ali que era próxima da construção. E quando Brasília foi fundada, foi, terminou a construção, muita gente já tinha se, se instalado, já tinha criado laços com aquela comunidade ali, então eles não deixaram destruí a vila planalto. Que futuramente ia ganhá o nome de vila planalto.

Entrevistador: Os construtores de Brasília.

Entrevistado: É, sim.

Entrevistador: Massa. Cê pratica algum esporte, cara?

Entrevistado: Praticá eu, por hobbie eu tenho o futebol.

Entrevistador: Mas regularmente?

Entrevistado: Todas as, semanalmente.

Entrevistador: E atividade cultural?

Entrevistado: Cultural eu gosto de í em museu. Todo... Eu gosto de í em museu pelo menos uma vez por mês... Eu tento ir.

Entrevistador: Cinema...

Entrevistado: Cinema, sempre que tem filme bom.

Entrevistador: Massa.

Entrevistado: Tiatro, peças teatrais.

Entrevistador: Massa massa Você faz tudo isso onde você mora ou...

Entrevistado: Não, eu tinha que í para outro lugá, eu tinha que í para o centro de Brasília, eu tinha que í ali pro park shopping né que fica no Guará, museu nacional que fica aqui no centro. CCBB que fica lá perto da ponte jk.

Entrevistador: Cê sabe se existe algum programa de apoio aos esportes ou as atividades culturais lá na vila?

Entrevistado: Existe, existe uma escolinha de. Existem escolinhas de teatro e existe uma escolinha de futebol também dos próprios moradores de lá eles ensinam tanto teatro como futebol para a, o pessoal da comunidade mesmo?

Entrevistador: Não.

Entrevistado: É ONG né? Igreja?

Entrevistador: É. Esse rapaz que ele ensina futebol é por ele mesmo, ele não cobra nada, ele investe nas crianças de lá. A de teatro é um rapaz que ele era da igreja, ele era puque ele não é mais, mas ele continua com o projeto.

Entrevistado: Saquei. Cê conhece o administradô da vila? Sabe quem é?

Entrevistador: Conheço, é o Vantuil.

Entrevistado: O que vocêalaria pra ele se tivesse a oportunidade?

Entrevistador: Eu daria os parabéns pra ele pelo trabalho que ele vem fazendo na vila, puque ele é uma pessoa que sempre correu atrás de trazê o melhó pra comunidade. Ele sempre foi, foi atrás das coisas.

Entrevistado: Massa. E o que que cê acha de morá na capital federal. Qual você acha que é a visão que Brasília passa pro resto do país?

Entrevistador: Eu gosto de morá em Brasília, eu tenho tudo muito próximo de mim, mesmo morando na vila quando eu ia no centro eu chegava muito rápido. Eu não tinha muita dificuldade.

Entrevistado: É quase dentro da Asa Norte.

Entrevistador: É, é. Quase dentro, mesmo morando em São Sebastião as coisas ainda ficam perto. É, Brasília ela passa um aspecto, ela passa uma má impressão pro resto do Brasil,

porque aqui é aonde fica a capital e é aonde tem o congresso, essas coisas de política e como muita gente não gosta, acham tudo corrupção, jogam toda a culpa pra cima de Brasília. Então muita gente não gosta de Brasília.

Entrevistado: Então a impressão é negativa.

Entrevistador: É.

Entrevistado: Tendi. Isso aí po, valeu.

3.3 TEXTO ESCRITO

Eu, ***, nasci em uma cidade chamada Barra do Corda no interior do Maranhão. Barra do Corda por vezes é considerada uma cidade atrasada, tem poucas opções de diversão e lazer. Não tem shoppings, cinemas ou museus. O maior ponto turístico da cidade é o Encontro do Rio Miirim, que tem águas com uma cor mais barrenta, com o Rio Corda que tem águas mais cristalinas. A cidade tem uma boa segurança, por ser pequena, tem poucos casos de gente ser presa. Também tem um Hospital e várias escolas. Quando eu tinha 2 anos, minha mãe veio a Brasília atrás de emprego e me deixou em Barra do Corda na casa de meus avós. Quando eu tinha 4 anos, minha mãe já tinha conseguido emprego e se estabilizado em Brasília, então voltou para me buscar. Vim então morar na Vila Planalto, lugar bem próximo ao Centro de Brasília. Vila Planalto é um bairro pequeno, bem menor que Barra do Corda, porém, a Vila fica bem próximo ao centro de Brasília. A Vila é bastante conhecida por seus diversos Restaurantes, que na verdade, só são frequentados em sua maioria por pessoas que não moram na Vila. Vantuil, o administrador da Vila, é uma pessoa batalhadora, ele luta para transformá-la em um lugar melhor para todos. A escola que tinha lá foi destruída para se iniciar a construção de uma nova, pois há que tinha era provisória e já estava funcionando em condições precárias. No entanto, o governo do Distrito Federal só destruiu a antiga e até hoje não se iniciou a construção da nova escola, isso já se prolonga por 4 anos, com isso, as pessoas que querem estudar tem que descolar até a Asa Sul ou Asa Norte atrás de Escolas por lá. Além de não ter escolas, a Vila também não tem muitas opções de Lazer e Diversão, tendo apenas algumas praças e duas quadras poliesportivas, assim temos que ir ao centro de Brasília, atrás de cinemas, Museus, Teatros etc. Apesar de tudo, eu não trocava a infância que eu tive na vila por nada, é um lugar bonito, onde quase todo mundo se conhece e diverte juntos, onde as crianças crescem jogando bola na quadra, brincando de pique esconde e essas coisas.

4. INFORMANTE 4 – RT

4.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADA

Entrevistador: Oi ***, tudo bem?

Entrevistada: Tudo bom, como é que cê tá?

Entrevistador: To bem e você?

Entrevistada: De boa.

Entrevistador: Eu tava pr'aquelas bandas do CAPSI.

Entrevistada: Ali já, ah não, o CAPSI é ali ainda. O CAEP que não é mais.

Entrevistador: Ah sim, mudou de lugar né. E aí, tudo bem?

Entrevistada: Tudo bom.

Entrevistador: Você...

Entrevistada: Era sobre o que mermu que era o negócio? Foi mal, to meio desorientada (inint) o negócio também, aí eu...

Entrevistador: Não, relaxa. Vai ser sobre família e cidade. Sua relação com a família e com a cidade.

Entrevistada: Ah, massa. É um trampo seu?

Entrevistador: Isso. Um trabalho. Daí tem que entrevistar...

Entrevistada: Final de semestre. É uma loucura... Eu sei.

Entrevistador: Fala não... Eu to é quase louco já, mas Deus é bom. Vai dar certo.

Entrevistada: Peraí rapidão, É que eu quero... Será que foi ontem? Eu to tentando achá (inint).

Entrevistador: Hoje é três, né.

Entrevistada: Ah, não... Foi ontem né.

Entrevistador: Tá, pronto. Mandei e alguém me responde.

Entrevistada: Essa é a *** do ***?

Entrevistador: Não sei, parece né.

Entrevistada: Caralho, parece muito.

Entrevistador: Eu acho que ela é psicóloga, será que ela não tá fazendo alguma pós aqui?

Entrevistada: (inint)

Entrevistador: ***, do ***.

Entrevistada: Caraca. É, pode sê.

Entrevistador: Você vai fazê alguma coisa agora?

Entrevistada: Não, eu vou falá contigo e depois eu vou voltá pra casa aí depois eu vou (inint) começo de novo...

Entrevistador: Você ta fazendo a seleção aqui?

Entrevistada: Cara, pió que tá teno... Vai tê uma defesa hoje, né. Nossa, eu queria tanto passá em casa. (inint) eu lê pô.

Entrevistador: É a vida.

Entrevistada: Tem que í pra casa, í trabalhá. Vô pra defesa de seu ninguém não.

Entrevistador: Você ta fazendo a seleção de mestrado aqui?

Entrevistada: Vô nada.

Entrevistador: Não.

Entrevistada: Esse mundo de mestrado num é pra mim não. Isso aqui é, sei lá, preciso tê uns anos de caminhada aí pra pensá em mestrado porque eu num tenho muita capacidade de acadêmica não, sério mesmo.

Entrevistador: Eu to pensando em fazer isso também, vou formar o fim do ano né. Aí, quero fazer a seleção desse ano já, pro ano que vem [...]

Entrevistada: Qual que é o teu curso mermo?

Entrevistador: É letras.

Entrevistada: Pois é, tem isso né. Eu tenho essa parada assim de de achá que tem que vei, vivê primeiro sacô tá na vida e tal, e depois...

Entrevistador: Eu queria dá aula em escola mesmo [...]

Entrevistada: Ah, faz isso meu. Faz isso.

Entrevistador: To vendo.

Entrevistada: E aí mano, tudo bom?

Entrevistador: Vamo lá?

Entrevistada: Vamo lá.

4.2 ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Como é que você veio morar aqui em Brasília?

Entrevistada: Nascida e criada aqui.

Entrevistador: Ah. Sua família, eles vieram de algum estado?

Entrevistada: Vieram, é a família do meu pai ela é toda do rio de janeiro, o meu pai ele formô em medicina lá e depois veio pra cá. A família da minha mãe ela é toda do rio também, tem muitos parentes no Rio, mas eu acho que ela nasceu aqui mesmo.

Entrevistador: Um aplicativo aqui, foi mal.

Entrevistada: Um barulhão né, depois cê vai ficá surdo.

Entrevistador: É aí, não vai dá pra ouvir.

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: Você costuma visitar a família dos seus pais lá no rio de janeiro?

Entrevistada: Sim, eu passei a minha vida toda indo lá, tipo, eu cresci indo pra Niterói, visitá os meus avós lá, sempre visitei muito assim.

Entrevistador: Massa. E assim, você acha que na sua casa vocês tem muitos costumes lá do Rio?

Entrevistada: Costumes que a gente traz do Rio...

Entrevistador: Coisas que você vê por exemplo na casa da sua avó, dos seus tios e que você vê também na sua casa.

Entrevistada: Da cultura do rio de janeiro?

Entrevistador: É.

Entrevistada: Cara, pió que não. Acho que não. Que algumas coisa assim até simples, tipo, comê feijão preto que é uma coisa assim que todo carioca faz pra caraca todo dia, lá em casa assim a gente quase não come feijão preto, adoro sinto super falta assim, mas p'exemplo sotaque foi uma coisa que não veio, num tem, minha família toda num tem, mas também puque minha família é de Niterói. Niterói já num tem tanto sotaque, mas é uma parada que

não veio muito. Num sei, é num sei... Essa cultura também do malandro é malandro, mané é mané... Coisa que nunca entrou muito na minha família e tal.

Entrevistador: Bacana. Comida típica você já falou. Você disse que visita lá frequentemente. Você pensa em um dia mudá pra lá?

Entrevistada: Já pensei, quase fui estudá lá um tempo, quase transferi, tentá fazê, como é que é o nome? Mobilidade. Lá pro Rio, porque minha avó ela teve câncer né, tem até hoje, mas na época foi bem difícil essa coisa do... assim de manejá o tratamento, eu queria tá mais perto dela... E aí, juventude! Homi, pausa aí a parada. Deixa eu falá.

(FIZEMOS UMA PEQUENA PAUSA PORQUE A ENTREVISTADA ENCONTROU UM AMIGO E QUERIA CONVERSAR COM ELE)

Entrevistador: Voltando. Você conhece a história da sua família?

Entrevistada: Meu pai veio pra cá por causa do concurso, né, ele formô em medicina lá, passou no concurso público aqui e veio. Agora a família da minha mãe... Na real assim a família da minha mãe, a minha avó deu uma, eles deram uma circulada assim. Minha avó conheceu o meu avô no Rio aí eles casaru e tal, aí eles moraram em outros lugares também, eles foru~ pra Londres na época que meu avô tava fazendo mestrado, doutorado ou alguma coisa assim, aí depois voltaram por algum motivo eles vieram pará em Brasília, mas puque eu não sei. Meu avô de Cuiabá ele é a parte diferente, o resto é tudo do Rio e a família do meu avô em Cuiabá, aí na verdade sempre teve uma parada muito forte d'eu não tê acesso assim a essa família. A essa cultura e tal, sempre me incomodô um pouco isso, puque eu sempre fui muito pro Rio, aí há poucos.. na verdade a alguns anos, poucos anos atrás que eu tive a oportunidade de í a Cuiabá, conhecê um pouco da história da família do meu avô... Achei a história iradíssima! Tem histórias incríveis, incríveis, incríveis... Super legais. Gosto muito da raíz da família do meu avô.

Entrevistador: Aham. Então apesar das duas partes da família serem do msm lugar eles se conheceram aqui?

Entrevistada: Uhum. Não, eles se conheceram em Brasília.

Entrevistador: Bacana isso. O que você e sua família mais gostam de fazer juntos?

Entrevistada: Todo mundo junto... A gente gosta, eu não sei se a gente gosta... É, xeu vê, é puque é difícil fazê alguma coisa junto né, mas essa parada do gostá eu acho que tem uma coisa de, conseguí fazê variás coisa e sabê o que você gosta mais né. A coisa que a gente mais consegue fazer junta e é bom é quando a gente senta pra comê junto. É, ultimamente tem sido algo difícil mas as vezes domingo, aí sai passa um tempo junto assim né, normalmente é legal.

Entrevistador: Legal. Os seus irmãos e as suas irmãs continuam em Brasília?

Entrevistada: É.

Entrevistador: Sua família ta continuando aqui. Ninguém voltou?

Entrevistada: Não não, todo mundo aqui, sempre junto.

Entrevistador: Ah. E qual a sua atual profissão?

Entrevistada: Psicóloga. Psicodramatista.

Entrevistador: Qual função você exerce?

Entrevistada: Desemprego.

Entrevistador: Ok.

Entrevistada: É, não, eu to tipo bicho vários lugares ao mesmo tempo, mas assim, fazendo várias coisa, algumas coisa voluntárias, to começando a (inint) uma especialização, clínica mesmo, vou conduzí grupo em alguns lugares, mas assim sem trampo fixo assim eu to fazendo isso ainda não, mas bastante tempo.

Entrevistador: Legal. E assim, você falou desses projetos voluntários, né? Algum vinculado à UnB?

Entrevistada: Sempre, u eni bê é uma mãe, uma liga aqui de saúde da família e comunidade, to dano monitoria numa matéria que tá sendo super legal, hm.. mais alguma coisa aqui. Tem uma pesquisa que eu to fechano, escreveno um artigo aqui, sobre (inint). Aí a liga que eu faço parte por causa dela eu to num projeto de extensão ajudando a conduzí grupo lá no centro de saúde da ceilândia.

Entrevistador: Assim, agora falando daqui de Brasília. Você mora na Asa Sul né?

Entrevistada: Uhum.

Entrevistador: O que você acha que falta lá?

Entrevistada: Gente. Na rua.

Entrevistador: Uma boa respota.

Entrevistada: Falta, falta comunidade, falta essa vivência de comunidade, falta interação, faltam encontros na rua. Sinto muita falta na minha quadra mesmo tem uma prefeitura, tá completamente abandonada eu fico pensano assim eu cara esse espaço podia sê genial, no sentido de proporcioná relações mesmo né.

Entrevistador: Então cê acha que falta essa mudança de cultura npe.

Entrevistada: Uhum.

Entrevistador: Meio que individualista demais aqui. Também sinto isso. Você acha que seria bacana se o governo fizesse alguma coisa pra coletar as culturas das pessoas e as histórias das pessoas que moram aqui?

Entrevistada: Boto fé. Acho que é uma coisa que precisa sê feita mesmo puque Brasília é uma cidade muito nova né uma cidade que ela foi criada de uma forma meio imposta né, chegou alguém e disse “i have a dream” aí construíu Brasília né, num foi uma construção social conjunta, um processo cultural né, num foi um processo cultural né, o processo cultural veio depois né, e a sensação que eu tenho é que eu e a minha geração estamos participando avidamente desse processo de construção da cultura de Brasília assim, eu tenho a sensação de que a cultura de Brasília é uma coisa que ta muito em construção assim, que é um lugá que vem muita gente de muitos lugares pra cá, e aí trazendo várias culturas e cada um com seu costume e aos poucos assim o costume de Brasília ta sendo montado, ta se estabelecendo, é tanto até nas redes sociais assim, tão saindo algumas coisas legais tipo assim, é, ah o jeito de Brasília de sê, tipo tem memes, tem fotos, eu sinto que as pessoas, é eu sinto que as pessoas tão num movimento nossa cara é isso a cultura da minha cidade é isso mesmo nossa, e é legal isso, mas eu sinto que é que é uma identidade que ta se formando e acho que seria legal o governo mermo tipo é promovê um pouco essa cultura no sentido de reconhecê as coisa que já tem, dá visibilidade pras coisa que já existem que são culturais da cidade.

Entrevistador: Bacana. Você pratica alguma esporte ou alguma atividade cultural?

Entrevistada: Eu pedalo. Atividade cultural... Quero começá, começar a fazê oficina de clown. Palhaçaria.

Entrevistador: Legal. Você pensa em alguma coisa em hospital?

Entrevistada: Aham.

Entrevistador: Bacana.

Entrevistada: Quero muito, mas to só esperando abrí a oficina.

Entrevistador: É relacionado a igreja?

Entrevistada: Não, pió que não. To querendo fazê por fora na verdade puque eu to querendo fazer uma parada muito boa, aí eu to nessa, puque eu tenho um pouco essa briga com as coisa da igreja porque as veze as coisas artísticas são muito mal feitas, aí eu tenho essa. Pois é, aí eu tenho essa birra assim, sabe, eu acho a arte um universo foda assim, sensacional, e aí eu tipo num gosto de vê a arte sendo feita pelas coxas assim. Acho que se é pra fazê vamo fazê direito.

Entrevistador: Instrumentalizada né.

Entrevistada: É. E aí eu to nessa querendo fazê isso mas assim, de esporte é mais o pedal mesmo que é uma parada massa que me permite vivenciá a cidade de um jeito completamente diferente assim essa parada de você tá num outro ritmo. No pedal você percebe a cidade de um, de outros ângulos, de outras formas, num ritmo que é mais acelerado que o carro, que o ônibus por exemplo, você consegue respirá melhó o ar da cidade, prestá atenção em detalhes que a gente num presta atenção, tipo árvore que ta ali, aí nossa que árvore massa num tinha visto ela aqui, mas cê passa por ela todo santo dia, mas aí quando cê tá do lado ali das coisa, nossa é isso percebe o movimento da cidade, legal, eu gosto.

Entrevistador: Você realiza essas atividades aqui mesmo ou vai até outra cidade?

Entrevistada: Não, é mais aqui, eu quero um dia sei lá pedalá até pirinópolis ou até, mas ainda não consigo assim, mas eu quero.

Entrevistador: Legal. Você apoiaria então um programa de apoio aos esportes e as atividades aqui?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Eu acho que já existe, né.

Entrevistada: É, não, tem uns programas legais, tem uns programas bem legais que tem tipo verba do governo e tal, tem muita coisa boa de esporte em Brasília, acho, acho que a gente tá bem servido.

Entrevistador: É que essa entrevista assim eu fiz com pessoas de Luziânia né, do Entorno, e agora tô entrevistando pessoas de Brasília. As realidades são muito diferentes, né.

Entrevistada: Muito diferente.

Entrevistador: Tá sendo muito interessante.

Entrevistada: Eu acho que aqui tem muita coisa mas eu acho que as coisa não são tão divulgadas assim, tem coisa pra caraca, poxa velho tem muita coisa.

Entrevistador: É, desde que eu me mudei pra CEU eu percebi. Tem direto saltos ornamentais aqui.

Entrevistada: Caraca tá veno que massa, não sabia.

Entrevistador: Eu te aviso até.

Entrevistada: Ah, cê avisa aí, tem várias coisa vários esporte em Brasília só que não é divulgado. Tem rugby em Brasília

Entrevistador: Sim, eles treinam no Cê Ó, eu já vi.

Entrevistada: Tem futebol americano, tem tipo caraca. Falaru que tem umas coisa de patins que é tipo Ro... Sei lá o que... Que é um negócio meio agrevisso que a galera fica rodano tem uma parada de derrubá o oto... Caraca! Que coisa louca, vei.

Entrevistador: É. Aqui em Brasília, não tem prefeito né, tem administrador da região. O que você falaria pro seu administador se você tivesse a oportunidade?

Entrevistada: Ai, engraçado né, consigo nem imaginá isso direito.

Entrevistador: Acho que aqui não tem essa representação né.

Entrevistada: Puque aqui a gente não tem essa cultura de...

Entrevistador: As vezes vocês nem conhecem o administrador porque não é voto direto... Nas cidades com quem eu falei antes...

Entrevistada: Todo mundo sabe quem é o prefeito né.

Entrevistador: Esse ano tem eleição pra vereador e prefeito.

Entrevistada: Cara que loco né, fiquei pensando nisso agora. Não sei mesmo quem é o administrador de Brasília. E aí, eu acho que é isso, tem um pouco a ver com a... de Brasília, essa cultura um pouco de não reconhecimento, não pertencimento disso como essa é a minha cidade e tal, porque a gente não tem essa parada de prefeito que a gente vota tipo, e aí você vai pedir as coisas pro prefeito. Brasília é meio que a terra de ninguém né, é de todo mundo e não é de ninguém, tipo, é um pouco da união...

Entrevistador: É o público no Brasil, né.

Entrevistada: Tipo, é terra de ninguém, é terra de ninguém, tipo os hospitais, a própria unidade mesmo, o agê e o bê, é agora entrô em (inint) mas assim existiam questões administrativas complicadíssimas, mas assim é a união falava ah não, isso aqui é do gê de éfe, o gê de éfe falava ah não, isso aqui é da união, e fica, tudo aqui no dê éfe administrativamente funciona meio assim, mas eu fugi da pergunta do que perguntar o que pedi, o que pedi.

Entrevistador: O que você falaria pra ele se tivesse a oportunidade. Quais demandas.

Entrevistada: Ah. Nossa cuidá melhor do parque da cidade, um potencial absurdo assim tipo (inint).

Entrevistador: O maior parque da América Latina, né.

Entrevistada: Sim o maior, é o maior parque da América Latina e é um espaço muito, assim, adoro, sou apaixonada pelo parque da cidade mas é muito mal aproveitado, muito... Cara, eu fui no Ibirapuera, eu fiquei assim meu que lugar é esse cara, e é bem menor que o parque da cidade mas parece que é enorme porque tem muita coisa.

Entrevistador: Utiliza o espaço de uma forma melhor né.

Entrevistada: Utiliz... Não, tem um museu lá dentro, tem dois museus lá dentro, é absurdo um espaço muito bem utilizado mesmo. Eu sinto que falta isso mesmo. Mas mesmo assim as pessoas da cidade se apropriam muito desse espaço, a galera usa muito.

Entrevistador: Mas é um espaço mais aberto né. Bacana. O que você acha assim que Brasília representa num contexto nacional?

Entrevistada: Eu acho que o país tem uma visão de terra de corrupto. É, e de as pessoas tem essa impressão que a gente participa ativamente todo dia das decisões políticas do país assim né, tipo nossa, cê é de Brasília, caramba tá uma loucura por lá né, assim, e aí cê fala pra pessoa assim, olha, tá uma loucura mas a política do país tá uma loucura pra todo mundo, puque assim a minha rotina, eu compro pão todo dia de manhã, vô no mercado e as coisas tão funcionando assim razoavelmente normal, claro que tá uma bosta, a inflação num sei o que na na... Mas assim, a rotina é uma rotina de cidade e eu sinto que as pessoas não percebem muito esse outro lado de Brasília né, tem gente que acha que a gente toma café com o presidente, essas coisas engraçadíssimas que as pessoas fazem né.

Entrevistador: Mora ali na esplanada né.

Entrevistada: É, as pessoas tem essa visão também de que, de que aqui é terra de corrupto e todo mundo aqui é corrupto também né, só que não. Né, não mesmo. Agora o que eu acho, qual era a outra coisa?

Entrevistador: O que você acha, como moradora de Brasília, que Brasília representa de fato pro Brasil ou pode representar.

Entrevistada: Representá pro Brasil...

Entrevistador: Eu tava vendo uns posts assim dizendo que Brasília tinha acabado com o patriotismo brasileiro e que Brasília é uma cidade oca.

Entrevistada: Mas é, mas faz sentido esse comentário do oco puque eu ia falá assim querendo ou não o que a gente transmite é meio apolítico assim, a população de Brasília, eu tenho a sensação, a gente é muito despolitizado mesmo assim, muito despolitizado, cê tem um (inint) tem uma aversão assim de conversá sobre política, de se envolvê com política, é só que aí eu não tenho a vivência pra sabê dos outros estados né mas aqui pelo menos o diálogo é quase impossível assim, uma parada surreal, eu realmente não sei como é que isso tá acontecendo em outros lugares do Brasil, mas aqui é tipo, como que cê vai conversar com a pessoa que, ainda mais se fô uma pessoa que tivé um posicionamento político muito forte, se tivé o cabô não tem diálogo né, assim, isso pras pessoas que se posicionam né, mas assim pras pessoas que não se posicionam que é assim, uma gama gigantesca de gente, porque tipo assim é muito

loco de fato é um lug, assim Brasília é um lugar muito estratégico politicamente, porque tá tudo aqui, os ministérios são aqui, mas a população não se envolve muito na, é que tipo assim, o que é muito claro na é quando tem ocupação aqui, quando tem manifestação, quando tem as coisa, vem ônibus de fora pra cá né, e precisa vim de ônibus de fora pra cá porque se não não acontece. Eu vou conhecendo uma ocupação lá na funarte, mas meu passa gente de tudo quando é canto do país, porque Brasília não tem contingente político pra dá conta das lutas que a galera quer sustenta assim, aí o que foi o caso por exemplo da parada da saúde mental que eu acompanhei mais de perto, que a galera ocupou a sala da direção da saúde mental porque era absurdo a pessoa que escolheram, que o antigo ministro da saúde escolheu pra ser diretor do departamento de saúde mental do Brasil. Aí enfim a galera ocupou, só que foi uma parada e aí assim cara aqui em Brasília a gente não tem perna pra sustentá isso, a gente não dá conta porque, a galera de Brasília de cadê de se envolvê não é o meu direito eu não quero esse cara tira esse cara daqui e tal, aí assim passou gente do Brasil inteiro naquela sala da ocupação porque Brasília não dá conta, não tem contingente né, então assim nesse sentido é oco mesmo né, pensando na política como um espaço democrático, que é um espaço que as pessoas se colocam, reclamam, exigem direitos, se posicionam, é difícil mesmo né, Brasília atrapalha um pouco esse processo pensando nisso porque as pessoas daqui não ocupam esse lugar que é um lugar que eu imagino que se fosse no rio ou em São Paulo seria completamente diferente assim, São Paulo é um lugar que totalmente mobilizado assim né.

Entrevistador: Então é isso.

Entrevistada: É isso, acabou?

Entrevistador: Muito obrigado.

4.3. TEXTO ESCRITO

Meus pais se conheceram em Brasília mas a família de ambos é do Rio de Janeiro, a família da minha mãe mora aqui mas o restante é todo mora lá no Rio e a do meu pai mora toda no Rio mesmo. É interessante como pouco passou da cultura do Rio para a minha família nuclear, pelo menos eu não consigo perceber muita coisa, por exemplo, no Rio se come feijão preto todo santo dia e aqui em casa quase nunca, ou até sotaque ou expressões típicas não fazem parte do nosso jeito de falar.

Sou nascida e criada aqui em Brasília mas as vezes parece que sou de outro lugar, não me identifico com algumas coisas do jeito brasileiro de ser, as relações frias, amizades

muito queridas que se distanciam sem muitos porquês, a falta do bom dia na rua ou até de puxar assunto com desconhecidos. Cresci indo ao rio de janeiro visitar a família, talvez isso tenha me oferecido um outro modelo possível, inclusive sempre que vou lá sinto que fico diferente, mais leve, mais aberta para conhecer gente nova, mais conversadeira.

Sinto falta de gente na rua aqui em Brasília, parece que está todo mundo sempre correndo ocupado e dentro dos seus carros, mas sei que esse incomodo não é só meu, várias pessoas relatam a mesma coisa e acho que a prova cabal disso são esses novos movimentos em Brasília de eventos a céu aberto em espaços públicos com a intenção de promover contato entre as pessoas.

Acho que existe um movimento de construção da cultura da cidade acontecendo, Brasília é muito nova e não passou por um processo gradativo de criação da cidade, foi criada a partir do nada contando com gente de todos os cantos do país para morar aqui, penso que cada um cuidou de manter seu vinculo cultural com o seu canto de origem. Minha geração e talvez uma anterior são as primeiras que podem se chamar de brasiliense mesmo, nascidos e criados aqui. Pensando sobre isso cheguei a conclusão que essa geração está participando ativamente do processo de construção da cultura dessa cidade, eu também faço parte disso, acho maravilhoso pensar nisso.

De forma geral gosto muito de morar aqui, amo o verde e as flores no meio da cidade, o horizonte sem prédios enormes tampando a vista, o céu e o por do sol, a chuva que cai de um lado da rua e do outro não, a falta de morros que deixa o pedalar mais suave, as estampas dos azulejos, o CCBB, o parque da cidade, a onda fitness daqui, o lago, as cachoeiras, as ruas não terem nome de gente (sofro nas outras cidades), os carros pararem na faixa de pedestre. Enfim, amo minha cidade

5. INFORMANTE 5 – JS

5.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADA

Entrevistador: E aí, tudo bem ***?

Entrevistada: Tudo bem ! E com você?

Entrevistador: Também! Eu... E o estudo, como ta?

Entrevistada: ***, mas é difícil...

Entrevistador: Difícil?

Entrevistada: ... estudá a distância

Entrevistador: poxa...

Entrevistada: Muito difícil, muito difícil...

Entrevistador: E aquele trabalho lá, deu certo?

Entrevistada: Deu.

Entrevistador: Deu?

Entrevistada: Deu. Só alguns pontos meu... que tinha que colocá... lembra que... eu sei que vale um vírgula cinco. E eu fiquei com um virgula sete. Eles são muito exigente com algumas coisinha assim, essas besteirinha deles tudo. Aí é porque assim, tem as atividades, cada atividade, ***, é zero vírgula um uma pergunta. Zero vírgula dois... Cada unidade, são seis unidades, aí cada unidade tem uma atividadezinha assim. Então, só sei que somano ao total eu fiquei com quatro.

Entrevistador: Tendi. Então é um monte de coisa pequenininha...

Entrevistada: Bestinha, bestinha...

Entrevistador: Isso dá uma, dá uma dor de cabeça...

Entrevistada: E é isso que na primeira prova eu não fui muito bem. Só são cinco questão a prova, e eu tiv... fiquei com três.

Entrevistador: Aham.

Entrevistada: Sabe, eu fiquei... Prefiro a do Enem mil vezes do que a dela, porque a do Enem você tem mais chance de acertá, porque aquele tanto de pergunta...

Entrevistador: É, verdade. Cê faz a prova lá em Brasília.

Entrevistada: É, lá na faculdade.

Entrevistador: Mas a média é cinco pra aprovar?

Entrevistada: Seis.

Entrevistador: E cê tirou quanto?

Entrevistada: Eu fiquei com... Graças a essas atividadezinha tudo que ajudou aí eu fiquei com seis vírgula cinco.

Entrevistador: Ah sim...

Entrevistada: Pelo menos assim, não é boa né, porque ficou bem no cru mesmo.

Entrevistador: É só português esse semestre, esse mês, você fala. É português?

Entrevistada: É por mês.

Entrevistador: Já trocou?

Entrevistada: É, aí esse é de economia, agora esse tipo de coisa aí é de português. Aí esse mês já é de probabilidade estatís...

Entrevistador: Estatística.

Entrevistada: É. Que eu ainda nem comecei a estudá. Segunda feira que eu vou começá.

Entrevistador: Você já fez de economia e português?

Entrevistada: É.

Entrevistador: E cê passou nas duas.

Entrevistada: Não, a prova de português eu ainda vô fazê ainda.

Entrevistador: Ah tá... Economia deve ser difícil, né?

Entrevistada: (inint) e é coisa assim que num ... e num é uma pessoa te explicano mas só que...

Entrevistador: Uhum, e lá não tem um plantão de dúvidas não?

Entrevistada: Tem um tutor só, online mesmo.

Entrevistador: Onli.. Mas onde você faz a prova não tem, né.

Entrevistada: Aí tem que sê semi-presencial.

Entrevistador: Ah tendi. Onde o seu namorado faz é semi-presencial.

Entrevistada: Ele não ta gostando.

Entrevistador: Não?

Entrevistada: Não. Porque é semi-presencial, mas é assim é o telão c'as video-aula.

Entrevistador: Então não muda muito, né?

Entrevistada: Não muda. Do que adianta?

Entrevistador: Aí é mais caro?

Entrevistada: Não, depende da... depende da...

Entrevistador: Faculdade

Entrevistada: Do curso mesm... E do meu não tinha semi-presencial (inint). Aí ele ta querendo colocá totalmente a distância.

Entrevistador: Pelo menos não tem que ficá pegano ônibus né.

Entrevistada: aí como não é uma pessoa lá te explicano mesmo num dá pra fazê pergunta nem nada é a mesma coisa.

Entrevistador: A minha mãe faz umas materias online também [...]

Entrevistada: acha que é qualqué, aham... tem nada disso

Entrevistador: sempre ela chega... ah[.]

Entrevistada: é desse jeito... mas na de economia o que salvô mesmo foi essas atividadezinha

Entrevistador: Tinha muita matemática

Entrevistada: Não era só pergunta mesmo normal de sobre tabela, sobre... perguntas... sobre o valor... sobre como é que era... ai Jessé, sumiu as palavra da cabeça. São pergunta mesmo normal, não tinha cálculo nem nada não, poque graças a Deus... Agora não sei mais pra frente né, com certeza deve tê.

Entrevistador: É talvez, algumas coisa de financeiro, né.

Entrevistada: É.

Entrevistador: É gestão hospitalá.

Entrevistada: Acho que quando vai ter, porque tem matemática essas coisa .

Entrevistador: São quatro semestres, né

Entrevistada: Uhum.

Entrevistador: Ah, mas bom que cê tá aí na luta. Aquela sua amiga Ana Paula ta fazeno também né.

Entrevistada: Tá fazendo a distância. Pedagogia. Ela já ta estagiano já.

Entrevistador: Que legal.

Entrevistada: A prefeitura você começô já te coloca pra (inint)

Entrevistador: É que nem eu sempre falo...

Entrevistada: Só que ela tá ne creche.

Entrevistador: Quem estuda pra sê professor [...]

Entrevistada: Não fica. Não fica A Gabriela desde ela que começô ela não parô.

Entrevistador: Ela dá aula lá no campos do saber ainda?

Entrevistada: Nossa, eu acho que é só duas veze ou três veze por semana.

Entrevistador: Ela dá aula em escola pública.

Entrevistada: Dá. São vários lugá.

Entrevistador: Mas ela dá pra minino grande?

Entrevistada: Não sei se é na terceira série... Terceiro ano. Eu não sei se é o segundo ou é o terceiro, uma coisa assim.

Entrevistador: Bom, são oito perguntas [...]

Entrevistada: Ta bom.

5.2 ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Como você veio morar aqui?

Entrevistada: Eu nasci aqui. É, eu nasci, aí desde sempre eu to aqui.

Entrevistador: Você conhece a história da sua família?

Entrevistada: Pió que não.

Entrevistador: Nada nada nada? Tipo assim, seus pais, sua mãe...

Entrevistada: Assim, minha mãe morou... morava no Pedregal, aí do pedregal veio pro dez. Aí depois que casou veio pra cá. E meu pai do Maranhão, aí do Maranhão e pra cá... Desde sempre.

Entrevistador: O que vocês mais gostam de fazer juntos?

Entrevistada: Dormi.

Entrevistador: Juntos?

Entrevistada: I pra igreja e dormi. É... Fica um no sofá o outro no chão... Todo mundo dorme. E assisti filme também.

Entrevistador: Qual é a sua atual profissão?

Entrevistada: Nenhuma... infelizmente.

Entrevistador: O que você acha que falta na sua cidade?

Entrevistada: Respeito... Muito respeito. Acho que do respeito vai um 3mt que se constrói o outro né.

Entrevistador: Respeito um pelo outro ou dos governantes, como assim?

Entrevistada: Tudo. Um pelo outro... É, daí vai, um vai construindo o outro né.

Entrevistador: Você acha que [...]

Entrevistada: Eu também não, ***. Por que que o nome é Jardim Ingá?

Entrevistador: Não sei.

Entrevistada: Eu já ouvi dizê que é porque tinha muito Ingá plantado.

Entrevistador: Eu também.

Entrevistada: Não tem. Eu acho que seria uma boa né, pra descobri. Eu não sei a história como é que é. Eu acho que seria interessante.

Entrevistador: Porque em Luziânia [...]

Entrevistada: Eu acho que seria uma boa. Porque realmente eu não sei ***.

Entrevistador: Eu também não.

Entrevistada: Eu acho que seria uma boa.

Entrevistador: Você pratica algum esporte?

Entrevistada: Não, eu sou sedentária. A única coisa que eu fazia era andá de bicicleta pra i trabalhá e agora nem isso eu não faço.

Entrevistador:

Entrevistada: Ai seria muito bom, porque nem na escola não tem muito incentivo. Não tem quadra não tem nada né.

Entrevistador: O pessoal do CECMA [...]

Entrevistada: Na rua.

Entrevistada: Eu acho que seria uma boa também, se tivesse incentivo né.

Entrevistador: Você apoiaria então o programa?

Entrevistada: Apoiaria, muito.

Entrevistador: No ginásio falta segurança também né.

Entrevistada: Muita segurança. Acho que tiraria muita criança da rua também e da frente do computadô.

Entrevistador: A gente também né.

Entrevistada: A gente também.

Entrevistador: O que você falaria se pudesse falá com o seu prefeito?

Entrevistada: Eita. Asfaltá minha rua, porque *** eu nunca vi ***... É ruim quando chove... Acaba com a rua, acaba acaba acaba.

Entrevistador: Desce muita água aqui né.

Entrevistada: Muita água. Então eu acho que o asfalto né, emancipá ***.

Entrevistador: Boa também. Porque esse ano é ano de eleição né.

Entrevistada: De eleição, só que aí promete promete e num *** cumpre né.

Entrevistador: Então é isso. ***, muito obrigado.

5.3 TEXTO ESCRITO

Minha relação com a minha família é muito tranquila, respeito, confiança, lealdade e cumplicidade são, o que não falta, fazemos praticamente quase tudo juntos, não fazemos muitos lazers fora, somos muito caseiros. Faço tudo o que preciso na minha cidade, Banco, supermercado, igreja, infelizmente não tem muita coisa para fazer aqui, já que não tem atrativos para lazer, apenas o ginásio de esportes, onde fazemos caminhada e jogamos. Mas infelizmente é um ponto de drogas. A segurança está muito complicada, a população anda com medo, pois a cada esquina é um assalto, as lojas ficam com grades tentando ter pelo menos um pouco de proteção, que muitas vezes nem adianta. Estão prometendo a possibilidade da criação da guarda municipal, para melhora do nosso município. A saúde ainda está muito precária, o atendimento é muito fraco e sem estrutura, onde alegam não terem equipamentos, ou os que têm estão quebrados e sem previsão de conserto, tendo que buscar atendimento em outro hospital, Gama ou Brasília. Começaram a construir uma UPA (Unidade pronto atendimento) próximo ao hospital com previsão de termino até o fim do ano. A população está esperançosa e confiante que a promessa será cumprida. O Jardim Ingá cresceu muito, melhorou bastante, mas tem muita coisa a ser feita e promessas a serem cumpridas pelos governadores.

6. INFORMANTE 6 – WY

6.1 ENTREVISTA MENOS MONITORADO

Entrevistado: E aí meu brother!

Entrevistador: E aí pastô, beleza?

Entrevistado: Como é que cê tá meu irmão?

Entrevistador: To bem graças a Deus.

Entrevistado: Bacana mermo? Bora.

Entrevistador: Vamo lá.

Entrevistado: O pessoal ainda tão chegano. Aqui começa que horas o culto? Sete e meia?

Entrevistador: Começa sete e meia né, mas... Acho que, é, já tem bastante gente já

Entrevistado: Ah tá. Já, já tem bastante gente. Lá tem menos ainda, o pessoal vai chegano oito horas... Se você marcá pra oito horas, o pessoal chega oito e vinte...

Entrevistador: É... O Brasil é assim mesmo, né. Eu achava que era só igreja que era assim, mas não é não.

Entrevistado: Não, é qualqué coisa velho.

Entrevistador: Reunião que marca...

Entrevistado: Pó marcá reunião pra vinte minutos... Pelo menos tem que marcá vinte minutos antes do horário realmente proposto, que se não...

Entrevistador: É, cê marca oito e meia pra começá nove né.

Entrevistado: É. A galera chega sempre atrasada e acha bonito.

Entrevistador: (risadas)É até estranho.

Entrevistado:Uhum. O pessoal acha elegante chegá atrasado

Entrevistador: Deselegante é chegá cedo né. Parece que você tá com pressa assim, qué qué saí logo. Parece que nem qué vim né, chegou muito cedo.

Entrevistado: Aí a galera já vai nesse pensamento aí pronto, aí acaba atrasando todo o horário do culto.

Entrevistador: Verdade. A gente tinha um pastô aqui que ele começava o culto sete horas, ele já começou com ele sozinho.

Entrevistado: Sete horas, véi?

Entrevistador: É o culto era sete horas no domingo. Aí uma vez ele tinha vindo pra cá, tinha uma mania pió ainda de esperá quarenta minutos pra começá.

Entrevistado: Nossa.

Entrevistador: Aí ele não, isso vai acabá. Aí ele começou, até que as pessoas se acostumaram.

Entrevistado: É, acaba que o pessoal se adapita ao...

Entrevistador: Mas aí ele saiu...

Entrevistado: Ai voltô (inint) de novo..

Entrevistador: Aí o outro que entrô, nem era o pastô Fernando, era o antes dele. Num continuou...

Entrevistado: É, com certeza. O pior que eu marquei pra sete e meia, o pessoal chegano praí orano... só que, não não rolou dessa forma.

Entrevistador: É igual a minha mãe marcando oração antes da escola dominical.

Entrevistado: Pra vê se a galera chega né. Mas a galera pensa que a oração é como se fosse um paliativo pra começá o culto... E aí num vem, ou chega atrasado.

Entrevistador: Complicado.

Entrevistado: É igual o louvô. O pessoal chega no momento do louvô, ou depois, porque pensa que o louvô é só pra passá o tempo.

Entrevistador: Exatamente. Na assembleia tem muito isso, é hino da harpa, canta primeiro o hino da harpa [...]

Entrevistado: É.

Entrevistador: Aí se você chega depois da palavra, você chegou na hora.

Entrevistado: Então.

Entrevistador: Os hinos e a palavra é pra esperar o povo chegá.

Entrevistado: É...

Entrevistador: Não é verdade...

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistado: É a nossa cultura.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Infelizmente é assim. Mas pelo menos o pessoal convidado chegô no horário.

Entrevistador: Ah. Tá indo o pessoal lá do Jesiel?

Entrevistado: Uhum.

Entrevistador: Minha mãe tinha comentado. Acho que ela volta da faculdade com uma menina de lá [...]

Entrevistado: Porque assim a gente num, não temos o hábito de mandá carta. A batista num tem esse costume. E aí acaba que vai tipo no boca a boca, e como os nossos jovens são muito poucos, aí a gente sempre precisa de reforço, e nós não tivemos nenhum culto de jovens esse ano ainda. E como assim, acabô que eu tive que tomá um posicionamento, uma atitude. Eu não sô o lídê de jovens, na verdade nós não trabalhávamos com uma liderança específica, a gente trabalhava assim todos fazendo. E aí, só que a Kellen sempre puxava o barco mais né, mas aí ela foi embora e o pessoal tava muito ocioso, muito parado e tal, aquele negócio sem ânimo sem nada, eu falei não vamo fazê pelo menos um culto aqui pra gente criá o hábito de fazê pelo menos um mensalmente, um culto de mocidade.

Entrevistador: Aqui na ADIX é assim também [..]

Entrevistado: É mesm?

Entrevistador: Aí eu to indo domingo a noite pra Brasília.

Entrevistado: Eita ferro.

Entrevistador: Porque assim, eu to vindo pra cá uma vez no mês... Duas no máximo.

Entrevistado: É mesmo, cara? Caramba véi...

Entrevistador: É que eu to escrevendo a monografia e trabalhando.

Entrevistado: Nossa, aí é corrido mesmo. Monografia é a pió parte.

Entrevistador: Pois é, aí eu fico visitando igreja em Brasília quando eu to lá [...]

Entrevistado: Sim, estudei na éle dois, ali na seiscentos e... dez.

Entrevistador: Na norte?

Entrevistado: Na Sul.

Entrevistador: Ah, na Sul... Na Sul também tem um monte de igreja.

Entrevistado: Bem do lado de um colégio adventista.

Entrevistador: Tem aquela Assembleia Novo dia.

Entrevistado: Foi nessa assembleia aí que eu estudei inclusive, lá era a sede da faculdade, aham.

Entrevistador: Aham.

Entrevistado: Ah tá... Eu tenho um amigo que ta fazendo lá também. Como é que é o nome lá?

Entrevistador: UNIECO.

Entrevistado: É a distância num é?

Entrevistador: Ela é semi-presencial. Acaba que no último ano você precisa í mais lá no, pra lá. Porque tem a convalidação, aí tem tá no sábado é o dia todo lá na faculdade. Tem que arrumá lugá pra almoçá e tudo. Se bem que lá tem uma cantina, lá faz comida mesmo então.

Entrevistado: Já dá um adianto, né.

Entrevistador: Não tem problema.

Entrevistado: É.

6.2 ENTREVISTA MAIS MONITORADA

Entrevistador: Vamo lá, é, como você veio morar aqui?

Entrevistado: No Jardim Ingá ou...

Entrevistador: É, no Jardim Ingá.

Entrevistado: No Jardim Ingá eu vim depois de tê uma mudança. Nós viemos da Bahia. Da Bahia a gente morou em Ceilândia uns dois anos, aí de lá a gente veio pra cá. Aí meu pai começou a construí aqui. Aí aqui a gente ficou.

Entrevistador: Cê tinha quantos anos?

Entrevistado: Seis anos de idade.

Entrevistador: Ah, muito novo. Isso é bom. Então cê meio que cresceu aqui mesmo, né.

Entrevistado: Foi, foi aqui mesmo.

Entrevistador: Certo. Ah, cê conhece a história da sua família? Assim... Gerações passadas, seu pai e sua mãe.

Entrevistado: De gerações assim até uma certa, uma certa geração, no caso... Acredito que... ah... Dos meus avós pra cá. Num passa a sê...

Entrevistador: Mais disso não, né. Cê ainda tem parentes lá na Bahia?

Entrevistado: Tenho, tenho sim... Na verdade, nin... não tenho parente nenhum aqui. Só somos eu e meus irmãos. Os parentes estão ou na Bahia ou no Recife ou em São Paulo. Mas aqui mesmo só tão, só estamos eu e meus irmãos.

Entrevistador: Saquei. É, pois bem. Qual é a sua atual profissão hoje em dia.

Entrevistado: Minha profissão é auxiliá de escritório. Já há oito anos.

Entrevistador: Aqui? Em Brasília?

Entrevistado: No Valparaíso.

Entrevistador: Valparaíso né. Bom que num tem que ficá andano tanto né.

Entrevistado: É, o trânsito é mínimo

Entrevistador: Isso é bom cara. É o que você mais gosta lá no seu trabalho?

Entrevistado: No meu trabalho o que mais gosto eu acredito que seja uma certa tranquilidade. Porque como eu já tenho tanto tempo então eu não preciso mais daquela, das pessoas me ficarem dizendo o que eu tenho que fazê então eu já sei o que eu tenho que fazê na verdade eu desempenho meio que autônomo. O serviço que tem que sê feito.

Entrevistador: Aham. Saquei. Cê tem muito amigo lá, a relação é boa?

Entrevistado: É, é boa. A gente, assim dos funcionário lá a gente é, meio que uma família assim, a gente tem uma relação muito boa.

Entrevistador: Massa. É, aqui no Jardim Ingá o que que você acha que falta pra podê ficá melhó?

Entrevistado: Ah, falta muita coisa. Bem, acho que um investimento na infra-estrutura seria uma excelente pedida. Afinal de contas a gente ta meio que carente na questão assim do lazer,

a segurança também influenciaria porque assim se a gente não tem lazê é justamente porque falta segurança e a pessoa fica com medo de levá os filhos, saí e tal e acaba ficando (inint) dento de casa. E escravizado, mas falta falta muita coisa, falta é o próprio povo se impô pra que essas coisas sejam agilizadas e feitas e tudo mais e acredito que uma prefeitura aqui seria melhó, pois com uma prefeitura aqui teria mais recurso.

Entrevistador: Verdade, concordo com você. Cê acha que seria uma boa ideia se o governo criasse um projeto pra delinear, divulgar a história da cidade?

Entrevistado: Sim, seria bom sim.

Entrevistador: Porque Luziânia é histórica né e tal e o Jardim Ingá ele meio que ta sendo um apêndice colado assim que vai carregado né [...]

Entrevistado: É, fica meio que jogado né, fica meio que jogado. Porque como não tem muito o que fazê aqui aí as pessoa vão preferí outros lugares próximos aqui e acaba que vira mais que até uma referência negativa, e aí é complicado. Mas se o governo investisse nisso eu acredito que seria bom sim. Mostrá a história do povo aqui que o próprio povo desconhece.

Entrevistador: Você pratica algum esporte ou atividade cultural?

Entrevistado: Ah, eu só vou a academia cara. Mas eu já pratiquei capoeira.

Entrevistador: Ah, legal.

Entrevistado: Aí já foram alguns anos também, então deu pra conhecê lov bastante coisa. Eu fazia justamente por causa digamos que existe meio que uma ponte pra ginástica olímpica e como eu gostava dos saltos então eu fazia capoeira como era mais acessível. Mas eu ainda cheguei a frequentá o ginásio de ginástica olímpica hum, algumas vezes, pra matá a vontade. Mas depois, é, tudo mudou e a gente vai tendo outras prioridades e acaba que isso ficou de lado.

Entrevistador: Atividade cultural pode ser a igreja também né.

Entrevistado: É, levando assim em consideração o ensino você acaba que carrega uma bagagem até interessante.

Entrevistador: Envolve várias pessoas.

Entrevistado: Envolve várias pessoas...

Entrevistador: As atividades que a própria igreja faz.

Entrevistado: Uhum.

Entrevistador: Saída, passeio...

Entrevistado: Com certeza. Isso aí acaba que...

Entrevistador: Tá dentro, né.

Entrevistado: Tá dentro.

Entrevistador: Você tem que ir até outra cidade pra realizá essas atividades?

Entrevistado: Não, eu faço aqui mesmo.

Entrevistador: Aqui mesmo, né.

Entrevistado: Aqui mesmo. Até porque é mais, mais cômodo.

Entrevistador: Você apoiaria um programa de apoio as esportes e as atividades culturais aqui? Cê até já respondeu antes.

Entrevistado: É, com certeza. Na verdade o envolvimento da população com alguma coisa assim, é, já sanaria alguns problemas que nós temos. P' exemplo é o envolvimento dessas pessoas que tão meio que no mundo do crime, digamos assim, as veze a desculpa deles é que falta alguma coisa pra fazê, não sei algum programa desse tipo e aí se tivesse eu acredito que já não haveria desculpa né. Aí a gente ia vê se de fato é por causa disso ou não (risadas).

Entrevistador: É verdade. E você vê que não tem muito mesmo de fato, por exemplo fizeram o ginásio [...]

Entrevistado: É, com certeza. A gente fica meio que coibido né, fica na verdade inibido de frequentá lá puque, essas más conversas por lá.

Entrevistador: Eu ia corrê com o meu pai [...]

Entrevistado: Com certeza. De vez 2su em quando eu até corro lá, naquela pista. Assim, uma vez 2su na semana as veze dá pra corrê lá, aproveitá que é nesse nesse período eu acredito que esse ano houve uma procura muito grande por desenvolvê uma atividade física no geral, aí o pessoal tá investino em corrida, corrida, caminhada e tal. Então lá fica...

Entrevistador: Porque é mais barato, mais fácil..

Entrevistado: É, coloca um 3mt tênis lá e vai corrê. E tem muita gente lá correndo, umas dez horas da noite tem muita gente.

Entrevistador: O que vocêalaria ao seu prefeito se tivesse a oportunidade?

Entrevistado: Co prefeito? Bem hã, assim eu nunca parei pra pensá nisso, nessa situação. Digamos que hipoteticamente, é, eu acredito que uma mudança, uma mudança no investimento. Questão de, da segurança e na educação. É, até mesmo o pessoal que faz 2sv a nossa segurança pudesse palestrá nas escolas a respeito de drogas, de crime como na minha época havia isso e hoje em 3mp dia eu já não sei como é que tá funcionando, mas na minha época havia policiais, os próprio policiais iam lá, palestravam, mostravam os efeitos que eram ruins, que são ruins e acaba que as pessoas eram mais informadas a respeito disso, e havia digamos que uma certa resistêcia das pessoas procurarem as drogas e o crime por conta dessa informação que havia. Já hoje em dia eu acredito que ta meio que solto e o pessoal já não tem mais isso, e principalmente a mídia divulgando como que se fosse uma coisa boa, fosse uma coisa que influenciasse a liberdade da pessoa, e aí o pessoal meio que desbandeou pra isso. Mas eu acredito que um investimento na segurança e na educação seria interessante, p'que se a pessoa fô bem educada, digamos que ensinada na escola a respeito de sê um bom cidadão e em casa é claro que o professô não tem a responsabilidade do pai, mas pelo menos ele pode influenciá de uma forma, então eu acredito que a segurança seria, é, não haveria tanta necessidade de usá a força pra, pra coibí esses atos p'que a pessoa já tava mais direcionada, já sabia o que que é o certo e o que que é o errado.

Entrevistador: Você trata o que causa, né.

Entrevistado: Isso, exatamente. É prevenção.

Entrevistador: Exatamente os números vão diminuir.

Entrevistado: Com certeza.

Entrevistador: Certo. O que você acha, assim, de morar perto da capital?

Entrevistado: Assim, pode se vê pelo lado bom, mas se também pelo lado ruim. P'que você tá tão perto mas você percebe que ainda assim há aquela discriminação gigantesca por você morá no entorno, então as pessoa se dirigem a você como um moradô do entorno sul de

Brasília, e aí é mas também existe a facilidade de você tá se locomovendo direto pra capital em pouco tempo, e ali existe aquela geração de emprego gigante e até razoável, e bem, são esses os prós e contras, né, na minha opinião.

Entrevistador: Verdade. É, qual é a sua visão de Brasília pro Brasil e pro mundo?

Entrevistado: Bem, hoje, hoje em dia já num é uma coisa tão orgulhosa de você dizê que mora perto da capital do Brasil. Na verdade não traz muito orgulho você falá que mora no Brasil. Porque tantas coisa que estão acontecendo, esses escândalos todos, na política e tudo mais e, é, a a imagem que as pessoas de fora tem da gente é uma imagem depreciativa, e poxa você fala moro em Brasília, moro na capital, já não traz aquele orgulho, aquele sentimento de de de patriotismo e tudo mais, justamente por causa do nosso governo. Os próprios governantes = mancham a história do Brasil, que não é uma história pequena, é uma história muito grande e por sinal muito bonita, todavia é essa mancha aí traz um sentimento de vergonha ao coração do brasileiro. O brasileiro aqui dentro do Brasil vive como, é muito limitado, muito limitado em comparação aos países de fora. Principalmente os países de primeiro mundo. A gente meio que se acostumou a vivê como um país subdesenvolvido e aproveitando a inocência do povo, aí os político meio que manipulam, aí o povo vira uma massa de manobra para que eles façam o que eles querem.

6.3 TEXTO ESCRITO

Sou natural da cidade de Glória, localizada no estado da Bahia, e vim para o Distrito Federal com apenas 4 anos de idade para, a princípio, morar em Ceilândia.

Éramos meus pais e eu, mas a família cresceu com a chegada dos gêmeos, meus irmãos. Morávamos em uma casa alugada, com poucos cômodos e como todo início é um tanto quanto difícil, enfrentamos alguns “perrengues”. Ficamos por lá por quase 2 anos e quando havia completado 6 anos de idade, nos mudamos para o Jardim Ingá, município de Luziânia, com uma promessa de vida melhor, apesar do lugar mais parecer com um grande deserto.

Não conheci a história de muitas gerações da minha família, mas sabia que moravam em grande parte no nordeste e outra menor no sudeste. Não tínhamos nenhum parente por essas “bandas”.

Deixamos tudo para trás e iniciamos uma vida aqui, do zero. Não demorou muito para meu pai construir nossa casa própria e então saímos do aluguel. O Jardim Ingá começava a crescer e muitos vinham começar uma vida aqui.

Estudei todo o ensino fundamental e médio em escola pública, fiz alguns cursos oferecidos pelo estado e me interessei por informática, então meu pai me colocou em um curso particular. Quando terminei o ensino médio arrumei um “paliativo” na área de informática por aqui mesmo até o período de entrar para o serviço militar obrigatório.

Após esse período, então, pude consolidar uma profissão. Hoje trabalho como auxiliar de escritório há cerca de 8 anos. Fiz faculdade, me casei, comprei uma casa, carro, enfim, constituí família e novas responsabilidades vieram.

Desde o tempo em que cheguei aqui nesta cidade, há 22 anos, muita coisa mudou. Mas, ainda falta muito para que tenha de fato condições de dar uma qualidade de vida razoável aos moradores.

Pelo fato de ser município, não ter uma prefeitura local (embora tenha uma administração), os recursos são poucos e nas necessidades básicas deixa a desejar. Temos poucas opções para lazer, a criminalidade anda alta, mas como todo cidadão realista, porém com certo otimismo, cremos que haverá melhorias em nossa cidade, tanto na infraestrutura, quanto na saúde, educação e segurança.

ANEXOS

1. ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADA

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS
1 - Qual é a sua procedência? Você conhece a história de sua família? Sabe das histórias, costumes e tradições da sua família? Como você veio morar aqui?
2 - Onde a história da sua família tem se desenvolvido? Aqui ou em outro local?
3 - Qual é a sua atual profissão? Qual função você exerce? Tem muitos amigos por lá? Qual atividade você mais gosta de fazer em seu emprego?
4 - O que você acha que falta na sua cidade?
5 - Você acha que seria uma boa ideia se o governo investisse em um projeto que resgatasse a história da sua cidade?
6 - Pratica algum esporte ou atividade cultural? Se sim, tem que se deslocar até outra cidade para realizá-los?
7 - Você apoiaria um programa do governo que investisse em esportes e atividades culturais?
8 - O que você falaria para o seu prefeito/administrador se tivesse a oportunidade?

9 - O que você acha de morar perto/na capital federal? Qual visão você acha que Brasília passa para o país?

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COELHO, Thamis Santana; TEIXEIRA, Eliana Pitombo. A variação do /R/ em posição de coda final no português de Angola. SEMIC-UFES, 2011. pp. 485-488.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico, 1976.

História de Luziânia. Disponível em: < <http://www.encontraluziania.com.br/luziania/> > Acesso em 13 de maio de 2016.

História. Brasília: a cidade sonho. Disponível em: < <http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2015/10/21/historia/> >

IBGE. Censo 2010. Disponível em: < www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8 > Acesso em 08 de maio de 2016.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. A teoria da variação linguística. Disponível em: < <http://www.vercentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica> > Acesso em 05 de abril de 2016.

MAIA, Flávia. Distrito Federal mantém a posição de maior renda per capita do Brasil, 19 de novembro, 2015. Disponível em: < http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/11/19/interna_cidadesdf,507261/distrito-federal-mantem-a-posicao-de-maior-renda-per-capita-do-brasil.shtml > Acesso em 01 de junho de 2016.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica in: BISOL, Leda (Org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro – 4. ed. – Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. Da linguagem coloquial à escrita padrão. Rio de Janeiro, RJ: 7letras, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fala, letramento e inclusão social. São Paulo, SP: Contexto, 2007

MONTEIRO, Cristina Góes. Marcas de oralidade. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia. São Paulo, SP: Contexto, 2000..

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOURA, Cleide Queiroz de Pauka; FERREIRA, Janaína Soares Silva Reis. Metaplasmos no falar urbano monte-belense: um estudo sobre apócope e vocalização. In: ÍCONE – Revista de Letras. São Luís de Montes Belos, v. 2, p.196-210, jul 2008.

SÁ, Edmilson José de. Metaplasmos ontem e hoje: usando o passado para entender o presente. Disponível em: <
<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/18/artigo143715-1.asp> > Acesso em 08 de maio de 2016.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. A sociolinguística e a língua materna. Curitiba, PR: Ibpex, 2009.

SILVA, Thaís Cristóvão. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios – 10. ed. – São Paulo, SP: Contexto, 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre as origens do português brasileiro. DELTA, vol. 9, n. Especial, 1993. pp. 417 - 454

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, SP: Ática, 1994.

ZANOTTO, Normelio. Estrutura mórfica da língua portuguesa – 5. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Lucerna; Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.